



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia

Experimental: Análise do Comportamento

O que é Terapia Comportamental segundo B. F. Skinner

Hercia Irany Viva

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Guedes

São Paulo
2006



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia

Experimental: Análise do Comportamento

O que é Terapia Comportamental segundo B. F. Skinner

Hercia Irany Viva

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Guedes

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Guedes.

São Paulo
2006

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Guedes

Prof^ª. Dr^ª. Maria Eliza Mazzili Pereira

Prof^ª. Dr^ª. Miriam Marinotti

“Não palmilhe sempre o mesmo caminho, passando somente onde outros já passaram. Abandone ocasionalmente o caminho trilhado e embrenhe-se na mata. Certamente descobrirá coisas nunca vistas, insignificantes, mas não as ignore. Prossiga explorando tudo sobre elas; cada descoberta levará a outra. Antes do esperado, haverá algo que mereça reflexão.”

Alexandre Graham Bell

Agradecimentos

À minha orientadora **Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Guedes**, pela dedicação e apoio durante todas as etapas desse trabalho, marcados pela sua serenidade e pelo enriquecimento que sua disposição e conhecimento contribuíram à minha vida.

À todos os professores do programa **Psicologia Experimental**: análise do comportamento, devo dizer: foi uma luta, foi um corre atrás constante. Mas, como foi bom. Tê-los como mestres, faz toda diferença.

Às **Prof^{as}. Dr^{as}. Miriam Marinotti, Jaide Regra e Christinna Stroka** pelo incentivo constante.

À **Prof^a. Rosa Maria Galvão**, pelas trocas importantes no decorrer do curso e pela sua amizade.

À toda equipe de funcionários do programa, especialmente à **Dinalva** pela colaboração e apoio nesta empreitada.

Um agradecimento especial à **minha mãe**, o maior modelo de amor e garra em minha vida.

Aos meus irmãos **Vane, Carlos, Toninho, Jú e Luis**, pontos brilhantes de apoio, na minha história.

E, a você **Álvaro**, companheiro de todas as horas, meu agradecimento mais profundo por toda compreensão, força e colaboração, sempre.

Dedico aos meus queridos filhos **Bruna e Gabriel**: meus maiores desafios, nos quais me comprazo.

A você, **Zezinho**, meu querido irmão que, se estivesse entre nós, certamente, estaria sensibilizado e feliz por esta conquista.

Aos meus **amigos** e aos meus **clientes**.

SUMÁRIO

RESUMO	I
ABSTRACT	II
Possíveis explicações para diversidade de trabalho do terapeuta comportamental	1
A partir da terminologia	1
A partir da diferença entre behaviorismo metodológico e radical	6
A partir dos paradigmas de condicionamento operante e respondente	11
A partir de uma perspectiva histórica	16
MÉTODO	19
Material	19
Procedimento	19
RESULTADOS.....	22
Prescrições encontradas a propósito de ambiente	22
Prescrições encontradas a propósito de controle	35
Prescrições encontradas a propósito de terapia	42
DISCUSSÃO	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	70

ÍNDICE DE ANEXOS

1 - Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV - "Psicoterapia", do livro de B. F. Skinner <u>Ciência e comportamento humano</u> , 1953.....	71
2 - Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner <u>Contingências do reforço: uma análise teórica</u> , 1969.....	80
3 - Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - "O lado operante da terapia comportamental" do livro de B. F. Skinner <u>Questões recentes em análise do comportamento</u> , 1989.....	105
4 - Temas escolhidos e suas respectivas localizações nos textos Seleccionados.....	114

ÍNDICE DE QUADROS

1. Prescrições encontradas para discutir o papel do <i>ambiente</i> em textos de Skinner....	22
2. Prescrições encontradas para discutir o papel do <i>controle</i> em textos de Skinner.....	35
3. Prescrições encontradas para discutir o papel da terapia em textos.de.Skinner.....	42
4. Tarefas do terapeuta comportamental a partir de Skinner – 1953.....	64
5. Tarefas do terapeuta comportamental a partir de Skinner – 1969.....	65
6. Tarefas do terapeuta comportamental a partir de Skinner – 1989.....	66

Viva, H. I. (2006). O que é ser um terapeuta comportamental numa visão skinneriana. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. São Paulo.

RESUMO

Para responder à questão o que é terapia comportamental para B. F. Skinner, capítulos de três de seus livros são analisados, em especial, os capítulos: XXIV do livro *Ciência e comportamento humano* (publicação original 1953); o capítulo I, III e VI do livro *Contingências do reforço: uma análise teórica* (publicação original 1969) e o capítulo 7 do livro *Questões recentes na análise do comportamento* (publicação original 1989).

Leitura e releitura dos capítulos levaram à montagem de quadros nos quais se destacam prescrições do autor a propósito da atuação em terapia comportamental, agrupados, ao final, em três temas principais: ambiente, controle e terapia de cuja análise foi possível extrair possíveis tarefas atribuídas ao terapeuta comportamental, do ponto de vista skinneriano.

Palavras-chave: ambiente, controle, terapia.

Viva, H. I. (2006). What being a behavior therapist is, according to B. F. Skinner. Master Thesis. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. São Paulo.

ABSTRACT

In order to answer the question “what is behavior therapy according to B. F. Skinner”?, five chapters of three books by this author were analyzed. The chapters analyzed were: chapter XXIV in *Science and Human Behavior* (1953), chapters I, III, and VI in *Contingencies of Reinforcement: A theoretical analysis* (1969), and chapter 7 in *Recent Issues in the Analysis of Behavior* (1989).

Charts were built to summarize Skinner’s prescriptions to behavior therapists’ practices in the chapters analyzed. Finally the prescriptions were grouped into three categories (environment, control, and therapy) from which it was possible to suggest some tasks that are assigned to a behavior therapist according to Skinner’s point of view.

Key words: environment, control, therapy.

Ao longo dos anos, desde que iniciada a análise experimental do comportamento como área de conhecimento, a análise aplicada à situação clínica gerou termos diferentes para designar uma atuação que se pretende, no entanto, filiada a uma mesma matriz.

Na presente dissertação discute-se inicialmente os modos como os autores conduzem o debate sobre esta diversidade de nomes, para então se propor uma revisão que permita recuperar o que diz B. F. Skinner a propósito.

Possíveis explicações para diversidade de trabalho do terapeuta comportamental

Morris (1998) considera a análise do comportamento uma ciência natural do comportamento e que se formou a partir de três subdisciplinas: (a) a análise experimental do comportamento, para a investigação básica encarregada de descobrir os processos comportamentais fundamentais; (b) a análise comportamental aplicada, para a implementação destes processos, das tecnologias derivadas e dos métodos de investigação para os problemas clínicos e da comunidade; (c) a análise conceitual do comportamento para investigações históricas. (p.21)

A partir da terminologia

Pesquisando na área, Barcellos e Haydu (1995) constataam que a evolução da terapia comportamental ao longo dos anos é acompanhada por discussões e divergências relacionadas aos princípios teóricos e metodológicos que a caracterizam e isto é devido ao fato da sua origem em diversas posições teóricas. As autoras consideram, ainda, que a terminologia

empregada para denominar essa atuação profissional reflete tais divergências sendo modificação do comportamento e terapia comportamental as mais empregadas. (p.43)

Também para Nolasco (2002), a diferença na terminologia aponta especificidades na prática e nos modelos teóricos:

A denominação Modificação do Comportamento foi utilizada por autores que tinham como base o paradigma do condicionamento operante e em intervenções realizadas em instituições e grupos. Já a denominação Terapia Comportamental foi utilizada por autores ligados ao paradigma respondente e em intervenções clínicas tradicionais, clientes individuais. (p.4)

Vale ressaltar, entretanto, que a comunidade científica nunca aceitou bem a distinção entre os termos Modificação do Comportamento e Terapia Comportamental e, habitualmente, os usa como sinônimos.

Foi a partir da investigação de vários artigos e manuais de diversos autores que tratam de terapia comportamental, que Nolasco (2002) obteve dados que apontam para diferenças específicas para designar uma forma de atuação, mostrando que a Terapia Comportamental nunca foi unitária mas, sim, composta de várias tradições e teorias, destacando-se a tradição comportamental metodológica e a tradição comportamental analítica que deram origem às abordagens cognitivista e bahaviorista radical, respectivamente.

Esse fato se evidencia, segundo Nolasco, (2002), quando da fundação da primeira organização da abordagem comportamental , em 1967, cujo nome já retratava a existência das diversas denominações para uma atuação:

Associação para o Progresso das Terapias Comportamentais. Apesar de, posteriormente, o nome de tal organização ter sido mudado para *Associação para o progresso da Terapia Comportamental*, tal mudança não foi suficiente para unificar a atuação da abordagem e os dados mostrados pelo autor trazem os vários outros termos utilizados por diversos autores para designar a atuação do que denominamos, aqui, terapia comportamental:

Modificação do Comportamento (Bandura, 1979; Mikulas, 1977); *Psicoterapia Comportamental* (Lettner, & Range, (Org.); Range, (Org.) 1995; Barcellos, & Haydu, 1995); *Terapia Cognitivo-Comportamental* (Hawton, Salkovskis, Kirk, & Clark, 1977; Shinohara, 1990); *Terapia Cognitivo Comportamental* (Lima, 2000); *Terapia Comportamental* (Rimm, & Masters, 1983; Meyer, 1992; Guedes, 1993; Vandenberghe, 2000; Viana, 2000); *Psicoterapia Analítico Funcional* (Khlenberg, & Tsai, 1991; Brandão, 1999); *Terapia da Aceitação e Compromisso* (Hayes, & Wilson, 1993); Brandão, 1999); *Terapia Analítico-Comportamental* (Santos, & Tourinho, 2000); *Intervenção Clínica Comportamental* (Silvares, 2000).

Guilhardi (2004) salienta a falta de unanimidade entre os que se denominam terapeutas comportamentais, em vários aspectos importantes, tais como: à definição de Terapia Comportamental, às práticas clínicas empregadas com o cliente, ao referencial conceitual adotado, à metodologia de pesquisa adotada, entre outros. Propõe uma nova terminologia para compreender e lidar com o comportamento humano: Terapia por Contingências.

A diversificação de nomes, para melhor caracterizar os “fazeres” dos psicoterapeutas formados em análise do comportamento, pode ser devida não só ao cenário em que a análise do comportamento se construiu - domínio terapêutico dos psiquiatras; utilização de técnicas provenientes dos princípios da aprendizagem e utilizados no contexto clínico como instrumento para mudança de comportamento dos clientes - mas, também, devido à necessidade de mudanças que emergem do próprio desenvolvimento científico e metodológico e exigem constantes revisões e redefinições conceituais.

Nas várias definições feitas à Terapia Comportamental, em diferentes momentos, é possível acompanhar a evolução dos “fazeres” dos terapeutas.

Nolasco (2002) apresenta algumas dessas definições:

1964 - ...uma tentativa de alterar o comportamento humano e a emoção de maneira benéfica de acordo com as leis da moderna teoria da aprendizagem. (Eysenck, in Kazdin 1978a,p.195),

1966 – ...a aplicação dos princípios experimentais de aprendizagem estabelecidos’ (p.1) para superação de hábitos desadaptativos persistentes. (Wolpe e Lazarus in Kasdin 1978a, p.195).

1970 – A Terapia Comportamental é uma tentativa de utilizar sistematicamente um corpo de conhecimento empírico e teórico da aplicação do método experimental na psicologia e de disciplinas estreitamente relacionadas (fisiologia e neurofisiologia) para explicação da origem e a

manutenção de padrões anormais de comportamento, e para a aplicação de conhecimento na prevenção e tratamento dessas anormalidades por meio de estudo de caso único, assim como descrever e tratar (Yates in Kazdin 1978a,p.205).

1983 – Incluímos sob o nome de terapia comportamental qualquer uma das várias técnicas específicas que utilizam princípios psicológicos (especialmente de aprendizado) para mudar construtivamente o comportamento humano. (Rimm & Máster, 1983, p.01).

Mais recentemente, defendendo que a teoria deve ser revista e ampliada para incorporar as evidências dos dados e esses nunca poderão ser distorcidos, a fim de preservar a teoria, mais uma definição de terapia é apresentada por Guilhardi:

2004 – A terapia Comportamental é um processo que envolve a aplicação de procedimentos ou técnicas comportamentais específicos, utilizados com o objetivo de alterar exemplos particulares de comportamentos da queixa apresentada pelo cliente ou por pessoas relevantes do ambiente social em que ele está inserido. Envolve, sim, tal prática, mas não se limita a ela. (p.3).

Estaria fundamentada nas posições teóricas, a justificativa do que vem sendo a postura dos psicoterapeutas¹ formados em análise do comportamento?

A partir da diferença entre behaviorismo metodológico e radical

Uma outra possibilidade de entender a diversidade do trabalho dos terapeutas comportamentais é a partir da explicitação da diferença entre dois behaviorismos: o metodológico e o radical.

Segundo Matos (1993)², behaviorismo é uma palavra da língua inglesa, que se refere ao estudo do comportamento (“behavior”, em inglês). Surgiu no começo do século XX como uma proposta para a Psicologia tomar como objeto de estudo o comportamento propriamente dito. A História nos mostra que em diferentes momentos históricos temos diferentes comunidades dominantes. Na Idade Média, a comunidade religiosa dominava e explicava o comportamento humano pela posse de uma alma. Já no início do século XX, quando a ciência predominava, os cientistas atribuíam o comportamento humano à existência de uma mente – objetos e eventos criavam idéias na mente e essas idéias geravam comportamentos. Dessa posição dualista, emerge a concepção do homem como tendo duas naturezas: uma mental e uma física.

¹ Analistas do Comportamento utilizam os termos terapia e psicoterapia de forma distinta. Terapia é utilizado por profissionais cujo trabalho está fundamentado na suposição teórica de que não existe um agente interno causador do comportamento, mas sim eventos ambientais. Psicoterapia é utilizado por profissionais que usam “causas internas” como referências de atuação. A partir de Skinner, 1991)

² Texto *Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical* – Depto Psicologia – USP, a partir de palestra apresentada no II Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Campinas, out/93. Versão revista encontra-se publicada em: Bernard Range (org) *Psicoterapia e Comportamento e Cognição: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas, Editorial Psy, 1995. Publicada, também, numa versão modificada, no Vol.I da coleção *Sobre Comportamento e Cognição* (cap. 7) *O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o Mentalismo e o Behaviorismo Radical*, Editora Esetec, 2001.

O behaviorismo surgiu em oposição ao mentalismo e ao introspeccionismo, tendo em *Watson* (1924) sua primeira proposta, que era composta por duas vertentes - uma *filosófica* e uma *metodológica*. A proposta *filosófica* priorizava (1) estudar o comportamento por si mesmo; (2) opor-se ao mentalismo; (3) aderir ao evolucionismo biológico, estudando tanto o comportamento humano quanto o animal; (4) adotar o determinismo materialístico. A proposta *metodológica* priorizava (1) usar procedimentos objetivos na coleta de dados, rejeitando a introspecção; (2) realizar experimentação; (3) realizar testes de hipóteses de preferência com grupo de controle; (4) observar consensualmente, isto é; observar de forma partilhada e sancionada pelo outro; (5) evitar recorrer ao sistema nervoso para explicar o comportamento, mas estudar a ação dos órgãos periféricos, dos órgãos sensoriais, dos músculos e das glândulas. Essas vertentes refletem a influência de tendências do pensamento científico da época, quando se destacavam: o *Positivismo Social de Augusto Comte* que entre outras coisas, postula a natureza social do conhecimento científico e estabelece como critério de verdade o observável consensual; o *Positivismo Lógico do Círculo de Viena*, considerando que só é possível ter acesso às informações que os sentidos trazem; o *Operacionismo*, valorizando a linguagem, através da qual é possível expressar e estruturar as informações trazidas pelos sentidos e construir conhecimento e ciência.

O behaviorismo metodológico originou-se a partir do Behaviorismo Watsoniano que enfatizava o externamente observável e registrado com rigor através de procedimentos de medida. No Modelo Metodológico, o medido e observado era representado pela operação $S \rightarrow R$ onde S representa o Ambiente; R, representa o Comportamento e a flecha representa a Ação Desencadeante, ou a Causa, como se S e R ocorressem de forma mecânica. Este Behaviorismo parecia desconsiderar variáveis orgânicas mediadoras da relação $S \rightarrow R$ que, ainda que não fossem

diretamente observáveis, se faziam necessárias para garantir uma explicação mais abrangente do comportamento.

Segundo Matos (1993), autores como Tolman, Hull, Mowrer, Spence, Woodworth, entre outros, “adotam uma postura conhecida como organocêntrica, pois residindo no organismo as chamadas “forças causais” do comportamento, é ele, o organismo (ou mais propriamente o Homem), o seu centro de atenções e origem de explicações”. (p.62)

Matos (1993) lembra, ainda, que hoje em dia muitos cientistas do comportamento, ainda que recusem o nome behaviorista metodológico, partilham o modelo causal do comportamento: uma posição dualista, mecanicista e de dependência unidimensional.

Características do behaviorismo metodológico³:

1. Nega o status científico da mente, das emoções, sensações, pensamentos e demais eventos privados, sem, todavia, negá-los;
2. Considera eventos internos iguais a eventos mentais;
3. Rejeita estudar eventos privados, ainda que reconheça sua existência;
4. Rejeita a introspecção;
5. Considera que a experiência partilhada é a evidência da existência do comportamento e do mundo;
6. Acredita que o comportamento é uma função biológica inerente ao organismo vivo não necessitando de justificativas ulteriores;
7. Prefere lidar com observações pontuais em diferentes sujeitos, ou seja, o estudo em grupo.

³ A partir de Matos (1993).

Já o behaviorismo radical, considerado por Skinner a filosofia da ciência do comportamento humano, tem característica que o opõem ao behaviorismo metodológico.

Características do behaviorismo radical:⁴

1. Nega radicalmente (nega absolutamente) a existência de algo que escape ao mundo físico, isto é que não tenha uma existência identificável no espaço e no tempo (como a mente, a consciência e a cognição);
2. Aceita radicalmente (integralmente) todos os fenômenos comportamentais;
3. Nega a existência da mente;
4. Estuda eventos internos;
5. Considera eventos internos diferente de eventos mentais;
6. Comportamentos são interações Organismo – Ambiente;
7. O comportamento só pode ser entendido nas circunstâncias em que ocorre;
8. Rejeita a consciência como constructo explicativo;⁵
9. Acredita que o comportamento pode estar sob controle de outras contingências que não exclusivamente do aqui e agora;
10. Defende que as sensações internas ou os comportamentos encobertos (ex: dor), quando “verbalizados”, são comportamentos que precisam ser analisados e interpretados à luz das circunstâncias em que ocorrem;

⁴ A partir de Matos (1993)

⁵ Segundo a autora, Skinner “é radical em dois sentidos: por negar radicalmente a existência de algo que escape ao mundo físico, isto é, que não tenha uma existência identificável no espaço e no tempo (como a mente, a consciência e a cognição); e por aceitar radicalmente todos os fenômenos comportamentais.” (p.65 §3))

11. Considera o estudo dos eventos privados uma tarefa essencial para entender o comportamento humano;
12. Os dados obtidos a partir da observação de eventos privados precisam se replicáveis e os conceitos utilizados para lidar com esses dados devem se ajustar ao mesmo conjunto de leis e princípios utilizados na análise do comportamento em geral (Matos, 1990);
13. Exercita-se através de uma interpretação de dados obtidos através da investigação sistemática do comportamento, sendo o corpo dessa investigação propriamente dita, a Análise Experimental do Comportamento;
14. *Propõe a existência de 2 tipos de transações entre Organismo e Ambiente:*
 - a) *conseqüências seletivas que ocorrem após um comportamento e que modificam a probabilidade futura de ocorrerem comportamentos equivalentes, isto é, da mesma classe;*
 - b) *contextos que estabelecem a ocasião para o comportamento ser afetado por essas conseqüências (e que portanto ocorreriam antes do comportamento) e que igualmente afetariam a probabilidade futura de ocorrências de comportamentos equivalentes. Essas 2 classes possíveis de interações são denominadas contingências e constituem as 2 classes conceituais fundamentais para o trabalho de descrição e análise do comportamento para o behaviorista radical. Relações funcionais são estabelecidas na medida em que registramos mudanças na probabilidade de ocorrência dos comportamentos que procuramos entender, em*

relação a mudanças quer nas conseqüências, quer nos contextos, quer em ambos. (Matos, 2001)

15. Considera a história passada do sujeito, sua linha de base e, portanto, a interpretação do Behaviorismo Radical é sempre histórica;
16. Uma vez que indivíduos de uma mesma espécie partilham de um mesmo conjunto de contingências filogenéticas e, talvez, de contingências ontogênicas semelhantes, é possível em determinados contextos e para certas variáveis, descrever funções semelhantes para diferentes indivíduos;
17. A mente, as emoções e o sistema nervoso não seriam os organizadores ou iniciadores do comportar-se.

Mas, é possível entender a diversidade de atuação dos terapeutas comportamentais contemporâneos a partir das diferenças que caracterizam cada behaviorismo?

A partir dos paradigmas de condicionamento operante e respondente

Uma terceira possibilidade de abordar o tema “O que é ser um terapeuta comportamental” é a partir dos paradigmas do condicionamento operante e do condicionamento respondente.

Como já citado, princípios teóricos e metodológicos que caracterizam a terapia comportamental geraram divergências que se refletiram na terminologia – as diversas posições teóricas deram origem variadas técnicas de intervenção. O “proceder” que caracterizava as intervenções operantes e o “proceder” que caracterizava as intervenções respondentes cabem aqui

serem melhor discutidos como uma terceira possibilidade de abordar o tema “O que é ser uma terapeuta comportamental”.

Guilhardi⁶, ao considerar a forma como a proposta operante foi introduzida no Brasil, enfatiza a importância que tiveram algumas publicações, entre elas “Princípios de Psicologia” de F. S. Keller e W. N. Schoenfeld (1950), trazendo conceitos totalmente revolucionários para a Psicologia, tais como Comportamento Operante e Comportamento Verbal, permitindo que se estudasse de forma sistemática temas como motivação, percepção, emoção e comportamento social dentro de um referencial conceitual absolutamente inovador e revelador da possibilidade de uma metodologia de pesquisa com sujeito único, o que era, até então, desconhecido no Brasil.

De igual importância foi a publicação do livro *Ciência e comportamento humano* (1953) trazendo a republicação de textos relevantes de B. F. Skinner no qual o próprio autor, ao apresentá-lo à edição brasileira, afirma “O Brasil moderno move-se em uma direção que deve salientar a importância de uma ciência útil do comportamento.”

Só bem depois da publicação do livro *Ciência e comportamento humano* é que a atuação clínica, dentro do modelo operante começa a ser mencionada de forma discreta, nas publicações de alguns autores:

Meu primeiro objetivo é o desenvolvimento de uma concepção de comportamento humano geral, unificada – comportamento de criança e adulto, normal e anormal, individual, grupal ou cultural ... Esta tarefa tem que incluir

⁶ GUILHARDI, H. J. (2003). Tudo se deve às consequências. Disponível em: <<http://www.terapiaporcontingencias.com.br>> (não publicado).

*métodos abrangendo desde experimentação em laboratório até observações naturalistas e clínicas*⁷.

*Este volume é dedicado àquelas agências e organizações – psiquiátricas, hospitalares clínicas para pacientes não institucionalizados ...*⁸

Embora tais colocações mostrassem uma preocupação com pacientes não institucionalizados, preocupação essa que não havia sido explicitada até então, seus autores propunham procedimentos que, ainda que mudassem comportamentos, não englobavam todo processo terapêutico e, portanto, não se aproximavam de uma clínica operante.

Para Guilhardi⁹ o modelo de atuação em clínica, usando exclusivamente o modelo operante, baseado na Ciência do Comportamento e no Behaviorismo Radical, teria que ser criado e elaborado. E, quanto ao que se espera do psicólogo hoje, afirma ser pouco diferente do que se esperava há três décadas atrás: *... uma atuação terapêutica de cura, fortemente influenciada pelo modelo médico de atendimento.*

Um outro fato a considerar está relacionado à difícil posição ocupada pela terapia comportamental de trinta anos atrás: obrigada a responder a duas comunidades antagônicas - a do cliente e a dos acadêmicos e pesquisadores. O conflito gerado por tal contingência levou um grande número de psicólogos, inicialmente envolvidos com a terapia comportamental, a se distanciarem da comunidade científica e a passarem a

⁷ Comentário de A.W.Staats, quando da publicação do livro *Child learning, intelligence and personality*, (1970), appud Nolasco, 2002.

⁸ Comentário de R. Ulrich, T. Stachnik e J. Marbry, quando da publicação do livro *Control of Behavior* (1970), appud Nolasco, 2002.

⁹ GUILHARDI, H. J. (2003). Tudo se deve às conseqüências. Disponível em: <<http://www.terapiaporcontingencias.com.br>> (não publicado).

responder somente à comunidade do cliente, tornando-se especificamente psicólogos clínicos, não mais terapeutas comportamentais ou analistas do comportamento.

Barcellos e Haydu (1995), em concordância com Guilhardi, consideram que o fato de a Terapia Comportamental ser acompanhada, ao longo do tempo, por várias discussões e divergências quanto aos princípios teóricos e metodológicos que a caracterizam, é devido a sua origem em diversas posições teóricas:

A origem da Terapia comportamental está fundamentada em diversas posições teóricas e os métodos psicoterápicos atuais evoluíram a partir de uma variedade de técnicas e procedimentos de intervenção praticados no século passado. (p.43).

As autoras, ao discorrer sobre o *status* atual da Terapia Comportamental, consideram os caminhos que representam a orientação de Condicionamento Respondente e a orientação de Condicionamento Operante.

Autores que tinham seus estudos fundamentados no paradigma do condicionamento operante se denominavam modificadores do comportamento e realizavam procedimentos em situações grupais ou institucionais; já os que atuavam baseados nas orientações do condicionamento respondente se denominavam terapeutas comportamentais e suas intervenções eram realizadas com pacientes externos individuais, num contexto clínico.

Kazdin (1985, Appud Barcellos e Haydu) atribui a evolução da terapia comportamental e o surgimento de dois enfoques conceituais importantes

dentro da Terapia Comportamental - orientação de condicionamento respondente¹⁰ e orientação de condicionamento operante - a três fatores principais: (1) desenvolvimento das pesquisas em Fisiologia, na Rússia; (2) surgimento do Behaviorismo na América; (3) desenvolvimentos na Psicologia da Aprendizagem.

Conforme as autoras, ainda que a orientação operante tenha sua origem nas pesquisas de Thorndike, a aplicação do comportamento operante a diversas áreas foi realizada por Skinner.

A essa altura cabem algumas observações na tentativa de melhor entender “o que é ser um terapeuta comportamental”: o Condicionamento respondente foi formulado por um fisiólogo; tal paradigma aparece muito frequentemente no nosso dia a dia: salivamos frente a determinados alimentos e, também, salivamos frente a outras situações que estão estritamente associadas a alimentos na nossa história de vida. Ao tentar resolver os mais variados problemas de comportamento humano, foi possível, aos pesquisadores, perceber que outros fatores, e não simplesmente a associação de estímulos, competem no processo de condicionamento respondente. Observamos que a palavra “reflexo” ficou muito vinculada à anatomia e fisiologia, provavelmente por ter sido cunhada por Pavlov, um fisiólogo.

Observa-se, também que o condicionamento respondente está muito ligado aos mentalistas. Skinner (1974) exemplifica: “Diz-se que o coração do corredor bate depressa antes do começo da corrida porque ele “associa” a situação com o esforço que se seguirá. Mas é o ambiente, não o corredor, que “associa” os dois traços, no sentido etimológico de juntá-los ou uni-los...”.

¹⁰ Vale lembrar que os estudos realizados por Pavlov (1903, 1919, 1921) estabelecendo os princípios do condicionamento respondente e de Thorndike (1911), introduzindo a Lei do Efeito, marcam uma nova postura na Psicologia, enquanto ciência, restringindo a análise do comportamento aos eventos observáveis.

Talvez na forma como se originaram e foram cunhados os paradigmas respondente e operante esteja fundamentada a atuação do terapeuta comportamental. Mas, tal explicação seria suficiente?

A partir de uma perspectiva histórica

Numa perspectiva histórica, Guedes (1993) analisa o problema da passagem de um trabalho em que, fundados na perspectiva comportamental em oposição à mentalista, os psicólogos clínicos se assumiam como modificadores de comportamento para, mais tarde, abandonarem esta denominação, trocando-a por terapeutas comportamentais – num processo que parece aproximá-los (não mais afastá-los) do mentalismo.

A autora lembra que a Análise Experimental do Comportamento derivou as primeiras práticas clínicas cujos praticantes eram chamados “Modificadores do Comportamento”. Fundamentavam-se nas pesquisas básicas enfocando problemas considerados clínicos, o que leva a supor que seus adeptos entendiam da relação comportamento x ambiente, o que pôde ser constatado em casos bem sucedidos da análise do comportamento.

A viabilidade da transposição do modelo de laboratório para a situação clínica, a pretensão de atender à comunidade científica com o rigor da produção de conhecimento e a de atender aos clientes promovendo melhoras significativas (Baer, Wolf e Risley, 1968, appud Guedes, 1993) foram aspectos que marcaram a proposta de atuação dos Modificadores de Comportamento.

Guedes (1993), examinando tais aspectos, fala das severas críticas recebidas e que consideravam a proposta dos Modificadores do

Comportamento viável apenas à solução de problemas clínicos tidos como simples (hábitos de estudo, hora de dormir, retardo profundo) alegando que as modificações providas da manipulação do ambiente eram: (a) ofensivas à liberdade pessoal, já que muito diretivas; (b) superficiais, pois não lidavam com as causas profundas dos problemas; (c) irrelevantes, uma vez que outros sintomas fatalmente apareciam.

À medida que os Modificadores do Comportamento vão fracassando, vai ganhando espaço um novo tipo de atuação denominado Terapia Comportamental que, ao que tudo indica, surgiu devido ao fato de os Modificadores do Comportamento não terem conseguido responder nem à comunidade científica (enquanto pesquisadores), nem à comunidade do cliente (enquanto clínicos). Diziam que o conhecimento não era suficiente para permitir atuação na situação natural, considerada muito complexa. Ao mesmo tempo, não aceitavam continuar sendo identificados pelas técnicas que eram utilizadas nos procedimentos, forte marca dos modificadores de comportamento.

Tais procedimentos foram então substituídos pela “análise funcional” e a prática clínica se deslocou do cenário natural para o cenário montado (consultório) onde, segundo a autora, só há espaço para interações verbais que visam obter informações sobre o cliente utilizando sonhos e fantasias, promovendo auto-conhecimento e enfatizando o vínculo terapêutico, características essas de um modelo mentalista.

Como Guedes (1993) pôde mostrar, os terapeutas comportamentais estão assumindo questões de modelo mentalista e deixando de lidar com contingências. Argumenta que sonhos, fantasia, autoconhecimento são questões que só aparecem devido ao cenário que é montado pelo terapeuta comportamental, não fazendo parte do cenário natural do cliente.

Segundo a autora, parece impossível “instrumentar” o cliente ou o próprio terapeuta arranjando contingências fora do contexto natural pois as contingências artificiais não possuem força suficiente para competir com as contingências da vida natural do cliente

A autora parece lamentar a perda da possibilidade do arranjo concreto do ambiente, pelo terapeuta comportamental, ao fazer uso do modelo mentalista. Afirma que, ao assumir as questões provenientes de modelos mentalistas, os terapeutas comportamentais deixam de lado problemas graves e desconsideram a importância de trabalhar contingências num contexto natural. A incerteza do sucesso terapêutico a partir de um cenário artificial leva o terapeuta à formulação de conselhos ou regras a serem seguidas.

A presente pesquisa toma outro caminho, para responder à questão “O que é ser um terapeuta comportamental”: já não estariam presentes nos textos de Skinner prescrições suficientes para caracterizar uma terapia comportamental com os princípios do behaviorismo radical?

MÉTODO

Material:

Para responder à questão colocada, três livros de B. F. Skinner foram analisados: Ciência e comportamento humano, de 1953* – no qual os termos terapia e psicoterapia mereceram um intertítulo especial, dentro do capítulo XXIV; Contingências do reforço: uma análise teórica, de 1969** – coletânea de artigos organizada pelo autor, especialmente os capítulos I (“O papel do meio ambiente”, III (“A solução ambiental”) e VI (“Uma análise operante da resolução de problemas.”); e Questões recentes na análise do comportamento, 1989***, no qual Skinner fala diretamente da situação clínica em “O lado operante da terapia comportamental.”

Como critério de escolha, considerou-se o fato de serem estes os livros de Skinner que mais contêm considerações para a questão.

Procedimento:

1º - Análise inicial dos três livros. Leitura do Sumário e Apresentação permitiu selecionar para leitura mais analítica capítulos e intertítulos que poderiam interessar mais diretamente ao que se procurava: o que diz Skinner sobre terapia e terapia comportamental? Até que, finalmente, alguns capítulos se sobressaíram: XXIV do Ciência e comportamento humano; I, III, VI do Contingências do reforço: uma

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

** Edição consultada: Editor: Victor Civita, 1984, 2ª edição, tradutora: Rachel Moreno.

*** Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

análise teórica; e o capítulo 7 do Questões recentes na análise do comportamento.

- 2º - Escolhidos os capítulos, nova leitura foi feita, permitindo a identificação dos parágrafos que pareciam conter o que estava sendo chamado de prescrições do autor a propósito de terapia comportamental. Este procedimento resultou na montagem de três quadros (Anexos 1, 2 e 3), nos quais os parágrafos são colocados por inteiro, para preservar o contexto no qual as prescrições aparecem e estas, estão em destaque.
- 3º - Leitura e releitura destes quadros levou à identificação de alguns temas que estavam sendo fundamentais para a compreensão do que seria, no dizer de Skinner, uma atuação em terapia comportamental.

Foram levantados quinze temas (reforço, controle, regras, punição, terapeuta, contingência, ambiente, conseqüência, história pessoal, clínica, topografia, probabilidade, padrão de comportamento, estímulos, solução de problemas) ; desses quinze temas num primeiro momento, foram escolhidos cinco (ambiente, controle, terapia, reforço e contingência) por terem aparecido com maior freqüência, nos textos lidos; finalmente, desses cinco temas priorizou-se, para análise, os temas ambiente, controle e terapia por estarem presentes nos três livros considerados. O que se pretendia era usá-los para aproximar o que está dito nos três livros.

O Anexo 4 traz a referência (parágrafo e página) em que os temas aparecem. Esta etapa levou à releitura de trechos de outros intertítulos em outros capítulos antes não considerados e agora incluídos para análise.

- 4° - Por fazerem referências relevantes ao tema ambiente foram analisados de forma à complementar tal tema, o capítulo VIII - *O controle do comportamento pelo meio ambiente*- do livro *Ciência e comportamento humano*, e os capítulos 3 e 4 do livro *Questões recentes na análise comportamental, O eu iniciador e O ouvinte*, respectivamente.

RESULTADOS

Quadro 1 – Prescrições encontradas para discutir o papel do *ambiente*¹¹ em textos de Skinner

CCH – 1953 (1)	CR – 1969 (2)	QR – 1989 (3)
p.412-3 §62	p.180-1 §6	p.102 §4
p.414 §65	p.182 §11	p.103 §7
	p.183-4 §15	p.115-6 §45
	p.184 §16	
	p.184-5 §19	
	p.188 §33	
	p.191 §43	
	p.214 §5	
	p.215-6 §11	
	p.216 §13	
	p.216-7 §14	
	p.218 §18	
	p.222 §31	
	p.224 §39	
	p.225-6 §46	
	p.280 §24	
	p.280 §26	

(1) – *Ciência e comportamento humano* - capítulo XXIV

(2) – *Contingência do reforço* - capítulo I, III, VI

(3) – *Questões recentes na análise comportamental* - capítulo 7

¹¹ Junto com esta expressão, outras também foram consideradas: história ambiental, variáveis ambientais, solução ambiental, história anterior, evento ambiental antecedente, condições ambientais, meio ambiente, mundo em que o paciente se encontra.

Já em 1953, Skinner enfatiza o papel do ambiente como causador de comportamentos indesejáveis e, de alguma forma, alerta o terapeuta (nesse momento chamado por ele psicoterapeuta) para direcionar seu trabalho a partir de e para a história ambiental do cliente, pois foi no ambiente que tal história se compôs.

Nesse momento, Skinner afirma:

A terapia não consiste em libertar um impulso perturbador, mas na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável. É bem possível que na terapia a emoção reprimida e o sintoma comportamental possam desaparecer ao mesmo tempo ou que uma memória reprimida seja lembrada quando o comportamento desajustado tiver sido corrigido. Mas isso não significa que um desses eventos seja causa do outro. Ambos pode ser produto de uma história ambiental que a terapia alterou. (Pg. 412-3 §62).

Vale observar que, nessa afirmação, Skinner, se refere às causas internas, priorizadas pelos outros psicólogos, que não comportamentais, e esclarece que o possível fato de a emoção reprimida e o sintoma indesejável desaparecerem ou da memória reprimida ser lembrada não é porque um evento é causador do outro sugerindo que isso pode ser o produto de uma história ambiental alterada pela terapia.

Já aqui, ele apresenta a terapia como uma possibilidade de alterar a história ambiental do cliente, a partir da qual se construiu o comportamento desajustado.

Fortalecendo tal ponto de vista, o autor dedica um capítulo - VIII – para falar do tema *Controle do comportamento pelo meio ambiente* e, sob o intertítulo *A importância do meio ambiente*, afirma:

Não se nega a importância, qualquer que seja nossa filosofia do comportamento, do mundo que nos cerca. Podemos discordar quanto à natureza ou à extensão do controle que o ambiente mantém sobre nós, mas que há algum controle é óbvio.

E ainda:

Mesmo quando alguém se empenha em rejeitar o mundo, através da redução sistemática de certas formas de controle do mundo sobre ele, fisicamente a interação continua. (p.142)

Em seguida, diz que muitas teorias do comportamento humano ignoram ou não dão a devida importância ao papel que o ambiente desempenha no comportamento humano, enfatizando que: “O psicólogo clínico fala com frequência de pessoas, lugares e coisas como “fatos” que entram na interpretação do comportamento do paciente, sem maior especificação da ação que exercem”. Diz ainda que tal prática apresenta falhas que poderiam não aparecer “se a primeira análise do contato entre organismo e ambiente tivesse sido adequada”. Skinner completa: “Uma análise aperfeiçoada (...) significa (...) maior entendimento dos meios pelos quais os estímulos geralmente agem pois que [o] relato casual ignora muitos pontos importantes.” (p.142-3)

Ao se referir ao ambiente cotidiano, Skinner atribui ao terapeuta o dever de trabalhar com o cliente no sentido de torná-lo hábil a emitir respostas desejáveis nesse ambiente:

Algumas vezes o terapeuta deve construir um novo repertório que seja eficiente no mundo em que o paciente se encontra¹². Talvez um comportamento conveniente já integrante no repertório do paciente precisa ter sua probabilidade de emissão aumentada, ou respostas adicionais talvez precisem ser acrescentadas. Como o terapeuta não pode antever todas as circunstâncias com as quais o paciente vai se defrontar, deve também estabelecer um repertório de autocontrole através do qual o paciente seja capaz de se ajustar às circunstâncias à medida que surjam. Esse repertório consiste principalmente em melhores meios de fugir da auto-estimulação condicionada pela punição. (Pg. 414 §65)

Como podemos verificar, em 1953 Skinner tem já uma postura clara e determinada quanto à importância do papel que a análise do ambiente desempenha no trabalho clínico do psicólogo.

Passados dezesseis anos, o autor publica *Contingências do reforço* (1969) e, vinte anos depois, *Questões recentes na análise do comportamento* (1989) nos quais o tema ambiente é trazido e claramente colocado no papel de agente do comportamento humano. Em 1969, Skinner afirma:

Nenhuma descrição do intercâmbio entre organismo e

¹² Subentende-se: no ambiente cotidiano do cliente

meio ambiente estará completa enquanto não inclui a ação do meio ambiente sobre os organismos depois da emissão da resposta. (p.180-1 §6)

E ainda discute a importância da análise do comportamento ser feita em função do ambiente em que o indivíduo está inserido sempre que se pretende investigar contingências de reforço:

(...) não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. (p.184 §16)

Em 1989, valorizando essa inter-relação para a clínica, Skinner apresenta a diferença, que supostamente deve haver, entre o psicólogo clínico comportamental e outros psicólogos clínicos:

Eis a posição comportamentalista: volta aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. (p.103 §7)

Nessa mesma época, priorizando condições ambientais em detrimento de sentimentos e estados da mente, o autor fala da possibilidade de um trabalho mais efetivo dos analistas do comportamento e terapeutas comportamentais:

Sempre foi difícil realizar muitas coisas com os sentimentos e estados da mente por causa de sua inacessibilidade. As variáveis ambientais estão

sempre ao alcance da mão. (p.102 §4)

Ao rejeitar os sentimentos e estados da mente como causas iniciadoras do comportamento e ao se voltarem alternativamente para as condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo, os analistas do comportamento, e junto com eles os terapeutas comportamentais, puderam focalizar os problemas mais amplos do comportamento humano, de uma forma muito mais efetiva. (p.115-6 §45)

Em 1969, o autor apresenta formulação clara ao se referir à interação do organismo com o meio ambiente:

Uma formulação das interações entre um organismo e o seu meio ambiente para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: (1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, (2) a própria resposta e (3) as conseqüências reforçadoras. (p.182 §11)

A respeito do entendimento de fatos da vida cotidiana, “não tão óbvios” (p.183-4 §15) e que podem levar o indivíduo a procurar terapia, afirma:

É apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las ou ignorá-las. A topografia do comportamento, não importa o quão

fascinante, fica em segundo lugar frente às evidências de probabilidade. Um estímulo não é mais um mero início ou término conspícuo de uma troca de energia, como na fisiologia do reflexo; é parte da ocasião na qual uma resposta é emitida e reforçada. Reforço é muito mais do que "ser recompensado"; a predominância da probabilidade de reforço, particularmente sob vários esquemas intermitentes, é que é a variável importante. Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso. (p.184 §16)

Ao falar sobre a interpretação do comportamento, Skinner considera o comportamento verbal e adverte que, ainda que permitam a análise da topografia do comportamento, fonemas e sentenças não podem ser definidos simplesmente como “aspectos da topografia” devido o fato de implicarem efeitos sobre os ouvintes. O autor afirma que “o ambiente é aquilo a respeito do que as sentenças falam” mas a relação a que se alude não é analisada além das características da ocasião na qual foi expressa bem como o efeito que possa ter produzido sobre o ouvinte. (p.184-5 §19)

Ainda em 1969, Skinner diz que o ambiente a ser construído pelo terapeuta comportamental deve favorecer a emissão de respostas desejáveis:

Quando o psicótico mostra uma insensibilidade às contingências normais de reforço, deve-se construir um ambiente no qual ele seja passível de resposta. [ambiente que favoreça a resposta]. (p.188 §33)

Destaca-se aqui a possibilidade de construção do ambiente pelo terapeuta.

Afirma, ainda, já estarem inseridas no *ambiente natural* amostras de técnicas de agência controladoras:

Vida cotidiana. As técnicas de educação, psicoterapia, economia, governo são todas encontradas em miniatura na vida cotidiana. (p.191 §43)

Em 1969, Skinner apresenta *A solução ambiental* e, ao fazê-lo, discute a grande dificuldade de planejar uma cultura onde não mais vigorem propriedades do organismo humano que foram necessárias para a sobrevivência, em outras épocas, mas que na cultura atual não só deixaram de ser necessárias como podem levar a destruição. Cita, como exemplo, os comportamentos relacionados ao sexo, à glotoneria [comer excessivo e rápido] e à violência:

Tais discrepâncias entre a sensibilidade do homem ao reforço e a contribuição que os comportamentos reforçados trazem ao bem-estar geral colocam um problema importante no planejamento de uma cultura. Como impedir o comer excessivo, a superpopulação mundial e a destruição mútua? Como nos assegurar de que essas propriedades do organismo humano, que já foram necessárias à sobrevivência, não chegarão a ser letais? (p.214 §5)

Apresenta a análise experimental do comportamento como possível solução e considera que os reforços com forte significado biológico são obstáculos:

A análise experimental do comportamento sugere uma solução mais direta. Podemos lidar com problemas gerados por um reforçador poderoso simplesmente trocando as contingências de reforço. Pode-se planejar um ambiente no qual os reforçadores que habitualmente geram o comportamento indesejado simplesmente não o façam. A solução parece bastante razoável quando os reforçadores não têm significação especial. (p.215-6 §11)

Ainda considerando os reforços que possuem forte significado biológico como o comer doces, presentes em uma sociedade afluyente, o autor enfatiza o ambiente afirmando:

O problema não é um estado interno chamado fome, mas o comer demais. (...)É como se o ambiente tivesse sido planejado para desenvolver exatamente os comportamentos que mais tarde provam ser problemáticos. (p.216 §13)

Mais uma vez Skinner nega causas internas e afirma que comportamentos desajustáveis, tal como a agressão, fazem parte de um ambiente reforçador:

Não é tampouco um "instinto de morte" ou um "impulso fundamental dos seres humanos de ferirem uns aos

outros" que suscitam o problema da agressão, mas um ambiente que reforça as pessoas quando elas ferem umas às outras. Guerras podem ter sido ganhas nos campos de jogo de Eton, mas também foram ali iniciadas, pois um campo de jogo é uma arena de reforçamento da ação agressiva, e os comportamentos aí reforçados mais cedo ou mais tarde causarão problemas. (p.216-7 §14)

e de nada adiantará retirar do ambiente aquele que mantém um comportamento desajustado:

Os problemas suscitados pela extraordinária sensibilidade do homem ao reforço pela comida, pelo contato sexual e pelos danos da agressão não podem ser resolvidos, (...) simplesmente por sua remoção do ambiente. (p.218 §18)

O autor atribui importância [máxima] ao papel do ambiente, dizendo que:

Os homens são felizes num ambiente em que o comportamento ativo, produtivo e criativo é reforçado de maneira efetiva. O problema, tanto com a sociedade afluyente como com a paternalista, é que os reforços não são contingentes ao comportamento. Homens que não são reforçados por fazer alguma coisa fazem pouco ou nada. (p.222 §31)

e confirma que a solução é *ambiental*:

Uma solução ambiental evita o problema como um todo; não deixa lugar para a luta, porque o conflito nunca surge. (p.224 §39)

Afirma, ainda, que é possível alterar o poder do reforço num determinado ambiente:

(...) quando o ambiente é alterado de forma que os mais importantes reforços não têm mais poder, os menos importantes passam a controlar. Um princípio adicional entra então em cena: reforços fracos tornam-se poderosos quando atuam intermitentemente. (p.225-6 §46)

Ao discorrer sobre *resolução de problemas*, Skinner fala sobre a possibilidade de se estudar contingências através da construção de um modelo de ambiente reforçador e afirma:

[um modelo] será útil [no ambiente] simplesmente ao facilitar a exposição às contingências e ao estudar as mudanças resultantes no comportamento. (p.280 §26)

Essas colocações não são discutidas de forma tão direta, anteriormente, no livro *Ciência e comportamento humano*.

No capítulos 3, do livro *Questões recentes na análise comportamental*; sob o título *O eu iniciador*, o autor fala sobre as formas de atuação do ambiente, do ponto de vista comportamental:

Numa análise comportamental, o ambiente atua primeiro, e de duas maneiras: ou como consequência, quando reforça o comportamento e assim dá origem a um operante; ou como disposição, quando elicia ou evoca o comportamento (p.45 §3),

No capítulo 4 (p.55 §1), sob o intertítulo “O operante verbal”, novamente Skinner esclarece e fortalece o papel que o ambiente desempenha no comportamento humano, afirmando que:

Quando dizemos que o comportamento é controlado pelo ambiente, queremos dizer duas coisas muito diferentes. O ambiente modela e mantém repertórios de comportamento, mas também serve como ocasião para que o comportamento ocorra.

Pode-se verificar que Skinner, nos capítulos destacados dos três livros citados, prescreve o ambiente como sendo o principal “causador” do comportamento e, portanto, o campo no qual o terapeuta comportamental deve trabalhar.

Ao falar de psicoterapia, em 1953, Skinner enfatiza o ambiente como sendo o grande causador de comportamentos indesejáveis e, portanto, uma fonte de dados indispensável para o trabalho terapêutico. Em 1969, Skinner, a propósito do tema ambiente, enfatiza ser ele o principal “solucionador” de

problemas. Por ser controlável, permite ao terapeuta obter dados importantes que, possivelmente, ao serem trabalhados, direcionam um melhor proceder em benefício do cliente.

Portanto, se as causas dos comportamentos indesejáveis devem ser procuradas no ambiente do cliente bem como as possíveis soluções, então, realmente, não existe lugar para causas internas e é no ambiente que o terapeuta deve atuar.

Quadro 2 – Prescrições encontradas para discutir o papel do *Controle*¹³ em textos de Skinner

CCH – 1953 (1)		CR – 1969 (2)		QR – 1989 (3)	
p. 393	§6	p. 182	§10	p. 109	§25
p. 401	§28	p. 187	§27	p. 109-10	§26
p. 401	§29	p. 188	§32	p. 111	§30
p. 401	§30	p. 216	§13		
p. 403	§32	p. 217-8	§16		
p. 405	§37	p. 225-6	§46		
p. 405	§38	p. 277	§14		
p. 414	§66				
p. 417	§70				

(1) – *Ciência e comportamento humano* - capítulo XXIV

(2) – *Contingência do reforço* - capítulo I, III, VI

(3) – *Questões recentes na análise comportamental* - capítulo 7

Na leitura cuidadosa do capítulo XXIV do livro *Ciência e comportamento humano* (1953), um dos selecionados para ajudar a responder a questão desta dissertação, é possível verificar que controle excessivo e/ou aversivo é assunto considerado, pelo autor, o grande responsável por comportamentos desajustáveis e, talvez por isso, tão largamente discutido.

Skinner discute a expressão controle a partir do ambiente cotidiano do sujeito e confirma que a partir desse ambiente ele deve ser entendido e trabalhado.

¹³ Junto com esta expressão, outras foram também consideradas: controlador, técnicas de controle, controle aversivo, auto-controle, controle das contingências de reforço, subproduto de controle, agente controlador, contra controle, agência controladora, condições controladas.

Nessa época, uma das grandes preocupações do autor parece estar voltada a investigar as várias formas de controle e como elas atuam no comportamento humano. Chega mesmo a usar a expressão controle como sendo sinônimo de terapia:

Muitas vezes se faz supor que o diagnóstico, meramente como uma coleção de informações a respeito do paciente, é o único ponto no qual uma ciência do comportamento pode ser útil na terapia. Uma vez reunidos todos os fatos a respeito do paciente deixa-se o tratamento à recomendação criteriosa e ao bom senso. É um exemplo do grande mal-entendido na aplicação dos métodos da ciência do comportamento humano. A coleção de dados é apenas o primeiro passo em uma análise científica. Demonstrar as relações funcionais é o segundo. Quando as variáveis independentes estão sob controle, estas relações levam diretamente ao controle da variável dependente. No caso presente, controle significa terapia. Uma ciência do comportamento adequada deveria dar talvez uma contribuição maior para a terapia do que para o diagnóstico (...). (p.401 §28)

Em 1953, Skinner já declarava ser o controle e seus subprodutos o campo da psicoterapia:

Os subprodutos do controle que incapacitam o indivíduo ou que são perigosos seja para o indivíduo seja para os outros, constituem o campo da Psicoterapia. (p.393 §6)

Também usa a expressão controle de variáveis como ferramenta que auxilia no processo terapêutico, afirmando que a mudança de comportamento, através da terapia, só será possível se o terapeuta tiver o controle de variáveis relevantes que, possivelmente, estejam interferindo na condição comportamental (p.401 §29):

Os passos que devem ser dados para corrigir uma determinada condição de comportamento seguem-se diretamente de uma análise dessa condição. Se podem ser efetivados depende, é claro, de se saber se o terapeuta tem controle sobre as variáveis relevantes.

Como o controle do mundo do cliente não está ao alcance do terapeuta, ele pode fazer uso de variáveis que estão sob seu alcance no controle pessoal e que já estabeleceram controle sobre o cliente de outros modos (família, religião). (p.402 §30)

Em princípio, segundo o autor, o terapeuta é apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle salientando que cabe a ele reverter tal situação e permitir que os efeitos da punição até então exercidas sobre o cliente, sejam reduzidos:

...o terapeuta em princípio é apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle. É tarefa do terapeuta colocar-se em situação diferente. Evita o uso da punição. Não critica...Não aponta erros...Responde de modo incompatível com a punição.
(p.403 §32)

Embora reconhecendo uma certa oposição entre as agências controladoras (religiosa, governamental e terapêutica), Skinner, comparando o controle exercido por elas, afirma:

Embora haja uma oposição fundamental nos processos comportamentais empregados, não há necessariamente nenhuma diferença no comportamento que essas agências tentam estabelecer. O terapeuta está interessado na correção de certos subprodutos do controle. (p.405 §37)

Insiste em dizer que as variáveis ambientais que estão sob controle do terapeuta são muito fracas:

Como as variáveis ambientais que estão sob controle do terapeuta são muito fracas, e como ele deve operar dentro de certos limites éticos, religiosos e legais, dificilmente pode ser encarado como uma séria ameaça. (p.405 §38)

Fala, ainda, sobre a necessidade de o terapeuta construir um repertório com técnicas de auto-controle¹⁴ nos casos em que o cliente está continuamente exposto a controle excessivo, ensinando-o a evitar a punição:

(...)técnicas construtivas podem ser necessárias depois que a audiência não-punidora do terapeuta tenha tido seu efeito. Se a condição que está sendo corrigida é o subproduto de circunstâncias controladoras que não

¹⁴ Skinner dedica o cap. XV, p.249, do livro *Ciência e comportamento humano*, para falar, especificamente, sobre auto-controle

mais existem na vida do paciente, o alívio dos efeitos do controle excessivo pode ser suficiente. Mas se o paciente estiver continuamente sujeito a controle excessivo ou inábil, a terapia deve ser mais construtiva. Pode-se ensinar o paciente a evitar ocasiões nas quais tenha probabilidade de se comportar de modos puníveis, mas isso pode não ser suficiente. Um repertório eficaz, particularmente dotado de técnicas de autocontrole, deverá ser construído. (p.414 §66)

O autor fala sobre a possibilidade de a terapia, enquanto agência controladora, se exceder no controle e comenta, ainda, a forma como isso é desencorajado:

Há sempre a possibilidade, como qualquer agência controladora, de que o controle seja exorbitado. O contracontrole que desencoraja o abuso do poder é representado pelos padrões éticos e procedimentos da profissão organizada de terapeuta [comportamental]. (p.417 §70)

Em 1969, no capítulo I do livro *Contingências do reforço*, Skinner faz referência a um controle adquirido por um estímulo quando um operante é reforçado ao ponto de torná-lo um estímulo discriminativo, ou seja, torná-lo “um aspecto essencial da ocasião em que uma resposta, se for emitida, será reforçada.” (p.182 §10)

Ainda no mesmo capítulo, ao falar sobre as várias possibilidades de manipulação do comportamento no laboratório operante, de acordo com o interesse na geração de novos comportamentos, o autor considera a

versatilidade e eficiência da análise experimental do comportamento em relação às técnicas tradicionais de controle e afirma:

Todas essas práticas [da análise experimental do comportamento] tem uma relação com o controle do comportamento humano no mundo, que, é claro, é muito mais importante. (p.187 §27)

O autor, ao comentar sobre as medidas tradicionais que tratam dos comportamentos do psicótico, faz referência ao controle aversivo: “Os efeitos colaterais do controle aversivo têm causado problemas.(...)Reforços personalizados, tais como a afeição, (...)são dificilmente tornados contingentes ao comportamento desejado.” (p.188 §32)

No capítulo III, desse mesmo livro, ao apresentar “A solução ambiental” Skinner afirma que o que o homem deve controlar para evitar conseqüências desagradáveis [no caso, do reforço oral] é o comportamento reforçado:

Ele [o homem] deve parar de comprar e comer doces, de pedir e comer mais um pedaço de bolo, de comer a toda hora do dia, etc. O problema não é algum estado interno chamado fome, mas o comer demais. Esse comportamento pode ser enfraquecido ao nos assegurarmos de que não seja reforçado. (p.216 §13)

Fala, ainda neste capítulo, do controle das contingências de reforço como sendo a medida mais fácil a ser tomada (p.217-8 §16) e comenta sobre os “perigos” quando reforço intermitente passa a controlar determinada situação: “O reforço intermitente também explica a extensão na qual os

reforços acima mencionados [jogos, álcool] passam a controlar quando os homens não precisam fazer nada”. (p.225-6 §46)

Já no capítulo VI – “Uma análise operante de resolução de problemas”, no intertítulo “Transmissão de estímulos construídos”, Skinner fala que, pelo fato de as variáveis manipuladas no autocontrole serem as que controlam o comportamento dos homens em geral, é possível a transmissão de estímulos construídos, ou seja, instruções úteis. (p.277 §14)

No livro *Questões recentes na análise do comportamento* (1989), Skinner afirma que terapeutas podem alterar condições das quais o comportamento é função porque algumas dessas condições, sob as quais as pessoas vivem podem ser controladas (p.109 §25). Nesse momento traz a questão controle terapêutico para o campo da ética, afirmando que o controle é ético se exercido para o bem do controlado (p.109 §26). Discute ainda o comportamento dos terapeutas que, em vez de arranjar contingências correntes de reforçamento (...), dão conselhos. (p.111 §30)

É possível perceber que, em 1953, Skinner dá ao terapeuta a função de trabalhar com os subprodutos do controle que atuam na vida do cliente e, em 1991, ele declara o quão restrita se torna essa função considerando que o mundo do cliente escapa do controle do terapeuta. (p.111 §30)

Quadro 3 – Prescrições encontradas para discutir o papel da *terapia*¹⁵ em textos de Skinner

CCH – 1953 (1)	CR – 1969 (2)	QR – 1989 (3)
p.393 §6	p.188 §31	p.102-3 §6
p.400 §26	p.191 §43	p.103-4 §9
p.401 §27		p.107 §19
p.401 §29		p.107 §20
p.402 §30		p.108-9 §23
p.402-3 §31		p.109 §24
p.403 §32		p.109 §25
p.404 §35		p.109-10 §26
p.404-5 §36		p.110 §29
p.405 §38		p.111 §30
p.406 §39		p.112 §34
p.406-7 §40		p.112-3 §37
p.409 §45		p.113 §38
p.412-3 §62		P.114 §41
p.413 §63		p.114 §42
p.414 §65		p.115 §44
p.414 §66		p.115-6 §45
p.415-7 §68		
p.417 §69		
p.417 §70		

(1) – *Ciência e comportamento humano* - capítulo XXIV

(2) – *Contingências do reforço* - capítulo I, III, VI

(3) – *Questões recentes na análise comportamental* - capítulo 7

¹⁵Junto com esta expressão, outro grupo de palavras foi também considerado: terapeuta comportamental, psicoterapeuta, terapia comportamental, psicoterapia, processo terapêutico

Em *Ciência e comportamento humano (1953)*, Skinner discute terapia como sendo um tipo especial de agência controladora não organizada que lida, principalmente, com certos subprodutos do controle (p.393 §6) e a declara uma profissão (p.400 §26) e terapeuta como uma audiência não punitiva. (p.404 §35)

Afirma que o terapeuta deve atuar baseado em três informações básicas: história anterior, comportamento desajustado e ambiente cotidiano do cliente (p.401 §27) e que a correção de tal comportamento vai depender do controle sobre as variáveis relevantes. (p.401 §29).

Diz que é a condição aversiva em que o cliente se encontra que faz com que ele veja no terapeuta, então chamado agente controlador, “uma promessa de alívio” e lhe outorgue um “poder inicial”. Fala, ainda, que num primeiro momento o terapeuta usa variáveis provindas de controle já estabelecido por outras agências que tenham desempenhado um papel controlador na vida do cliente (p.401 §30) e que o poder do terapeuta inicialmente não muito grande, tende a aumentar na medida em que os procedimentos adotados vão sendo reforçadores para o cliente. (p.402 §31)

Segundo Skinner, “o terapeuta constitui uma audiência não punitiva” e representa, para o cliente, “apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle” (p.403 §32). Afirma que o principal resultado da terapia é a extinção de alguns efeitos da punição e que isto acontece quando o comportamento previamente punido deixa de sê-lo na audiência terapêutica. (p.404 §35)

Ainda falando sobre terapia [nesse momento utilizando a palavra “psicoterapia”], diz:

A principal técnica de psicoterapia destina-se (...) a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição . (p.404-5 §36)

O autor considera que as variáveis que estão sob controle do terapeuta são muito fracas e seu dever é apoiar-se dentro de certos limites éticos, religiosos e legais. (p.406 §38). Afirma, ainda, que “a tarefa do terapeuta é completar uma história pessoal de tal forma que o comportamento já não tenha essas características” [desvantajosas ou perigosas] (p.406 §39).

Skinner afirma que o terapeuta deve responder a três questões para poder explicar o comportamento desajustado do cliente: “Por que a resposta foi emitida da primeira vez; por que foi punida e quais as variáveis ativas no presente”. (p.409 §45)

Para o autor, “A terapia (...) consiste (...) na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável.” (p.412-3 §63) [portanto o autor vê, na terapia, uma possibilidade de alteração de uma história ambiental]. Declara que o objeto da terapia é o comportamento. (p.415 §63)

Sob o inter-título “Outras técnicas terapêuticas”, fala ainda que “algumas vezes o terapeuta deve construir um novo repertório que seja eficiente no mundo em que o paciente se encontra” (p.414 §65) e ainda “(...) se o paciente estiver continuamente sujeito a controle excessivo ou inábil, a

terapia deve ser mais construtiva (...).Um repertório eficaz, particularmente dotado de técnicas de auto controle, deverá ser construído”. (p.414 §66)

Segundo Skinner, o terapeuta deve entender o padrão novo de comportamento desvantajoso apresentado pelo cliente, junto com sua história atual. Adverte:

A terapia consiste, não em levar o cliente a descobrir a solução para seu problema, mas em mudá-lo de tal modo que seja capaz de descobri-la. (p.415-7 §68)

No intertítulo “Explicação da agência psicoterapêutica”, o autor novamente afirma: “A terapia é uma profissão” geralmente reforçada pelo dinheiro e pelo sucesso na manipulação do comportamento humano (p.417 §69) e que algumas vezes o grau de controle adquirido pelo terapeuta ultrapassa o de outras agências controladoras podendo ser exorbitado quando na ausência do contra controle “representado pelos padrões éticos e procedimentos da profissão organizada de terapia”. (p.417 §70)

Em 1969, o autor, mais uma vez, ao se referir a Psicoterapia (p.188 §31), adverte:

O problema não consiste em achar na estrutura do comportamento observado [e desajustado] algum indício de como fazê-lo desaparecer, mas, antes, em exigir o comportamento que esta faltando.

Ao se referir a Vida cotidiana, Skinner confirma a figura do terapeuta como sendo controladora: “As técnicas de (...) psicoterapia (...) são (...) encontradas em miniatura na vida cotidiana (...) na ausência da figura controladora do terapeuta (...)”. (p.191 §43)*

Em 1989, é possível constatar que Skinner, diferente de 1953, utiliza as expressões psicoterapia e terapia comportamental de forma diferenciada:

A psicoterapia em geral se preocupa com sentimentos, ansiedade, medo, raiva e assemelhados. Um passo inicial em direção a terapia comportamental consistiu na noção de que o que foi sentido não foi um “sentimento” mas um estado do corpo. (p.102-3 §6)

Ainda em 1989, sob o título “Terapia comportamental operante”, declara:

“Os terapeutas se preocupam tanto com o que as pessoas fazem quanto com o que elas sentem.”, e ainda, “Os terapeutas comportamentais atribuem o que é feito a dois tipos de conseqüências seletivas: comportamento inato para a seleção natural e comportamento aprendido para reforçamento operante.” (p.103-4 §9)

* Nos capítulos III e VI, selecionados, o autor discute, respectivamente, A solução ambiental e Uma análise operante da resolução de problemas, sem mencionar a expressão terapia ou qualquer outra pertencente a este grupo.

Segundo o autor: “Muitos problemas que exigem terapia têm origem numa falha de condicionamento operante em si mesmo” (p.107 §19) e “a terapia é frequentemente um modo de destruir os efeitos reforçadores de conseqüências acidentais.” (p.107 §20). O terapeuta usualmente tenta destruir tais reforços fazendo perguntas para o cliente sobre sua história pessoal, mas o autor alerta que deveria se voltar para variáveis mais acessíveis [subentende-se: da vida atual do cliente]. (p.108 §23)

Diferentemente das terapias tradicionais, Skinner afirma que na terapia comportamental “o que é sentido como sentimento ou introspectivamente observado como estado da mente são estados do corpo que são produtos de certas contingências de reforçamento.” Lembra, ainda, que os terapeutas só podem alterar condições das quais o comportamento é função porque “algumas condições sob as quais o cliente vive, podem ser controladas.” (p. 109 §25)

Sob o intertítulo “A clínica”, o autor mostra algumas características de atuação do terapeuta comportamental, afirmando que “A terapia face a face na clínica, é diferente. Apenas uma pequena parte da vida do cliente se passa na presença do terapeuta” (p.110 §29). No parágrafo seguinte, prossegue complementando que “O que lá [na clínica] acontece é uma preparação para um mundo que não está sob controle do terapeuta”, que “Em vez de arranjar contingências correntes de reforçamentos, (...) [terapeutas] dão conselhos”. (p.111 §30) que podem “assumir o formato de regra orientadora de ação efetiva” (p.112 §34), porém não substituem a efetividade das regras construídas pelo próprio cliente.

Skinner diz que “os terapeutas comportamentais alteram as contingências das quais os sentimentos são função” (p.114 §41) e que “A terapia bem sucedida constrói comportamentos fortes.” [ao multiplicar reforçadores positivos e remover os negativos] (p.114 §42)

No final do capítulo, o autor observa que a terapia comportamental vai em direção do *Walden Two* porque *ela* [terapia comportamental] “começa mudando o mundo em que as pessoas vivem e assim, apenas indiretamente, o que elas fazem e sentem.” (p.115 §44).

O autor aproxima os terapeutas comportamentais dos analistas do comportamento à medida que ambos rejeitam causas internas como iniciadoras do comportamento e se voltam às condições ambientais, podendo, assim, “focalizar problemas mais amplos do comportamento humano, de forma mais efetiva.” (p.115-6 §45)

No próximo capítulo, à moda de discussão, retomamos os resultados sob o foco de atuação do terapeuta comportamental, tentando acompanhar o que Skinner prescreve em 1953 e retoma (ou não retoma) mais tarde.

DISCUSSÃO

O objetivo desta pesquisa foi investigar se, de fato, já não estariam postas nos textos do próprio Skinner, prescrições suficientes para caracterizar uma terapia comportamental condizente com os princípios do Behaviorismo Radical.

Vários dados puderam ser levantados e tratados*, porém para a finalidade desta pesquisa foram apresentados aqueles dados e análises considerados mais significativos para caracterizar o que é ser um terapeuta comportamental do ponto de vista skinneriano. Entretanto, sua discussão vai depender de outros temas não analisados diretamente como ambiente, controle e terapia, como veremos adiante.

É possível verificar que, em 1953 (cap. XXIV), Skinner se refere *a ambiente* uma única vez (p.412-3 §62) e, ao fazê-lo, deixa clara a estreita relação entre comportamento desajustado, ambiente e terapia, o que permite entender tarefas¹⁶ que o autor atribui ao terapeuta comportamental, destacando-se: ter informações sobre a história do cliente, do comportamento a ser tratado e das circunstâncias em que vive (p.401 §27); explicar o comportamento em termos de uma história pessoal (p.413 §65) e alterar a história ambiental (p.412 §62) analisando e corrigindo condições do comportamento (p.401 §29).

Interessante observar que, embora reserve o capítulo VIII do seu livro *Ciência e comportamento humano* para discutir o tema “O controle do

-
- A forma repetitiva como dados são apresentados no decorrer dos resultados e discussão deve-se ao fato de os termos escolhidos para análise aparecerem num mesmo parágrafo, na maioria das vezes.

¹⁶ Assim denominadas para melhor entender as funções do terapeuta comportamental, enquanto profissional.

comportamento pelo meio ambiente”, Skinner discute Psicoterapia, no capítulo XXIV, sem utilizar a expressão ambiente, salvo na p.412-3 §62, onde utiliza a expressão história ambiental.

Partindo dos tempos antigos, onde pensava-se ambiente de forma simplista, como sendo cenário imprescindível, que talvez favorecesse ou dificultasse o comportamento mas nunca determinava a sua ocorrência ou a sua forma, Skinner chega em 1969 falando extensivamente sobre ambiente e atribuindo a ele o papel de cenário que determina o comportamento. (p. 179)

Nesse momento, o autor volta a declarar que o terapeuta deve se preocupar com a relação entre comportamento e ambiente (p.184 §16), planejando um ambiente no qual reforçadores, que normalmente geram comportamentos indesejados, não o façam (p.215-6 §11).

Traz essa expressão para contextos comuns do nosso dia a dia: o comer em excesso; a agressão; o sexo. Diz que tais comportamentos são devidos, fundamentalmente, a contingências reforçadoras. Ao mesmo tempo, o autor apresenta uma solução: a possibilidade de planejar o ambiente ou dispor contingências de tal forma que favoreçam o surgimento de comportamentos adequados.

Ao se referir ao comportamento bizarro do psicótico, Skinner é mais enfático, declarando que: “(...) o importante num psicótico, não é o que ele faz mas o que ele não faz, [portanto] o problema não consiste em achar, na estrutura do comportamento observado, algum indício de como fazê-lo desaparecer, mas, antes, em *exigir* o comportamento que está faltando.” (p.188 §43)

O autor declara que os problemas suscitados por comportamentos que outrora tiveram um valor de sobrevivência não são resolvidos removendo o homem do ambiente mas, sim, dispondo contingências que não os reforcem mais.

Sugere o ensino de técnicas de autocontrole¹⁷ na solução ambiental e considera que os comportamentos que não mais possuem valor de sobrevivência ganham novamente o controle quando reforçados intermitentemente. [Isso nos lembra o quanto prisões, hospitais e outras instituições semelhantes atuam como grandes reforçadores de comportamentos inadequados.]

Desta forma Skinner considera o ambiente um sistema reforçador onde contingências podem ser examinadas.

Em 1989, ao se referir a ambiente, usa três expressões: *variáveis ambientais, eventos ambientais antecedentes e condições ambientais* - p.102 §4, p.103 §7, p.115-6 §45 – respectivamente, para dizer que a explicação do que alguém faz, e sente enquanto faz, deve ser procurada nos eventos ambientais antecedentes pois as condições ambientais são responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo e tais condições podem ser alteradas através da introdução de variáveis que, segundo Skinner, *estão sempre ao alcance da mão*. (p. 102 §4). [podendo, portanto, ser controladas e trabalhadas], diferentemente das causas consideradas internas. Desta forma, o autor se opondo às outras terapias, indica qual deve ser o campo de atuação do terapeuta comportamental.

¹⁷ Skinner discute “autocontrole “ no cap. XV do livro *Ciência e comportamento humano* (1953)

Skinner afirma, ainda, que os terapeutas comportamentais puderam focalizar problemas mais amplos do comportamento humano, ao voltarem-se às condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo. (p.115-6 §45). Esta afirmação nos leva a concluir que, segundo Skinner, é realmente nas condições ambientais que estão localizadas as causas do comportamento humano.

Em 1953, Skinner afirma que a terapia comportamental consiste na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável (p.412-3 §62). Em 1989, afirma que as variáveis ambientais estão sempre ao alcance das mãos (p.102 §4). Essas duas afirmações nos permitem concluir que, segundo o autor, é possível compensar ou corrigir uma história que tenha produzido ou esteja produzindo comportamento indesejável.

Em 1953, Skinner atribui a *história ambiental* alterada pela terapia, a possibilidade da emoção reprimida e o sintoma comportamental desaparecerem ao mesmo tempo ou uma memória reprimida ser lembrada (p.412-3 §62). Em 1989, enfatizando história ambiental, declara a posição comportamentalista: volta aos *eventos ambientais antecedentes*¹⁸ para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa (p.103 §37).

Em 1969, declara ser impossível falar sobre a relação organismo e ambiente desconsiderando a ação do ambiente sobre o organismo depois da emissão da resposta (p. 180-1 §6), defendendo, assim, a determinação do comportamento pelo ambiente.

¹⁸ Considerado *história ambiental*.

Já o **Controle** é uma expressão bastante utilizada nas obras de Skinner que o declara tão presente em nossas vidas quanto a respiração e a digestão¹⁹.

Em 1953, Skinner fala sobre a importância da construção de um repertório eficaz de “técnicas de autocontrole” sempre que o cliente estiver continuamente exposto a controle excessivo ou inábil. Já em 1969 (p.187), ao se referir as *técnicas tradicionais de controle*, considera que o *conceito de contingência de reforço* leva a uma tecnologia do comportamento muito mais eficaz e exemplifica através das diversas agências controladoras: Educação- ensino é o arranjo das contingências de reforço que acelera a aprendizagem, e não o açoite; Economia- o sucesso de um empregador está mais garantido, quando melhores contingências de reforço para os empregados estão presentes, e não o castigo; Psicoterapia- o problema da insensibilidade do psicótico às contingências normais deve ser resolvido dispondo outras contingências que favoreçam o responder adequadamente. E não a punição.

Em 1969, o autor considera o controle das contingências de reforço como sendo a medida mais simples e efetiva quando comparada a outras. (p.217-8).

Em 1989, Skinner discute a expressão controle a partir do controle exercido pelas agências controladoras, declarando que o terapeuta pode alterar as condições das quais o comportamento é função porque possíveis condições sob as quais o cliente vive, podem ser alteradas. Esta declaração vem reforçar o que Skinner defende: a solução está no ambiente [e não no terapeuta].

¹⁹ B. F. Skinner, *Sobre o Behaviorismo* (1974, p.163)

Outra consideração importante feita pelo autor diz respeito ao controle que este exerce sobre o cliente. E, já aqui, distingue claramente *terapeuta* de *psicoterapeuta*: “(...) se a questão não é endereçada com tanta freqüência aos psicoterapeutas, é porque estes não demonstram nenhum poder ameaçador (...) ou insistem em que não estão exercendo absolutamente nenhum controle”; e ainda: “(...) A questão é mais dirigida aos terapeutas comportamentais porque eles são mais efetivos.”

Skinner esclarece que o controle que o terapeuta tem sobre o cliente se restringe à clínica [*setting* clínico] e não ao mundo do cliente, não garantindo, portanto, uma ajuda efetiva. Isto ajuda a entender porque o autor considera que a atuação terapêutica, para ser efetiva, deve acontecer no ambiente em que o cliente vive e, talvez neste caso, ele se torne mais ético pois é mais amplamente exercido para o bem do controlado.

Finalmente, cabe retomar ainda o tema **terapeuta**. Conforme quadro à página 38, 1953 foi o momento em que Skinner discutiu terapia mais intensamente (20 prescrições). Em 1969 apenas 2 prescrições foram encontradas, mas volta a discutir terapia mais intensamente em 1989 (17 prescrições).

Em 1953, Skinner afirma que o campo da psicoterapia é constituído por subprodutos do controle (p.393 §6) que incapacitam o indivíduo ou que são perigosos seja para o indivíduo, seja para a sociedade.

Declara a terapia uma profissão (p.417 §69) que tem o comportamento como objeto de estudo (p.417 §63) e se destina a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição (p.404 §36) e em mudar o indivíduo (cliente) de tal maneira que ele próprio seja capaz de

descobrir a solução para seu problema (p.415-7 §68). Faz isso introduzindo variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável (p.412-3 §62).

A tarefa do terapeuta, audiência não punitiva, é, segundo Skinner, completar uma história pessoal de forma que o comportamento deixe de ser desvantajoso ou perigoso (p.406 §39).

O fato de Skinner considerar que a terapia consiste, não em levar o cliente a descobrir a solução para seu problema, mas em mudá-lo de tal modo que seja capaz de descobri-la, ajuda a entender a sua afirmação “Achar a solução não é terapia.” (p.415-7 §68)

Devido ao fato de, segundo o autor, o poder inicial do terapeuta não ser muito grande, mas, este, [no decorrer do processo] se tornar uma importante fonte de reforço (p.402-3 §31) podendo ganhar um grau de controle mais poderoso que o de outras importantes agências controladoras (p.417-3 §70), considera relevante que algumas explicações relacionadas a psicoterapia sejam dadas.

Em 1953, já discute psicoterapia como sendo um tipo de agência controladora (p.393 §6). Embora pareça que o autor use as expressões psicoterapia e terapia de forma indiscriminada, observa-se que faz referências à agência psicoterapêutica e não agência terapêutica (p.400 §6). Nesse momento observa-se, também, que ainda não utiliza a expressão *terapia comportamental* ou *terapeuta comportamental*.

A afirmação do autor dizendo que a tarefa do terapeuta é completar uma história pessoal de tal modo que o comportamento deixe de ser desvantajoso ou perigoso (p.406 §39) ajuda a entender porque ele acha que a

terapia consiste na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável (p.412-3 §62).

O fato do autor acreditar ser o terapeuta uma audiência não punitiva (p.404 §35) justifica a importante fonte de reforço que, segundo o autor, ele se torna (p.403-3 §31) ao proceder no sentido de reverter mudanças comportamentais resultantes da punição. (p.404-5 §36)

Em 1953, Skinner, ao se referir às várias manifestações (esquecer-se, identificar-se, etc) resultantes da punição, afirma que: “a terapia consiste na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável” (p.412-3 §62). Em 1989, confirma tais afirmações considerando que “as variáveis ambientais estão sempre ao alcance da mão” e acrescenta: “A terapia é freqüentemente um modo de destruir os efeitos reforçadores de conseqüências acidentais”. (p.170 §20)

Em 1953, Skinner afirma que se pode voltar a história anterior do cliente caso não encontremos nenhuma variável que explique o comportamento (p.412 §61), e em 1989 confirma: “Eis a posição comportamentalista: volta aos eventos antecedentes [enquanto história anterior e não estímulos discriminativos] para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa.” (p102 §6,7)

Em 1989, Skinner expõe claramente afirmações já feitas em 1953 e que vão delimitando o papel do terapeuta na correção de comportamentos indesejáveis. Afirma que a correção de condições comportamentais dependem da análise e do controle de variáveis relevantes por parte do terapeuta. (p.401 §29)

Ainda em 1989, Skinner faz algumas referências que nos permitem entender a forma como vê o papel do terapeuta. Quanto à mudança da história de vida do cliente. Afirma que a) apenas pequena parte da vida do cliente se passa na presença do terapeuta (p. 110 §29) e, portanto, poucos reforçadores podem ser usados; b) o mundo [do cliente] não está sob controle do terapeuta (p.111 §30) ainda que este possa alterar algumas das condições sob as quais os clientes vivem devido ao fato de tais condições poderem ser controladas. (p.109 §25)

Ainda falando sobre limite terapêutico, o autor diz que, embora o conselho possa assumir o formato de uma regra orientadora de ação efetiva, o papel do terapeuta não deve se limitar a dar conselho, mas, sim, dispor contingências de reforçamento. (p.112 §34)

Ao inserir a expressão contingência para explicar as causas do comportamento, o autor dá a ela características muito mais poderosas e eficazes do que aos estados internos: “As contingências podem ser muito mais facilmente identificadas e analisadas do que sentimentos e estados da mente.” (p.109 §24)

Em 1969²⁰, o autor usa a expressão psicoterapia/terapia em dois momentos:

- a) ao discutir o comportamento bizarro do psicótico, afirma que “O problema não consiste em achar na estrutura do comportamento observado algum indício de como fazê-lo desaparecer, mas, antes, em exigir o comportamento que está faltando” (p.188 §31) e a orientação de como fazê-lo fica explícita quando diz: “A terapia não consiste em libertar um impulso perturbador, mas na

²⁰ Nos três capítulos selecionados para este trabalho: (I, III, VI)

introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável.”

- b) ao discorrer sobre vida cotidiana afirmando que “As técnicas de psicoterapia são encontradas em miniatura na vida cotidiana sem a presença da figura controladora do terapeuta” (p.191 §43). Em 1953, havia afirmado que “a principal técnica da psicoterapia destina-se a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição.” (p.404-5 §36)

Em 1953, o autor afirma que a terapia consiste em tornar o paciente capaz de, ele próprio, descobrir a solução para seu problema (p.415-7 §68). Em 1989 afirma que, “ainda que o conselho face a face possa assumir o formato de regra orientadora de ação efetiva, os terapeutas precisam ir um passo à frente e ensinar seus clientes a construir suas próprias regras”. Complementa, dizendo que ensinar o cliente a construir suas próprias regras é, normalmente, uma tarefa mais simples do que ensiná-los a alterar seus sentimentos e estados da mente. (p.112 §34)

Em 1953, já havia afirmado que o principal resultado da terapia é a extinção de alguns efeitos da punição (p.404 §35). Em 1989, afirma que a terapia bem sucedida remove reforçadores negativos e multiplica os positivos. (p.114 §42)

Em 1989, por duas vezes, Skinner se refere a *efetividade* do terapeuta/terapia comportamental: “terapeutas comportamentais são mais efetivos” (p.109-10 §26) e “ao se voltarem para as condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo, os terapeutas

comportamentais puderam focalizar os problemas do comportamento humano, de forma mais efetiva.” (p.115-6 §45)

Também em 1989, destaca o papel do ambiente como precursor e causador do comportamento; afirma que a terapia comportamental começa mudando o mundo em que as pessoas vivem e só indiretamente muda o que elas fazem e sentem. Portanto, se o terapeuta não mudar o ambiente, provavelmente não mudará o comportamento nem o sentimento do cliente.

O autor aponta como principal resultado da terapia a extinção de alguns efeitos da punição, fenômeno este possível de ocorrer na ocasião em que o comportamento, previamente punido, aparece na presença de uma audiência não punitiva do terapeuta. (p.404 §35)

Em 1953, Skinner declara que “a psicoterapia não é uma agência organizada, como o governo ou a religião, mas uma profissão” (p.400 §26). E na p. 417 §70, ele a declara como sendo mais uma agência controladora: “em certos estágios da psicoterapia, o terapeuta pode ganhar um grau de controle que é mais poderoso que o poder de muitos religiosos ou governamentais. Há sempre a possibilidade, como qualquer agência controladora, de que o controle seja exorbitado.”

Das três expressões analisadas: ambiente, controle e terapia foi possível verificar que, em 1953, Skinner utiliza e discute amplamente a expressão “terapia”, voltando a fazê-lo em 1989. Já em 1969, o autor discute mais intensamente o “ambiente” e o “controle”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao repensar a prática clínica é possível verificar que, até hoje, analistas usam os termos “terapia” e “psicoterapia” de forma distinta. Profissionais que atuam a partir da suposição teórica de que não existe um “eu iniciador”, ou seja “um agente interno” causador dos comportamentos utilizam o termo “terapeuta”. O termo “psicoterapeuta” é reservado àqueles que atribuem as causas do comportamento à mente. (Skinner, 1989/1991)

Já aqui, podemos constatar um problema quanto a fidedignidade da terminologia pois a forte marca de um atendimento, em ambas as denominações, é a fala que acontece entre profissional e cliente e, esta, é feita na maioria das vezes através de uma linguagem cotidiana, sendo inevitável o emprego de causas internas (Ex. Chorei porque estava triste.). E, assim, podemos constatar que os princípios mentalistas se apresentam, sim, no *setting* terapêutico, de forma muito natural, sendo utilizados como instrumento para investigações outras, uma vez que seu objetivo de estudo, o comportamento humano, advém de um organismo inserido em um meio sócio-cultural, e a cultura humana assim se construiu e se explicou no decorrer da sua história. (1989, p.103)

Dessa forma, os termos em questão não parecem ser os mais adequados para designar uma intervenção baseada na proposta do Behaviorismo Radical, considerado por Skinner (1974) “a filosofia da ciência do comportamento” que propõe como objeto de estudo o comportamento em si, sem causas psíquicas e sem mediação com o sistema nervoso ou cognitivo para explicá-lo, não negando, mas investigando sempre a natureza dos dados internos.

Neste ponto, vale considerar a afirmação do autor (1989): “A análise comportamental considera que o organismo é modificado pelas contingências e mais tarde responde como um organismo mudado, tendo elas passado para a história (...). O ambiente assume o controle anteriormente atribuído a um agente interno originador” que pode nos remeter à função do terapeuta enquanto investigador das causas das respostas atuais do seu cliente, e estas estarem nas contingências que passaram a fazer parte da sua história – aqui, talvez, mais relevante que o tipo de linguagem utilizada seja o quanto ela é facilitadora para viabilizar a resolução de um problema do cliente por ele mesmo.

Em relação à solução de problemas, Skinner (1953) faz algumas afirmações relevantes: “Uma solução que parte do cliente representa considerável grau de progresso”; “Se o paciente chega sozinho a solução, é muito mais provável que adote um curso de ação eficiente”; “Achar a solução não é terapia não importando quem faz a descoberta”; “A terapia consiste, não em levar o cliente a descobrir a solução para seu problema, mas em mudá-lo de tal modo que seja capaz de descobri-la” e que nos advertem, enquanto terapeutas comportamentais, que nos dizemos ser, quanto a um proceder cuidadoso.

Apresenta a distinção entre “solução de problemas” e “resolução de problemas”. Ao definir solução de problemas, Skinner (1953/2000, p.269-276) o faz de forma puramente comportamental: “A solução de problemas pode ser definida como qualquer comportamento que, através da manipulação de variáveis, torne mais provável o aparecimento de uma solução” mas, complementa: “O aparecimento de uma solução não garante que a resolução do problema tenha ocorrido” já que “uma mudança acidental no ambiente provoca um resultado semelhante” . Resolução de um problema, parece ser, então, o momento de criação de uma regra que, se eficiente, poderá passar a ser utilizada na solução de problemas do dia a dia do

cliente. O atendimento terapêutico, portanto, deve voltar-se para a resolução de problemas, ou seja, para o processo percorrido até chegar a solução - e é nisso que consiste a terapia comportamental, no ponto de vista do autor.

Outra declaração que parece merecer alguma discussão é a proferida por Skinner (1969) que, ao discutir *psicoterapia*, afirma “o psicoterapeuta, frente a comportamentos bizarros de psicóticos ou autistas deve, em vez de analisar possíveis formas de fazê-lo desaparecer, *exigir* o comportamento que está faltando.

Tal afirmação envolve questões que diferenciam a terapia comportamental das outras terapias e orienta o terapeuta a não direcionar o tratamento unicamente em função dos comportamentos indesejáveis que estão sendo apresentados pelo cliente. A grande implicação disso é fazer com que o terapeuta desfoque o sintoma e, conseqüentemente, “nomenclaturas patológicas” que tanto estigmatizam o indivíduo em seu ambiente natural e que costumam ser o ponto de partida de outras terapias - deixem de fazê-lo, à princípio no *setting* terapêutico e, oxalá, não a tão longo prazo, na vida cotidiana do indivíduo.

A análise dos textos selecionados fomentou o questionamento de quais seriam as tarefas de um terapeuta comportamental. Foi possível levantar várias delas. Algumas, em especial, foram discutidas. Muito embora todas possam contribuir para responder a questão “O que é ser um terapeuta comportamental, do ponto de vista skinneriano”, considera-se que esta questão não pôde ser respondida nesta dissertação. Talvez devido ao fato de não ter sido analisada, aqui, a expressão que parece ser a grande novidade no entendimento do que seja terapia comportamental a partir dos textos de Skinner: o conceito de contingências do reforço. Pôde-se chegar, entretanto,

a um conjunto de tarefas que, parece, resulta da revisão do que prescreve Skinner a propósito de terapia comportamental, conforme segue:

Skinner (1953), defendendo vantagens da aplicação de padrões e critérios científicos na área do comportamento humano, atribui ao terapeuta comportamental, algumas tarefas.

QUADRO 4 -Tarefas do terapeuta comportamental a partir de Skinner - 1953

1.	Ter informações sobre a história do paciente, do comportamento a ser tratado e das circunstâncias em que o paciente vive.	p.401	§27
2.	Observar procedimentos mais ou menos padronizados.	p. 400	§26
3.	Analisar e corrigir condições do comportamento.	p. 401	§29
4.	Ter controle sobre variáveis relevantes.	p. 401	§29
5.	Evitar consistentemente o uso da punição.	p. 403	§32
6.	Operar dentro de certos limites éticos, religiosos e legais.	p.405	§38
7.	Completar uma história pessoal de tal modo que o comportamento deixe de ser desvantajoso ou perigoso.	p.406	§39
8.	Perguntar por que a resposta do cliente foi emitida da primeira vez, por que foi punida e quais variáveis ativas no presente.	p.409	§45
9.	Introduzir variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável.	p.412-3	§62
10.	Alterar a história ambiental.	p.412	§62
11.	Construir um novo e mais eficiente repertório no mundo em que o paciente se encontra.	p.414	§65
12.	Aumentar a probabilidade de emissão de comportamentos adequados acrescentando respostas adicionais.	p.414	§65
13.	Estabelecer um repertório de autocontrole que o possibilite livrar-se da estimulação condicionada da punição.	p.414	§65
14.	Construir um repertório eficaz de técnicas de autocontrole.	p.414	§66
16.	Explicar o comportamento desvantajoso em termos de uma história pessoal e alterar tal história.	p.413	§65
17.	Construir um repertório dotado de técnicas de autocontrole no caso do cliente estar continuamente exposto a controle excessivo ou inábil.	p.414	§65

Skinner (1984) introduz o conceito de contingências do reforço, sendo este, talvez, a maior novidade no entendimento do que seja terapia comportamental a partir dos seus textos.

QUADRO 5 -Tarefas do terapeuta a partir de Skinner - 1969

1.	Exigir o comportamento que está faltando.	P.188	§43
2.	Tornar práticas não codificadas visíveis para o cliente.	p.191	§43
3.	Analisar o comportamento sob contingências conhecidas de reforço.	p.184	§16
4.	Se preocupar com a relação entre comportamento e ambiente.	p.184	§16
5.	Planejar um ambiente no qual reforçadores que normalmente geram comportamento indesejável não o façam.	p.115-6	§11
6.	Procurar contingências de reforço.	p.184	§16
7.	Ensinar técnicas de autocontrole.	p.224	§39

Skinner (1991) defendendo o controle adequado do meio e a observação do comportamento resultante na explicação do comportamento humano, atribui ao terapeuta comportamental algumas tarefas específicas.

QUADRO 6 -Tarefas do terapeuta a partir de Skinner - 1989

1.	Destruir os efeitos reforçadores de conseqüências acidentais.	p.107	§20
2.	Dispor contingências de reforçamento.	p.112	§34
3.	Voltar-se para variáveis mais acessíveis	p. 108-9	§23
4.	Alterar contingências.	p. 109	§25
5.	Ensinar seus clientes a construir suas próprias regras, ou seja, ensinar-lhes algo sobre análise do comportamento.	p. 112	§34
6.	Mudar circunstâncias aversivas responsáveis pelo que o cliente está sentindo.	p. 113	§38
7.	Restabelecer reforçadores perdidos.	p. 113	§38
8.	Eliminar conseqüências aversivas.	p.113	§38
9.	Não ignorar fatores genéticos.	p.113	§38
10.	Alterar contingências das quais sentimentos são função.	p.114	§41
11.	Construir comportamentos fortes.	p.114	§42
12.	Remover reforçadores desnecessariamente negativos.	p.114	§42
13.	Multiplicar reforçadores positivos.	p.114	§42
14.	Se voltar para as condições ambientais.	p.115-6	§45
15.	Voltar aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que o cliente faz e sente enquanto faz algo.	p.103	§7
16.	Rejeitar os sentimentos e estados da mente como causas iniciadoras do comportamento.	p.115-6	§45

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barcellos, A. & Haydu, V. B. (1995). História da Psicoterapia Comportamental. Em Range, B. (Org.) Psicoterapia Comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicação e problemas, pp.43-53, Campinas: Editorial Psy.
- Guedes, M. L. (1993). Equívocos da terapia comportamental. Temas em Psicologia, 2. pp.81-85
- Guilhardi, H. J. (2003). Tudo se deve às conseqüências. Disponível em: <<http://www.terapiaporcontingencias.com.br>> (não publicado).
- Guilhardi, H. J. (2004). Terapia comportamental e cognitivo-comportamental – Práticas clínicas. Organizadores: Cristiano Nabuco de Abreu, Hélio José Guilhardi. São Paulo, Roca
- Matos, M. A. (1993). O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. Em: R. A. Banaco (Org.). Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Vol. 1, 1ª. Santo André – ARBytes editora. (2001)
- Matos, M. A. (1993). Texto *Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical* – Depto Psicologia – USP, a partir de palestra apresentada no II Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, Campinas, out/93. Versão revista encontra-se publicada em: Bernard Range (org) *Psicoterapia comportamental e*

cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas. Campinas, Editorial Psy, 1995. Publicada, também, numa versão modificada, no Vol.I da coleção Sobre Comportamento e Cognição (cap. 7) *O Behaviorismo Metodológico e suas relações com o Mentalismo e o Behaviorismo Radical*, Editora Esetec, 2001.

Matos, M. A. (1994). Com o que o behaviorismo radical trabalha. Em: R. A. Banaco (Org.). Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Vol. 1, 1ª. Santo André – ARBytes editora.(2001)

Morris, E, K. (1998). Tendências actuales em el análisis conceptual Del comportamiento. In: *Manual de análisis experimental Del comportamiento*, Biblioteca Nueva, Madri. p.19-55.

Nolasco, N. C. (2002). A evolução do conceito de intervenção clínica comportamental conforme apresentada em artigos produzidos no Brasil: uma revisão histórica. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUCSP, São Paulo..

Skinner, B. F. (2000). Ciência e comportamento humano. (Trad. João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi). São Paulo, Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1953).

Skinner, B. F. (1980). Sobre o behaviorismo. (Trad. Maria da Penha Villalobos). São Paulo, Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974)

Skinner, B. F. (1984). Contingências do reforço: uma análise teórica. (Trad. Raquel Moreno). São Paulo, Abril Cultural – Editor: Victor Civita. (Trabalho original publicado em 1969).

Skinner, B. F. (1991). Questões recentes em análise comportamental. (Trad. Anita Liberalesso Néri). Campinas, Papirus. (Trabalho original publicado em 1989).

ANEXOS

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

Inter-títulos		Localização:
<i>Certos subprodutos do controle</i>	Os subprodutos do controle que incapacitam o indivíduo ou que são perigosos seja para o indivíduo seja para os outros, constituem o campo da Psicoterapia. O Discuti-la-emos como um tipo de agência controladora. Entre as espécies de comportamento com as quais lida podemos distinguir certos efeitos primariamente no campo da emoção e outros no comportamento operante.	p. 393 §6
<i>Psicoterapia como agência controladora</i>	O comportamento inconveniente ou perigoso para o próprio indivíduo, ou para os outros, muitas vezes requer “tratamento”. Antigamente o tratamento era deixado para os amigos, pais ou conhecidos, ou a representantes das agências controladoras. No simples “bom conselho” se recomenda um curso de ação que teria conseqüências vantajosas. Uma grande parte da terapia casual está prescrita em provérbios, tradições e outras formas de sabedoria popular.	P. 400 §25
	A Psicoterapia representa uma agência especial que se preocupa com esse problema. Não é uma agência organizada, como o governo ou a religião, mas uma profissão, cujos membros observam procedimentos mais ou menos padronizados. A Psicoterapia já se tornou uma fonte de controle importante na vida de muitas pessoas, e portanto alguma explicação se faz necessária.	p. 400 §26
	<i>Diagnóstico.</i> É claro, o psicoterapeuta deve saber alguma coisa a respeito do paciente que está tratando . Deve ter vertas informações acerca da sua história, sobre o comportamento que necessita ser tratado, e sobre as circunstâncias nas quais o paciente vive. Na psicologia clínica se tem dado ênfase especial ao exame do paciente. Como conduzir uma entrevista, como obter uma história de vida, como analisar encadeamento de pensamento na associação livre, como determinar probabilidades de resposta a partir de testes projetivos ou sonhos, como reforço, ou estimulação emocional, tudo isso tem sido estudado. Testes de inteligência e de outros traços têm sido inventados para habilitar o terapeuta a prever quão prontamente o paciente reagirá a várias espécies de terapia.	p. 401 §27
Muitas vezes se faz supor que o diagnóstico, meramente como uma coleção de informações a respeito do paciente, é o único ponto no qual uma ciência do comportamento pode ser útil na terapia. Uma vez reunidos todos os fatos a respeito do paciente deixa-se o tratamento a recomendação criteriosa e ao bom senso. È um exemplo do grande mal-entendido na aplicação dos métodos da ciência do comportamento humano. A coleção de dados é apenas o primeiro passo em uma análise científica. Demonstrar as relações funcionais é o segundo. Quando as variáveis	p. 401 §28	

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>independentes estão sob controle, estas relações levam diretamente ao controle da variável dependente. No caso presente, controle significa terapia. Uma ciência do comportamento adequada deveria dar talvez uma contribuição maior para a terapia do que para o diagnóstico. Não obstante, a extensão da ciência à terapia tem encontrado resistência, possivelmente por certas razões que serão consideradas no capítulo XXIX. (VER CAP.XXIX!!!!)</p>	
	<p>Os passos que devem ser dados para corrigir uma determinada condição de comportamento seguem-se diretamente de uma análise dessa condição. Se podem ser efetivados depende, é claro, de se saber se o terapeuta tem controle sobre as variáveis relevantes.</p>	p. 401 §29
	<p><i>Terapia.</i> O poder inicial do terapeuta como agente controlador se origina do fato de que a condição do paciente é aversiva e de que, portanto, qualquer promessa de alívio é positivamente reforçadora. Explicar por que o paciente volta ao terapeuta em qualquer dada instância requer a análise de uma história, muito complicada, e grande parte da qual é verbal. As promessas de auxílio, vários indícios que tornam essas promessas eficazes, o prestígio do terapeuta, relatórios de melhora em outros pacientes, ligeiros sinais de melhora no próprio paciente, indícios da sabedoria do terapeuta em outras matérias, tudo entra no processo mas de um modo muito complexo para ser analisado aqui. Em acréscimo o terapeuta pode usar variáveis que estão ao seu alcance no controle pessoal, ou como um membro do grupo ético, ou que se deriva de sua aparência com membros da família do paciente ou com agentes religiosos ou governamentais que já estabeleceram controle sobre o paciente de outros modos.</p>	p. 402 §30
	<p>Tudo considerado, entretanto, o poder inicial do terapeuta não é muito grande. Como o efeito que ele deve conseguir requer tempo, sua primeira tarefa é assegurar-se de que haverá tempo disponível. O terapeuta usa seja qual for o poder limitado que originalmente possui para assegurar-se de que o paciente continuará a ter contato com ele – que o paciente voltará para continuar o tratamento. Contudo, a medida que o tratamento progride seu poder aumenta. Assim como um sistema social organizado se desenvolve, O terapeuta se torna uma importante fonte de reforço. Se tem sucesso em fornecer alívio, o comportamento do paciente de voltar a ele em busca de auxílio será reforçado. A aprovação do terapeuta pode vir a ser especialmente eficiente. À medida que o</p>	p. 402-3 §31

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>seu conhecimento do paciente se desenvolve, também pode sugerir esquemas de rotina que afetem níveis de privação ou saciação, que disponham de apresentação de estímulos que levem ao condicionamento ou à extinção de reflexos emocionais, que eliminem situações estimuladoras que tenham conseqüências desastrosas, etc. Esses esquemas, adotados primeiro por causa do controle verbal do terapeuta, finalmente adquirem outras fontes de força, se o seu efeito dobre a condição do paciente for reforçador.</p>	
	<p><i>A audiência não punitiva.</i> Deve-se a Sigmund Freud a mais comum, correntemente das técnicas de terapia. Tem sido caracterizada de muitos modos diferentes em muitas das diferentes teorias do comportamento. Na medida em que aqui nos toca, pode ser simplesmente descrita deste modo: o próprio terapeuta constitui uma audiência não punitiva. O processo através do qual isso acontece pode levar tempo. Do ponto de vista do paciente, o terapeuta em princípio é apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle. ”É tarefa do terapeuta colocar-se em situação diferente. Evita portanto consistentemente o uso da punição. Não critica o paciente nem levanta objeção alguma a nenhum de seus comportamentos. Não aponta erros de pronúncia, gramática ou lógica. Particularmente, evita qualquer sinal de contra- agressão quando o paciente de alguma maneira critica-o ou o defende. O papel de não punir fica mais claro quando o terapeuta frequentemente responde de modo incompatível com a punição, por exemplo, retruca com uma ostensiva demonstração de amizade um ataque agressivo, ou trata sumariamente com um casual “Isso é interessante”, o relato pelo paciente de um comportamento punível.</p>	<p>p. 403 §32</p>
	<p>Há um segundo estágio no processo terapêutico. O aparecimento do comportamento previamente punido na presença de uma audiência não-punitiva torna possível a extinção de alguns efeitos da punição. Esse é o principal resultado da terapia. Os estímulos automaticamente gerados pelo próprio comportamento do paciente tornam-se menos e menos aversivos e com menor probabilidade de gerar reações emocionais. O paciente sente-se menos errado, menos culpado, ou menos pecador. Como conseqüência direta é menos provável que exiba as várias formas de comportamento operante que, como vimos, fornecem um meio de fugir desta estimulação autogerada.</p>	<p>p. 404 §35</p>
<p><i>Psicoterapia versus controle religioso e governamental</i></p>	<p>A principal técnica da Psicoterapia destina-se assim a reverter as mudanças comportamentais que aconteceram como resultado da punição. Com muita freqüência essa punição foi administrada por agências religiosas e governamentais. Há portanto uma certa oposição entre Psicoterapia e controle religioso e governamental. A oposição também aparece quando o psicoterapeuta advoga mudanças em técnicas controladoras estabelecidas. Por exemplo, pode recomendar uma modificação</p>	<p>p. 404-5 §36</p>

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>da ação da polícia contra jovens delinquentes ou certos tipos de personalidades psicóticas. Essa oposição tem atraído considerável atenção. Representantes de algumas agências religiosas acusaram psicoterapeutas de fomentar tendências imorais e, por razões similares, funcionários governamentais resistem às reformas propostas pelos psicoterapeutas.</p> <p>Embora haja uma oposição fundamental nos processos comportamentais empregados, não há necessariamente nenhuma diferença no comportamento que essas agências tentam estabelecer. O psicólogo está interessado na correção de certos subprodutos do controle. Mesmo que venha a discutir a eficiência de certas técnicas, provavelmente não questionará a necessidade do comportamento que os procedimentos religiosos ou governamentais se destinam a estabelecer. Ao evitar os subprodutos do controle excessivo, pode restabelecer certa porção de comportamento egoísta no indivíduo, enfraquecendo a estimulação aversiva que resulta do controle religioso ou governamental; mas concordará que o comportamento egoísta deve ser suprimido pelo grupo e pelas agências que operam dentro do e para o grupo, e deve preparar o paciente para aceitar este controle.</p> <p>As técnicas disponíveis para as agências religiosas e governamentais são extremamente poderosas, e frequentemente são mal empregadas, com desvantagens tanto para o indivíduo quanto para o grupo. Certo grau de contracontrole por parte da Psicoterapia ou de agência semelhante, portanto, muitas vezes se faz necessário. Como as variáveis que estão sob controle do psicoterapeuta são muito fracas, e como ele deve operar dentro de certos limites éticos, religiosos e legais, dificilmente pode ser encarado como uma séria ameaça. Consideremos na sexta seção a possibilidade de se decidir em última instância a respeito do “melhor” grau de controle religioso ou governamental.</p>	
		p. 405 §37
		p. 405 §38
<i>Interpretações tradicionais</i>	<p>Constata-se facilmente o que está errado com o indivíduo que apresenta esses suprodutos da punição. Uma determinada história pessoal produziu um organismo cujo comportamento é desvantajoso. Ou perigoso. Em que sentido é desvantajoso ou perigoso, deve ser especificado em cada caso, notando-se as conseqüências tanto para o próprio indivíduo quanto para os outros. A tarefa do terapeuta é completar uma história pessoal de tal modo que o comportamento já não tenha essas características.</p>	p. 406 §39

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>Entretanto, não é este o ponto de vista tradicional. O próprio comportamento não tem sido aceito por si só como objeto de estudo, mas apenas como uma indicação de que há <i>alguma coisa errada em algum lugar</i>. Diz-se que a tarefa da terapia é remediar uma doença interna da qual as manifestações comportamentais são meros “sintomas”. Assim como as agências religiosas dão a maior importância a salvação ou piedade; as agências governamentais à justiça, liberdade ou segurança; a Psicoterapia se dedica a elevar ao máximo a saúde mental ou o ajustamento pessoal. Esses termos são geralmente negativos porque são definidos pela especificação do comportamento doente ou desajustado, que está ausente na saúde ou no ajustamento. Frequentemente, a condição a ser corrigida denomina-se “neurótica”, e a coisa a ser atacada pela Psicoterapia identifica-se então como uma “neurose”. O termo já não acarreta a implicação original de um desarranjo no sistema nervoso, mas, não obstante, é um infeliz exemplo de uma ficção explicativa. Tem encorajado o psicoterapeuta a evitar a especificação do comportamento a ser corrigido ou a demonstração do porquê de ser desvantajoso ou perigoso. Sugerindo uma única causa para distúrbios múltiplos, tem feito supor uma uniformidade não encontrada nos dados. Acima de tudo, tem encorajado a crença de que a Psicoterapia consiste na remoção de certas causas internas de doenças mentais, como o cirurgião remove um apêndice inflamado ou um tumor canceroso, ou como um alimento indigesto é purgado do corpo. Vimos o bastante das causas internas para entender por que essa doutrina tem dado à Psicoterapia uma incumbência impossível. Não é uma causa interna do comportamento, mas o próprio comportamento que - na analogia médica da catarse – deve ser “tirado do corpo”.</p>	p. 406-7 §40
	<p>A presente visão da terapia é diferente. O desejo freudiano é um artifício para representar uma resposta com uma dada probabilidade de ocorrência. Qualquer efeito da “repressão” deve ser o efeito das variáveis que levaram seja “a própria resposta, seja ao comportamento repressor. Temos que perguntar por que a resposta foi emitida da primeira vez, por que foi punida, quais as variáveis ativas no presente. Responder a estas questões deverá explicar o comportamento neurótico. Onde, no esquema freudiano, o comportamento é meramente o sintoma de um a neurose, na presente formulação é o objeto direto da inquirição.</p>	p. 409 §45

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>Seria difícil provar que todas essas manifestações sejam devidas à punição anterior do comportamento agressivo contra o irmão. Mas são conseqüências razoáveis dessa punição, e pode-se recorrer à história anterior <i>se não se encontrar nenhuma outra variável que explique o comportamento.</i> (Se o comportamento não tiver conexão com uma história como essa, tanto menos virá a ser explicado em uma análise científica.)</p>	p. 412 §61
	<p>Essas manifestações (dinamismos freudianos) são simplesmente as respostas de uma pessoa que teve uma história particular. Não são nem os sintomas nem a expressão sub-reptícia de desejos ou impulsos reprimidos. Os dinamismos não são as maquinações inteligentes de um impulso agressivo lutando para fugir da censura restritiva do indivíduo ou da sociedade, mas o resultado de complexos conjuntos de variáveis. A terapia não consiste em libertar um impulso perturbador, mas na introdução de variáveis que compensem ou corrijam uma história que produziu o comportamento indesejável. A emoção reprimida não é a causa do comportamento desordenado: é parte dele. Não ser capaz de lembrar um acontecimento passado não produz sintomas neuróticos; é em si mesmo um exemplo de comportamento deficiente. É bem possível que na terapia a emoção reprimida e o sintoma comportamental possam desaparecer ao mesmo tempo ou que uma memória reprimida seja lembrada quando o comportamento desajustado tiver sido corrigido. Mas isso não significa que um desses eventos seja causa do outro. Ambos pode ser produto de uma história ambiental que a terapia alterou.</p>	p. 412-3 §62
	<p>Ao dar ênfase ao próprio comportamento neurótico em lugar de qualquer condição interna que pretenda explicá-lo, pode-se argumentar que estamos cometendo o imperdoável pecado de “tratar o sintoma no lugar da causa”. Essa expressão muitas vezes se aplica na tentativa de remover aspectos indesejáveis do comportamento sem atenção para fatores causais, por exemplo, “curar” a gagueira por um curso de exercícios vocais, a má postura pela aplicação de coletes ortopédicos, ou chupar o dedo impregnando o polegar com uma substância amarga. Essa terapia parece desprezar o distúrbio subjacente do qual essas características do comportamento são sintomas. Mas ao argumentar que o comportamento é o objeto da terapia e não o sintoma do objeto, não estamos cometendo o mesmo engano. Explicando um dado exemplo de comportamento desvantajoso em termos de uma história pessoal e alterando ou suplementando a história como uma forma de terapia, estamos considerando as verdadeiras variáveis às quais o teórico tradicional deve voltar-se, em última instância, para uma explicação de suas supostas causas interiores.</p>	p.413 §63

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner

Ciência e comportamento humano, 1953*.

<i>Outras técnicas terapêuticas</i>	<p>Há muitos outros modos pelos quais o comportamento que necessita de remédio pode ser corrigido. Quando a dificuldade não pode ser atribuída ao uso excessivo da punição ou a outras circunstâncias aversivas na história do indivíduo, devem ser desenvolvidas técnicas terapêuticas diferentes. Há o caso inverso, por exemplo, no qual o controle ético, governamental ou religioso foi inadequado. O indivíduo pode não ter estado em contato com os agentes controladores, pode ter se mudado para uma cultura diferente em que seu treinamento anterior é inadequado. Ou talvez não esteja facilmente acessível ao controle. A terapia consistirá então no fornecimento de variáveis controladoras adicionais. Quando o indivíduo estiver totalmente fora de controle, não será fácil achar técnicas terapêuticas eficientes. Neste caso se diz que o indivíduo é psicótico.</p>	p. 413-4	§64
	<p>Algumas vezes o terapeuta deve construir um novo repertório que seja eficiente no mundo em que o paciente se encontra. Talvez um comportamento conveniente já integrante no repertório do paciente precisa ter sua probabilidade de emissão aumentada, ou respostas adicionais talvez precisem ser acrescentadas. Como o terapeuta não pode antever todas as circunstâncias com as quais o paciente vai se defrontar, deve também estabelecer um repertório de autocontrole através do qual o paciente seja capaz de se ajustar às circunstâncias à medida que surjam. Esse repertório consiste principalmente em melhores meios de fugir da auto-estimulação condicionada pela punição.</p>	p. 414	§65
	<p>Essas técnicas construtivas podem ser necessárias depois que a audiência não-punidora do terapeuta tenha tido seu efeito. Se a condição que está sendo corrigida é o subproduto de circunstâncias controladoras que não mais existem na vida do paciente, o alívio dos efeitos do controle excessivo pode ser suficiente. Mas se o paciente estiver continuamente sujeito a controle excessivo ou inábil, a terapia deve ser mais construtiva. Pode-se ensinar o paciente a evitar ocasiões nas quais tenha probabilidade de se comportar de modos puníveis, mas isso pode não ser suficiente. Um repertório eficaz, particularmente dotado de técnicas de autocontrole, deverá ser construído.</p>	p. 414	§66
	<p>Assim como a tradicional concepção da responsabilidade fica abandonada tão logo os governos se voltem para técnicas de controle outras que o uso da punição, também a concepção de terapia como eliminação de causas internas de confusão</p>	p. 415-7	§68

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner
Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>não se aplica para a explicação dessas técnicas construtivas. Há contudo, uma explicação aproximadamente paralela que tem sido aplicada a todas as técnicas de terapia. Quando um terapeuta encontra um paciente pela primeira vez, defronta-se com um “problema” no sentido do capítulo XVI. O paciente geralmente mostra um padrão novo de comportamento desvantajoso, junto com uma nova história em termos do qual o comportamento deve ser entendido. O particular curso de terapia necessário para alterar ou suplementar essa história pode não ser imediatamente claro. Entretanto, o terapeuta finalmente pode “ver que está errado” e ser capaz de sugerir um curso de ação corretiva; essa é a <i>solução</i> do problema. Hoje a experiência terapêutica tem mostrado que, quando essa solução é proposta a um indivíduo, pode não ser eficiente, mesmo que, até onde saibamos, seja correta. Mas se o paciente chega sozinho à solução, é muito mais provável que adote um curso de ação eficiente. A técnica do terapeuta leva esse fato com consideração. Assim como o psicanalista pode esperar que uma lembrança reprimida se manifeste por si só, também o terapeuta não-analista espera pela emergência de uma solução do paciente. Mas aqui novamente podemos interpretar mal a relação causal. “Achar uma solução” não é terapia, não importando quem faz a descoberta. Contar ao paciente que ele está errado pode não trazer nenhuma mudança substancial nas variáveis independentes relevantes, e por isso pode representar pouco progresso em direção à cura. Quando o próprio paciente vê que está errado, não é o fato de que a solução partiu de dentro dele que é importante, mas o que importa é que, para descobrir sua própria solução, seu comportamento com relação ao problema deve ser alterado enormemente. Depreende-se da natureza do comportamento desvantajoso ou perigoso que deve ser consumada uma mudança substâncias se o indivíduo tem que identificar as variáveis importantes. Uma solução que parte do sujeito representa assim um considerável grau de progresso. Nenhum progresso semelhante está implícito quando o terapeuta enuncia a solução. A terapia consiste, não em levar o paciente a descobrir a solução para seu problema, mas em mudá-lo de tal modo que seja capaz de descobri-la.</p>	
<p><i>Explicação da agência psicoterapêutica</i></p>	<p>O terapeuta se empenha na terapia principalmente por razões econômicas. A terapia é uma profissão. Os serviços que o terapeuta presta são suficientemente reforçadores para o paciente e para os outros para permitir que o troque por dinheiro (capítulo XXV). Geralmente também o terapeuta é reforçado pelo êxito do alívio das condições de seus pacientes. Isto tem especial probabilidade de ser verdade em uma cultura que reforça o auxílio a outros como</p>	<p>p. 417 §69</p>

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 1

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo XXIV – “Psicoterapia”, do livro de B. F. Skinner
Ciência e comportamento humano, 1953*.

	<p>um procedimento ético padrão. Frequentemente outro tipo de reforço importante para o terapeuta é o sucesso na manipulação do comportamento humano. Pode ser um interesse pessoal, por exemplo, em provar o valor de uma teoria determinada do comportamento neurótico ou de um procedimento terapêutico. Esses efeitos de retorno sobre a agência determinarão a longo prazo a composição da profissão na Psicoterapia e a uniformidade de seus procedimentos.</p> <p>Em certos estágios da Psicoterapia o terapeuta pode ganhar um grau de controle que é mais poderoso que o de muitos agentes religiosos ou governamentais. Há sempre a possibilidade, como qualquer agência controladora, de que o controle seja exorbitado. O contracontrole que desencoraja o abuso do poder é representado pelos padrões éticos e procedimentos da profissão organizada de Psicoterapia. O perigo de abusar pode explicar, como veremos no capítulo XXIX a corrente popularidade de teorias de psicoterapia que negam que o comportamento humano possa em última análise ser controlado ou que recusam deliberadamente aceitar a responsabilidade do controle.</p>	
		p. 417 §70

* Edição consultada: Editora Martins Fontes, 2000, 10ª edição, 2ª tiragem, tradutores: João Carlos Todorov & Rodolfo Azzi.

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner
Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

Inter-títulos		Localização:
<p>Cap. I – O papel do meio ambiente;</p> <p><i>Além do estímulo e resposta</i></p>	<p>Toda formulação dos comportamentos em termos de estímulos e resposta, ou de entrada e saída, sofre uma séria omissão.</p> <p>Nenhuma descrição do intercâmbio entre o organismo e meio ambiente estará completa enquanto não incluir a ação do ambiente sobre o organismo <i>depois</i> da emissão da resposta. Que o comportamento pode ter conseqüências importantes, é fato que não passou despercebido, é claro. A filosofia do hedonismo insistia em que os homens trabalham para conseguir prazer e evitar a dor, e os utilitaristas tentavam justificar o comportamento em termos de seus efeitos úteis. A teoria da evolução indicou a adaptação resultante ou ajustamento do organismo \o meio. Todavia o significado pleno das conseqüências só foi reconhecido lentamente. Talvez houvesse alguma dificuldade em compreender causas finais (como poderia ter efeito sobre o comportamento algo que ocorre depois?), mas a maior estava nos fatos. Todas essas regras, ou leis, tinham embaraçosas exceções. Os homens, às vezes, se comportam de maneira a provocar dor e destruir o prazer, ou, segundo forma de duvidosa utilidade líquida, ou trabalham contra a sobrevivência da espécie. Recompensas e castigos sem sempre tem efeitos predizíveis. Mesmo sabendo o quanto ganha uma pessoa, não podemos dizer o quanto ela trabalha. Mesmo sabendo que os pais de uma criança tratam-na com afeição, e os de outra, com as medidas disciplinares de um sargento, não podemos antecipar qual a criança que vai se conformar e qual rebelará. Mesmo que possamos saber que um determinado governo é tirânico, e outro, benevolente, não poderemos predizer qual o povo que vai se submeter e qual se revoltará. Muitos esforços tem sido feito para explicar falhas semelhantes – por exemplo, inventando outros tipos de prazeres e dores – mas nunca logrando preservar a confiança nos princípios básicos.</p>	<p>p. 180-1 §6</p>
	<p>O que Thorndike observou foi que o comportamento de suspender a tranca ficava, como ele mesmo dizia, "estampado". À medida que o experimento ia sendo repetido, Thorndike pôde observar como o gato conseguia suspender a tranca cada vez mais depressa, e registrar uma curva de aprendizagem. Não precisou supor que a própria resposta ficasse fortalecida de alguma forma. Podia estar ocorrendo mais rapidamente, simplesmente porque outros comportamentos do gato, na gaiola, foram sendo "apagados". Uma resposta bem sucedida podia estar sendo selecionada por suas conseqüências, da mesma maneira que, na teoria da evolução, as mutações teriam sido selecionadas por suas contribuições à sobrevivência da espécie em questão. (Esta interpretação do efeito seletivo das conseqüências continuou a ser mantida por Edwijn R. Guthrie.)</p>	<p>p. 181 §8</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>Uma simplificação do experimento torna o processo ainda mais claro. O uso de uma gaiola na qual um rato faminto possa abaixar uma alavanca e, com isso, imediatamente obter alimento, fica claramente dentro da tradição experimental de Thorndike. A resposta é mais simples, contudo, e a consequência é imediatamente contingente, pelo menos se um reforço condicionado, tal como o som do alimentador, estiver presente. Mas há um aspecto mais importante: ao adaptar bem o rato à gaiola, antes da instalação de uma barra ou alavanca, a maior parte dos comportamentos concorrentes pode ser "apagada" antes que a resposta a ser aprendida seja emitida. No registro do comportamento do rato, a curva de aprendizagem de Thorndike, mostrando o desaparecimento gradual dos comportamentos mal sucedidos, desaparece. Em seu lugar fica uma mudança conspícua, na ocorrência da própria resposta bem sucedida: um aumento imediato de frequência, quase sempre bastante abrupto, quando descrito em uma curva traçada sobre intervalos de tempo.</p>	p. 181-2 §9
	<p>Usar a frequência de resposta, como variável dependente, tornou possível observar mais adequadamente as interações entre um organismo e o seu ambiente. Os tipos de consequência, que aumentam a frequência ou o nível ("reforçadores"), podem ser positivos ou negativos, dependendo de serem reforçadores quando aparecem, ou quando desaparecem. A classe de resposta, em relação às quais o reforço é contingente (cuja frequência de emissão depende de reforços), chama-se operante, para sugerir a ação sobre o ambiente, seguida de reforço. Construimos um operante ao tornarmos um reforço contingente a uma resposta, mas o fato importante, quanto à unidade resultante, não é a sua topografia, mas a sua probabilidade de ocorrência, observada como nível de emissões. Os estímulos anteriores não são irrelevantes. Qualquer estímulo presente, quando um operante for reforçado, adquire o controle, no sentido de o nível de respostas ser superior na presença dele. Tal estímulo não age como agulhão; não alicia a resposta, no sentido de forçá-la a ocorrer. É simplesmente um aspecto essencial da ocasião em que uma resposta, se for emitida, será reforçada. Para marcar a diferença, vamos chamá-lo estímulo discriminativo (ou SD).</p>	p. 182 §10

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner
Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>Uma formulação das interações entre um organismo e o seu ambiente para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: (1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, (2) a própria resposta e (3) as conseqüências reforçadoras. As relações entre elas constituem as contingências de reforço”. Este conceito caracteriza as propriedades do ambiente que Tolmen e Brunswik deviam estar tentando identificar, quando falavam de “textura causal”. As inter-relações são muito mais complexas do que as que ocorrem entre um estímulo e uma resposta, e são muito mais produtivas tanto nas análises teóricas, como nas experimentais. O comportamento gerado por um conjunto dado de contingências pode ser considerado cientificamente, sem que se tenha que apelar para estados ou processos internos hipotéticos. Se um estímulo conspícuo não tiver efeito, não será porque o organismo não o notou, ou porque não foi isolado por algum porteiro central, mas porque o estímulo não teve um papel importante nas contingências que prevaleceram no momento da resposta. Os demais processos cognitivos invocados para salvar uma fórmula de entradas e saídas podem ser descartados da mesma forma..</p>	p. 182 §11
	<p>Em um laboratório para o estudo do comportamento operante, as contingências de reforço são deliberadamente arranjadas e seus efeitos, observados. O espaço experimental contém vários estímulos controláveis, equipamento para registro de respostas e um ou mais reforçadores. As inter-relações específicas entre essas coisas são mantidas por retransmissores, cronômetros, calculadoras, analisadores de frequência, etc. (O desenvolvimento deste equipamento, durante os últimos vinte e cinco anos, dá um bom testemunho da complexidade crescente das contingências que foram submetidas à análise.) O comportamento é, geralmente, anotado poligraficamente, num registro cumulativo, onde tanto a frequência constante, como a mudança de frequência, num intervalo de tempo substancial, podem ser percebidas num relance, mas os pormenores são esclarecidos posteriormente, ao se analisar o tempo decorrido entre as respostas. Algumas contingências requerem processamento do comportamento por computadores em linha. Com o auxílio de tal equipamento, juntamente com as técnicas experimentais para o qual foi destinado, começamos a ver as contingências de reforço.</p>	p. 182 -3 §12

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>Nosso observador sentirá dificuldade em achar algum sentido nesses fatos esparsos. Ele observou um organismo que se comporta a partir do que parece ser uma posição vantajosa, quase ideal. Durante um período substancial de tempo viu o aparecimento de vários estímulos, respostas e reforços. Permanece o fato de que a observação direta, não importando quão prolongada, diz-lhe muito pouco do que está ocorrendo. Ele estará bastante despreparado para a informação adicional encontrada num registro cumulativo simples, onde, pela primeira vez, poderá estimar acuradamente a frequência de respostas, comparar as diversas frequências, e acompanhar as acelerações que agora são óbvias. Ele não teve claro, nenhuma das informações sobre a história recente do pombo, encontrável no diário do experimento. Sobretudo, poderá apenas suspeitar vagamente das interdependências entre os estímulos, as respostas e os reforços, que poderá agora descobrir, examinando o equipamento de controle.</p>	p. 183 §14
	<p>Se nos lembrássemos do tempo que se levou para identificar-se a ação causal do ambiente no reflexo simples, talvez não ficassemos surpreendidos de termos levado mais tempo para descobrir as contingências de reforço. A tradicional visão antropocêntrica do comportamento humano não encoraja a olhar o ambiente sob esta luz, e os fatos em si estão longe de ser óbvios. E, agora, vamos pedir ao nosso observador que olhe o ambiente em redor, onde animais e homens vivem e se comportam sob contingências muito mais complexas do que as que jamais foram submetidas à análise experimental. Se ele não pôde ver o que estava ocorrendo num espaço experimental relativamente simples, como podemos esperar que entenda o comportamento que vê no mundo ao seu redor? E todo mundo esteve na mesma posição até muito recentemente.</p>	p. 183-4 §15
	<p>É apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las ou ignorá-las. A topografia do comportamento, não importa o quão fascinante, fica em segundo lugar frente as evidências de probabilidade. Um estímulo não é mais um mero início ou término conspícuo de uma troca de energia, como na fisiologia do reflexo; é parte da ocasião na qual uma resposta é emitida e reforçada. Reforço é muito mais do que “ser recompensado”; a predominância da probabilidade de reforço, particularmente sob vários esquemas intermitentes, é que é a variável importante. Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas e eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso.</p>	p. 184 §16

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

<p><i>A interpretação do comportamento</i></p>	<p>Amostras para estudo podem ser obtidas de qualquer pessoa que fale a língua, possivelmente o próprio lingüista. A topografia do comportamento pode ser analisada acusticamente, foneticamente e fonemicamente e nestas estruturas gramaticais e sintáticas maiores, chamadas sentenças. O ambiente não é ignorado, é claro. Com efeito, fonemas e sentenças aceitáveis não podem ser definidos simplesmente como aspectos da topografia porque implicam efeitos sobre o ouvinte. <i>O ambiente é aquilo a respeito de que as sentenças falam, mas a relação a que se alude não é analisada além do nível de significado ou referência. O significado de uma expressão é tanto qualquer característica da ocasião na qual foi expressa, como qualquer efeito que possa ter tido sobre o ouvinte. Uma das versões mais simplificadas da fórmula de entrada e saída descreve a relação de orador para ouvinte como aquela na qual o orador transmite informação ao ouvinte, ou comunica-se com ele, no sentido de tornar algo comum a ambos.</i></p>	<p>p. 184-5 §19</p>
	<p>O conceito de contingências de reforço leva a uma formulação muito mais útil. Uma língua não são as palavras ou sentenças "faladas nela"; trata-se da "ela" na qual <i>são</i> faladas - as práticas da comunidade verbal que modelam e mantêm o comportamento dos oradores. As contingências verbais têm a mesma posição que as contingências mantidas pelo equipamento de laboratório, mas envolvem o comportamento de um segundo organismo, o ouvinte, e o comportamento que elas assim geram tem muitas características incomuns. São as contingências que prevalecem numa determinada comunidade verbal o que "gera sentenças". Modelam e mantêm as propriedades fonêmicas e sintáticas do comportamento verbal e são responsáveis por uma ampla variedade de características funcionais - da poesia à lógica. E assim o fazem sem o auxílio da mente do orador ou do ouvinte. Nenhuma análise da mera estrutura do discurso ou língua pode proceder assim, ainda que enriquecida com uma formulação de entrada e saída.</p>	<p>p. 185 §21</p>
	<p>Sartre criticou o resultado como sendo "estático", mas não é movimento que lhe falta. Eventualmente podemos perguntar por que as pessoas se comportam à sua maneira peculiar. Não é suficiente dizer que um costume é seguido, simplesmente porque é costumeiro segui-lo. Nem é suficiente dizer que as pessoas se comportam como o fazem por causa de sua maneira de pensar. Para entender o comportamento dos selvagens, devemos fazer algo mais do que entender "a mente selvagem".</p>	<p>p. 186 §23</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	Malinowski foi dos primeiros a argumentar que os costumes são seguidos por causa de suas conseqüências, e podemos agora formular esta posição funcional de uma maneira mais compreensível. Uma cultura não é o comportamento das pessoas "vivendo nela": é "aquilo" em que elas vivem - as contingências do reforço social que geram e mantêm o seu comportamento. (As contingências são mantidas por outros membros do grupo, cujo comportamento ao mantê-las é produto das contingências anteriores, assim como o comportamento do ouvinte na modelagem e manutenção do comportamento do orador é o produto das contingências anteriores na comunidade verbal.) Registrar <i>o que fazem</i> as pessoas numa cultura é um passo importante - mas é apenas um primeiro passo - na descoberta de por que o fazem. As regras que foram extraídas das contingências, e usadas para mantê-las, são úteis para os que estudam uma cultura, mas geralmente representam apenas as contingências mais óbvias. Contingências mais sutis podem nem sequer ser suspeitadas por um longo tempo. São entretanto o assunto principal da antropologia e sociologia.	p. 186	§24
<i>A manipulação do comportamento</i>	Todas essas práticas têm uma relação com o controle do comportamento humano no mundo, que, é claro, é muito mais importante. As técnicas tradicionais de controle sofrem das insuficiências das teorias em que se baseiam. Superenfatizam fatos conspícuos - a topografia do comportamento ao invés de sua probabilidade e variáveis independentes que têm efeitos imediatos e óbvios. O conceito de contingências de reforço levou a uma tecnologia do comportamento muito mais eficaz, da qual podemos citar alguns exemplos.	p. 187	§27
	Ensino é o arranjo das contingências de reforço que acelera a aprendizagem. Um aluno aprende sem que lhe ensinem, mas aprenderá mais eficientemente sob condições favoráveis. Os professores sempre dispuseram contingências eficazes toda vez que ensinaram com sucesso, mas estarão mais propensos a fazê-lo se entenderem o que estão fazendo. A instrução programada é uma técnica tomada diretamente do laboratório operante, e tem por fim maximizar o reforço associado ao controle bem sucedido do ambiente. Um programa é um conjunto de contingências que modelam a topografia da resposta e põem o comportamento sob o controle de estímulos de maneira diligente. Um arranjo igualmente importante é o das contingências de reforço na sala de aula, que se encarrega da função "disciplinar".	p. 187-8	§30
	<i>Psicoterapia.</i> O comportamento freqüentemente bizarro do psicótico naturalmente chama a atenção. Quer seja considerado como distúrbio a ser tratado ou como sintoma de uma perturbação subjacente de outro tipo, buscam-se nele "significados". Perscruta-se o significado na gesticulação do psicótico ou no comportamento autodestrutivo da criança autista. O importante num psicótico, entretanto, não é o que ele faz, mas o que ele não faz. O comportamento que apresenta é "anormal" simplesmente porque não	p. 188	§31

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>é característico da situação. Poderia não ser absolutamente notado, caso o comportamento normal fosse mais forte. O problema não consiste em achar na estrutura do comportamento observado algum indício de como fazê-lo desaparecer, mas, antes, em exigir o comportamento que está faltando.</p>	
	<p>As medidas tradicionais têm sido talvez até mais aversivas do que as utilizadas na educação. Algumas das formas mais extremas partiram de teorias de possessão demoníaca; outras eram simplesmente versões intensificadas das práticas cotidianas de supressão do comportamento indesejado. Os efeitos colaterais do controle aversivo têm causado problemas, tendo sido propostas muitas reformas. A permissividade simples é raramente possível, e reforços personalizados, tais como afeição genuína ou sintética, são dificilmente tornados contingentes ao comportamento desejado.</p>	p. 188 §32
	<p>Quando o psicótico mostra uma insensibilidade às contingências normais de reforço, deve-se construir um ambiente no qual ele seja passível de resposta. Odgen R. Lindsley chamou tal ambiente de "prostético".</p>	p. 188 §33
	<p>Nem sempre a sensibilidade do psicótico às contingências é que se revela deficiente, mas as próprias contingências. Um experimento bem conhecido na administração de enfermaria, de Ayllon e Haughton mostra de que modo tais contingências podem ser melhoradas. Necessitava-se de muitos atendentes para levar trinta mulheres esquizofrênicas ao refeitório na hora das refeições, o que levava trinta minutos para ser feito. Mudaram-se as contingências. Os atendentes não deviam fazer mais nenhum esforço para mover as pacientes. Qualquer paciente que entrasse no refeitório durante a meia hora conseqüente ao toque do sino podia comer, mas as demais continuavam sem comida, e não havia outro alimento disponível. Na primeira refeição, apenas poucas pacientes alcançaram a sala de jantar, mas eventualmente acabaram todas por fazê-lo. O tempo permitido foi então progressivamente encurtado, de meia hora a cinco minutos. Ao fim do experimento, todas as pacientes iam à sala de jantar em cinco minutos, sem o auxílio dos atendentes.</p>	p. 188-9 §35
	<p>O experimento ilustra muitos pontos importantes na interpretação e manipulação de contingências de reforço. Numa enfermaria desse tipo, a atenção pessoal de um atendente é geralmente um reforço forte, mas é freqüentemente contingente apenas a uma confusão mediana. (Lida-se com a bagunça séria de outras maneiras.) Durante a maior parte do dia, o atendente pode evitar reforçar os pacientes, quando estes fazem bagunça, ignorando-os, mas isso é impossível quando ele é responsável por levá-los à sala de jantar. De fato, o sino do jantar dava aos pacientes um poder especial; eles podiam agora evocar reações nos atendentes, recusando-se mover, movendo-se na direção errada, etc. Quando as contingências foram mudadas, estes comportamentos não eram mais reforçados, e um</p>	p. 189 §36

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>novo reforço pôde então entrar em cena. A comida institucional não é sempre reforçadora, mas torna-se reforçadora quando o paciente está faminto. Os pacientes começaram a se dirigir à sala de jantar, não para evitar ou escapar da ação medianamente aversiva dos atendentes, mas porque eram positivamente reforçados pela comida. Uma vez estabelecido, o comportamento não necessitou de um nível especial de privação. Tenderia mais a ser classificado como comportamento aceitável na cultura. O experimento não é, obviamente, uma solução a todos os problemas de administração de enfermaria, mas mostra de que modo uma mudança de contingências de reforço pode resolver alguns problemas e mesmo levar a um tipo de terapia.</p>		
	<p><i>Vida cotidiana.</i> As técnicas de educação, psicoterapia, economia, governo, são todas encontradas em miniatura na vida cotidiana. Os membros de um grupo ensinam uns aos outros, tornam o ambiente dos outros mais fácil de nele se viver, induzem um ao outro ao trabalho e troca de bens, e mantêm sanções éticas e morais que têm o efeito de medidas governamentais. Fazem isso, é claro, através do arranjo de várias contingências de reforço. É um campo difícil, em parte porque as práticas são menos propensas à codificação do que em outras disciplinas, e em parte porque não há figura controladora - tal como o professor, terapeuta, patrão ou governante, cujo comportamento pudesse tornar as práticas não codificadas visíveis.</p>	p. 191	§43
<p>Nota 1..2 – De “estímulo e resposta” a “contingência de reforço”</p>	<p>Algo similar ao arranjo de Konorski e Miller sobrevive (e complica desnecessariamente o experimento) quando se esfrega comida numa barra para induzir um rato a "pressioná-la" ou quando a mão de uma criança é movida pelo professor para que ela forme as letras adequadamente. Os estímulos imitativos e usados na instrução, utilizados para evocar respostas operantes de modo a que possam ser reforçadas, não caem na mesma classe pois não eliciam comportamento. Mesmo assim, o reforço é mais eficaz quando tais estímulos forem mínimos.</p>	p. 196	§53
	<p>O exemplo em discussão era o "reflexo de fadiga", onde a variável A representava, não um estado sináptico, como sustentava Sherrington, mas o tempo ou número de respostas eliciadas. Foram sugeridas formulações comparáveis de condicionamento, "emoção" e "impulso", nas quais se invocava uma "terceira" variável - isto é, uma variável além de S e R. Minha resposta a Konorski e Miller identificou a contingência entre uma resposta e sua consequência como sendo a variável importante no condicionamento operante.</p>	p. 197-6	§55

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

<p>Cap. III - A Solução ambiental</p>	<p>O princípio também se aplica ao comportamento agressivo. Na época em que os homens eram freqüentemente saqueados e mortos, quer por animais, quer por outros homens, era importante que qualquer comportamento que prejudicasse ou assustasse os predadores fosse rapidamente aprendido e longamente mantido. Os que fossem mais fortemente reforçados pela evidência de danos aos outros devem ter tido maiores probabilidades de sobrevivência. Hoje em dia, sob formas melhores de governo, sustentadas por práticas éticas e morais que protegem a pessoa e a propriedade, o poder reforçador da agressão bem-sucedida leva à enfermidade pessoal, neurótica e de qualquer outra espécie e à guerra - quando não à destruição total.</p>	<p>p. 213 §4</p>
	<p>Tais discrepâncias entre a sensibilidade do homem ao reforço e a contribuição que os comportamentos reforçados trazem ao bem-estar geral colocam um problema importante no planejamento de uma cultura. Como impedir o comer excessivo, a superpopulação mundial e a destruição mútua? Como nos assegurar de que essas propriedades do organismo humano, que já foram necessárias à sobrevivência, não chegarão a ser letais?</p>	<p>p. 214 §5</p>
<p><i>Três soluções tradicionais</i></p>	<p>Não é difícil promover a solução sibarítica. Os homens aderem prontamente a um estilo de vida em que os reforços primários são abundantes, simplesmente porque aderir é uma forma de comportamento suscetível de reforço. Em tal mundo podemos mais efetivamente perseguir a felicidade (ou, para usar uma expressão menos frívola, realizar a nossa natureza), e essa busca é facilmente racionalizada: "Nada é suficientemente bom para o homem senão a melhor, a mais rica e a mais plena experiência possível". Dessa forma, porém, a busca da felicidade é ou perigosamente irresponsável ou deliberadamente não-produtiva e desperdiçada. A saciação pode liberar o homem para o comportamento produtivo, mas numa condição relativamente improdutiva.</p>	<p>p. 214 §7</p>
	<p>A segunda solução pode ser chamada de puritana, com estrita atenção à etimologia. O reforço é contrabalançado pela punição. A glotoneria, a luxúria e a violência são classificadas como más ou imorais (e punidas pelo grupo ético), como ilegais (e punidas pelo governo), como pecaminosas (e punidas pelas autoridades religiosas), ou como desajustadas (e punidas pelos terapeutas que usam punição). A solução puritana nunca é fácil de "vender", e nem sempre é bem-sucedida. A punição não anula simplesmente o reforço; leva a uma luta pelo autocontrole, que é freqüentemente violenta e consome tempo. Quer estejamos combatendo contra o diabo, quer contra um superego cruel, sobrarão produtos colaterais neuróticos. É possível que a punição por vezes "reprima" com sucesso o comportamento e que as energias humanas possam ser então redirecionadas para a ciência, a arte e a literatura, mas a metáfora de redireção de energia coloca uma questão à qual devemos retomar. Em qualquer evento, a solução puritana tem muitos efeitos colaterais, e bem que podemos explorar outras formas de gerar os comportamentos aceitáveis</p>	<p>p. 214-5 §8</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	que lhe são atribuídos.	
	A terceira solução é atualizar o corpo. Os efeitos reforçadores poderão, concebivelmente, ser adequados às necessidades presentes da sobrevivência. Poderíamos acelerar mudanças genéticas por meio de reprodução seletiva ou possivelmente mediante ação direta sobre o plasma germinativo, mas, certas medidas químicas ou cirúrgicas são no momento mais viáveis. As drogas moderadoras do apetite ora disponíveis têm freqüentemente efeitos colaterais indesejáveis, mas uma droga que tornasse a comida menos reforçadora e que portanto enfraquecesse o comportamento reforçado por comida seria amplamente usada. Tal possibilidade não está sendo desprezada pelos fabricantes de drogas. Drogas que reduzem os efeitos do reforço sexual - tais como aquelas que se diz serem usadas, efetivamente ou não, pelas instituições penais e nas forças armadas - podem não estar em grande demanda, mas poderiam ter seus usos, e talvez provassem ser surpreendentemente populares. O semijejum recomendado em alguns regimes religiosos como meio de enfraquecer o comportamento sexual presumivelmente age por meio de mudanças químicas. O controle químico do comportamento agressivo - com tranqüilizantes - já está bem adiantado.	p. 215 §9
	Uma redução fisiológica da sensibilidade ao reforço não seria aceitável ao sibarita. Curiosamente, o puritano também faria objeção a ela, porque certas formas admiráveis de autocontrole não seriam exibidas. Parafraseando La Rochefoucauld, podemos dizer que não atribuímos mérito a um homem tranqüilo se suas inclinações agressivas tiverem sido suprimidas por um tranqüilizante. Uma dificuldade prática no momento é que medidas desse tipo não são específicas e provavelmente debilitam os efeitos reforçadores desejáveis.	p. 215 §10
<i>Uma solução quarta</i>	A análise experimental do comportamento sugere uma solução mais direta. Podemos lidar com problemas gerados por um reforçador poderoso simplesmente trocando as contingências de reforço. Pode-se planejar um ambiente no qual os reforçadores que habitualmente geram o comportamento indesejado simplesmente não o façam. A solução parece bastante razoável quando os reforçadores não têm significação especial. Um estudante defendeu certa vez o uso da punição com a seguinte história: Uma jovem mãe foi visitar a sua família, levando junto seu filhinho de cinco anos. O menino imediatamente trepou no banco do piano e começou a bater nas teclas. Foi quase impossível conversar e a visita foi um fracasso. O estudante defendia a solução puritana: ele teria castigado a criança - de preferência violentamente, como deixou implícito. Ele passava por cima da natureza dos pianos. Por mais de duzentos	p. 215-6 §11

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>anos, homens de talento e habilidade trabalharam para criar um dispositivo que reforçasse poderosamente o comportamento de apertar as teclas. (O piano é, de fato, uma "caixa de oitenta e oito alavancas". Existe tão-somente para reforçar o comportamento de pressionar alavancas - ou o encorajamento de outros a pressioná-las.) O comportamento da criança simplesmente comprovou o sucesso da indústria de piano. É um mau projeto esse de juntar criança e piano e então punir o comportamento que naturalmente daí decorre.</p>	
	<p>Solução comparável é não tão óbvia quando os reforços têm um forte significado biológico, porque o problema é mal interpretado. Não dizemos que uma criança possui uma necessidade básica de tocar piano. É óbvio que tal comportamento decorreu de uma história de reforçamento. No caso de comida, sexo e violência, entretanto, as formulações tradicionais têm enfatizado supostas necessidades ou impulsos internos. Um homem que não pode se abster de comer demais sofre de forte estimulação interna, que ele com facilidade toma erroneamente como causa (em vez de como efeito colateral da causa) de seu comportamento, e que ele tenta reduzir, para resolver o seu problema. Ele não pode ir diretamente à estimulação interna, mas apenas a algumas das condições responsáveis por ela - condições que, como diz ele, "fazem-no sentir fome". Acontece que estas também são as condições que "o fazem comer". A maneira mais fácil de reduzir tanto a estimulação interna quanto a força do comportamento é simplesmente comer, mas isto não resolve o problema. Ao nos concentrarmos em outras formas de mudar as necessidades ou impulsos, passamos por cima da solução do problema comportamental.</p>	p. 216 §12
	<p>O que o homem deve controlar para evitar as penosas conseqüências do reforço oral é o comportamento reforçado. Ele deve parar de comprar e comer doces, de pedir e comer mais um pedaço de bolo, de comer a toda hora do dia, etc. O problema não é algum estado interno chamado fome, mas o comer demais. Esse comportamento pode ser enfraquecido ao nos assegurarmos de que não seja reforçado. Num ambiente em que só tenha estado disponível comida simples, o homem come sensatamente - não porque deva, mas por nunca ter sido reforçado nenhum outro comportamento. O ambiente normal é de tipo muito diferente. Numa sociedade afluyente, a maioria das pessoas é prodigiosamente reforçada por comida. A suscetibilidade ao reforço leva os homens a se especializar em cultivar alimentos particularmente deliciosos e a processá-los e cozinhá-los de maneira que os tomem o mais reforçadores possível. Pais superansiosos oferecem comida especialmente deliciosa para encorajar as crianças a comer. Reforços poderosos (chamados "doces") são utilizados para obter favores, para acalmar distúrbios emocionais, e para fortalecer relações pessoais. É como se o ambiente</p>	p. 216 §13

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>tivesse sido planejado para desenvolver exatamente os comportamentos que mais tarde provam ser problemáticos. A criança que ele produz não tem maior "necessidade de alimento" do que outra para quem a comida nunca tenha sido particularmente reforçadora.</p>	
	<p>De forma semelhante não é a "sexualidade" ou o "impulso sexual" que traz conseqüências problemáticas, mas o comportamento sexual em si, muito do qual pode ser relacionado às contingências de reforço. As condições em que um jovem é reforçado sexualmente pela primeira vez determinam tanto a extensão quanto a forma da atividade sexual posterior. Não é tampouco um "instinto de morte" ou um "impulso fundamental dos seres humanos de ferirem uns aos outros" que suscitam o problema da agressão, mas um ambiente que reforça as pessoas quando elas ferem umas às outras. Dizer que há "algo de suicida do homem que o faz apreciar a guerra" é inverter a ordem causal: a capacidade do homem de apreciar a guerra é que o leva a uma forma de suicídio. Num mundo em que a criança raramente, se é que alguma vez o faz, ataca outra com sucesso, o comportamento agressivo não é forte. Mas o mundo é geralmente bastante diferente disso. Permite-se que as crianças ataquem umas às outras, de diversas formas, ou até mesmo são encorajadas a fazê-lo, quer por simples negligência, quer por se acreditar na necessidade de expressão de necessidades inatas. O comportamento agressivo é tolerado em atividades propostas como "um equivalente moral da guerra". Guerras podem ter sido ganhas nos campos de jogo de Eton, mas também foram ali iniciadas, pois um campo de jogo é uma arena de reforçamento da ação agressiva, e os comportamentos aí reforçados mais cedo ou mais tarde causarão problemas.</p>	<p>p. 216-7 §14</p>
	<p>A distinção entre necessidade e reforço fica clara com um problema comum. Muitos dos que tentam parar de fumar serão testemunhas de um impulso básico ou de uma necessidade tão poderosa quanto a fome, o sexo, e a agressividade. (Para os que têm um vício genuíno de droga, o fumar é reforçado em parte pelo alívio dos sintomas de sua privação, mas a maioria dos fumantes pode passar para os cigarros sem nicotina sem muito problema. Eles são ainda incapazes de controlar o poderoso repertório de respostas que compõem o fumar.) Fica claro que o padrão de comportamento problemático "o hábito do cigarro" - pode ser relacionado, não a uma necessidade, mas a uma história de reforço, pois que não havia problema algum antes da descoberta do tabaco ou antes da invenção do cigarro como forma especialmente reforçadora de se fumar o tabaco. Quaisquer que tenham sido suas outras necessidades, nossos ancestrais não tinham necessidade de fumar cigarro, e, assim como eles, ninguém tem hoje tal necessidade se nunca tiver sido reforçado pelo fumar.</p>	<p>p. 217 §15</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>O problema do fumar cigarros foi abordado das outras maneiras que já examinamos. Algumas propagandas apelam para o sibarita irresponsável: compre o cigarro que tem bom paladar e trague como um homem. Outros fumantes sibaritas tentam evitar as conseqüências: o filtro é o anticoncepcional da indústria de tabaco. A solução puritana também já foi tentada. Os cigarros podem ser tratados de forma que o fumante seja automaticamente punido pela náusea. As conseqüências aversivas naturais - a garganta áspera, a voz rouca, o pigarro, ou qualquer doença séria - podem ser tomadas mais punitivas. A Sociedade Americana do Câncer tentou condicionar conseqüências aversivas com um filme colorido mostrando a remoção de um pulmão canceroso. Como ocorre freqüentemente com a solução puritana, os estímulos aversivos são de fato condicionados - passam a ser incorporados como "culpa" - mas não se reduz grandemente o fumar. O verdadeiro vício da nicotina pode ser controlado tomando-se nicotina ou droga similar sob outras formas, mas uma droga que estivesse mais próxima da solução química prometida pelos moderadores do apetite, e pelas drogas anti-sexo e antiagressão reduziria especificamente o efeito de outros reforços no fumar. Todas essas medidas são muito mais difíceis do que o controle das contingências de reforço.</p>	p. 217-8	§16
<i>Diminuindo a eficácia das contingências</i>	<p>Os problemas suscitados pela extraordinária sensibilidade do homem ao reforço pela comida, pelo contato sexual e pelos danos da agressão não podem ser resolvidos, como poderia sugerir o exemplo do cigarro, simplesmente por sua remoção do ambiente. Seria impossível mudar tanto o mundo, e, de qualquer forma, tais reforços têm funções úteis. (Uma de suas funções importantes é a de simplesmente encorajar o apoio a uma cultura. Um estilo de vida em que o alimento, a sexualidade e a agressão fossem mantidos em um nível mínimo não reforçaria fortemente os que o adotassem, nem tampouco desencorajaria as defecções.) O problema não está em eliminar os reforços, mas em moderar os seus efeitos. Vários métodos possíveis são sugeridos por trabalho recente sobre análise experimental do comportamento. A mera freqüência na qual ocorre um reforço é muito menos importante do que as contingências das quais faz parte.</p>	p. 218	§18
	<p>Podemos minimizar algumas conseqüências indesejáveis evitando a descoberta de efeitos reforçadores. O primeiro passo para "fisgar" um viciado potencial em heroína consiste em dar-lhe heroína. O reforço não é num primeiro momento contingente a nenhum tipo de comportamento; mas, uma vez que tenham sido sentidos os efeitos da droga (e, particularmente, quando se tenham desenvolvido os sintomas devidos à privação da droga), ele poderá ser tornado contingente ao pagamento pela droga. O vício pode ser evitado simplesmente assegurando que seus efeitos nunca sejam sentidos. Os efeitos reforçadores do álcool, da cafeína e da nicotina devem ser descobertos de maneira semelhante, e os métodos de prevenção do vício assumem a mesma forma. O processo</p>	p. 218	§19

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>subjaz à prática de fornecimento de amostras grátis no mercado de alimentos; os clientes são induzidos a comer pequenas quantidades de um novo alimento, de forma que quantidades maiores possam ser tornadas contingentes à entrega de dinheiro. Podemos encontrar práticas semelhantes na sedução sexual e no ensino dos prazeres da violência.</p>	
	<p>Os reforços são tornados efetivos de outras maneiras. Condicionam-se os estímulos de forma a torná-los reforçadores; as propriedades aversivas são enfraquecidas mediante adaptação, de modo que as propriedades reforçadoras surjam com maior força (adquire-se assim um "gosto"); e assim por diante. Esse tipo de processo teve o seu papel na lenta descoberta, pelo homem, das coisas reforçadoras. E esta talvez tenha sido a história da descoberta das potencialidades humanas, mas entre elas, está a potencialidade de se meter em problemas. De qualquer modo, devemos examinar de perto os processos que tornam as coisas reforçadoras.</p>	<p>p. 218-9 §20</p>
	<p>A consumação exagerada, que leva ao excesso de peso, à superpopulação e à guerra é apenas resultado da sensibilidade do homem ao reforçamento. Outro resultado, freqüentemente tão embaraçoso quanto esse, é a preocupação exaustiva com o comportamento consumado apenas infreqüentemente. Um único reforço pode gerar e manter uma grande quantidade de comportamento, quando tal reforço vem no fim de uma seqüência ou cadeia de respostas. Constroem-se cadeias de extensão indefinida em laboratório, condicionando-se reforços intermediários. Professores e outros usam o mesmo método para muitos propósitos práticos. Podemos presumir que algo do gênero tenha ocorrido sempre que observarmos longas cadeias. O horticultor dedicado é em última instância reforçado por, digamos, um florescimento final perfeito, mas todo o comportamento que leva a isso não está aí explicado; de alguma forma, os estágios intermediários do processo que leva a um florescimento final devem ter-se tomado reforçadores. Alguns estágios precoces do cultivo devem ter sido inicialmente reforçados acidentalmente, ou pelo menos sob condições irrelevantes para a sua realização final, para que o homem primitivo tenha descoberto a agricultura.</p>	<p>p. 219 §21</p>
	<p>Outro tipo de preocupação exaustiva é devida ao reforçamento intermitente. Uma única forma de resposta é repetida um grande número de vezes, a uma taxa freqüentemente muito alta, mesmo que apenas pouco freqüentemente reforçada. Exemplos disso são a leitura de revistas e livros, a ida aos teatros, o assistir à televisão. Tais comportamentos são freqüentemente mantidos por reforços muito pouco freqüentes, desde que os esquemas tenham sido cuidadosamente programados. O reforço é de início relativamente freqüente, mas o comportamento permanece forte enquanto a freqüência é reduzida. Assim, um programa de televisão toma-se cada vez menos</p>	<p>p. 219-20 §23</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>reforçador à medida que o escritor esgota os temas ou à medida que o telespectador não mais acha interessantes os mesmos temas, mas quem seguiu um programa desde o começo poderá continuar a vê-lo muito depois dos reforços terem se tornado muito raros. O jogador desonesto prepara a sua vítima "estendendo" perseverantemente a razão média num esquema de razão variável. Como resultado final, a vítima continuará jogando por um longo período sem reforço.</p>	
O arranjo de contingências úteis	<p>Estamos via de regra interessados - por exemplo, no caso da educação - em obter o maior efeito possível de reforços fracos e em escassez. O problema aqui é exatamente o inverso - devemos minimizar o efeito de reforços demasiado abundantes e poderosos. Assim, ao invés de construir sistematicamente longas cadeias de respostas, evitamos a sua formação, e ao invés de construir programas que tornem efetivos os esquemas estendidos, nós os rompemos. Podemos entretanto utilizar os mesmos procedimentos numa direção mais familiar, em outra solução de nosso problema. Os reforços podem ser tornados contingentes ao comportamento produtivo, ao qual não eram originalmente relacionados. Soldados têm sido freqüentemente induzidos a lutar habilidosa e energicamente, arranjando-se para que a vitória seja seguida pela oportunidade de saquear, estuprar e massacrar. Tem sido sempre particularmente fácil aos bárbaros montarem um ataque contra uma civilização mais avançada que enfatize os deleites da comida e do sexo. Já se disse, por exemplo, que os vinhos da Itália (e presumivelmente suas mulheres bonitas e bem cuidadas) tornavam Roma particularmente vulnerável. Todos os governos causam danos agressivos a um inimigo reforçando de maneira especial seus soldados com relatos de atrocidades. Visões religiosas do outro mundo têm sido reforçadoras, da mesma forma. Muitas das ofertas aos deuses, retratadas nos tempos egípcios, são comestíveis, e os deuses gregos e romanos eram distinguidos por seu gosto por ambrosia e néctar, se bem que civilizações menos adiantadas esperassem apenas por um afortunado campo de caça. O sexo tem seu lugar no céu muçulmano, onde se espera que os homens desfrutem a atenção de belas virgens huris, e alguns teólogos deram a entender que uma das atrações do céu cristão é o espetáculo dos pecadores sendo atormentados no inferno - espetáculo este que, como retratado, por exemplo, no Inferno, compete com sucesso com o circo romano, no máximo de sua violência.</p>	p. 220-1 §25
	<p>Os reforços têm, é claro, um lugar de destaque nas artes, na música e na literatura. Seu lugar na ciência nem sempre é óbvio. Max Weber, de fato, sustentou que o cientista seria o produto de uma solução puritana - beneficiando-se, por exemplo, da preocupação escrupulosa e meticulosa pela exatidão dos detalhes gerada por conseqüências aversivas (as etimologias de escrupuloso e meticuloso mostram origens punitivas). Feuer mostrou recentemente, no entanto, que quase todos os homens de destaque em ciências seguiram uma "ética hedonista".</p>	p. 221 §27

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>Entretanto, a solução ainda não deu resultado satisfatório. As contingências de reforço positivo organizadas pelas instituições governamentais e religiosas são primitivas, e essas instituições continuam a apoiar-se fortemente na solução puritana. O reforço econômico pareceria representar uma solução ambiental, mas está mal programado e os resultados são insatisfatórios tanto para o empregador (já que não se faz muito) como para o empregado (já que trabalho é sempre trabalho). A educação e o tratamento de retardados e psicóticos são ainda em grande parte aversivos. Em suma, como vimos, as forças mais poderosas que afetam o comportamento humano não estão sendo usadas de modo efetivo.</p>	p. 221-2 §29
	<p>O conceito de impulso ou necessidade é particularmente equivocado. Negligenciamos contingências de reforço porque buscamos a solução de nossos problemas na satisfação de necessidades. "A cada qual segundo as suas necessidades" é o objetivo confesso tanto da sociedade afluyente como do Estado paternalista. Se os que parecem ter tudo ainda não estão felizes, somos forçados a concluir que deve haver necessidades menos óbvias que estão insatisfeitas. Os homens têm necessidades tanto espirituais quanto materiais - por exemplo, precisam de alguém ou algo além de si mesmos em que crer - e é porque essas necessidades não são satisfeitas que a vida tão freqüentemente parece vazia, e os homens, freqüentemente desenraizados. Este passo desesperado para preservar o conceito de necessidade é desnecessário, pois que é possível um projeto muito mais interessante e fecundo.</p>	p. 222 §30
	<p>Os homens são felizes num ambiente em que o comportamento ativo, produtivo e criativo é reforçado de maneira efetiva. O problema, tanto com a sociedade afluyente como com a paternalista é que os reforços não são contingentes ao comportamento. Homens que não são reforçados por fazer alguma coisa fazem pouco ou nada. Esse é o "contentamento" do idílio arcadiano e do homem de negócios aposentado. Pode representar a satisfação de necessidades, mas suscita outros problemas. Somente quando pararmos de usar reforços para mitigar necessidades é que poderemos começar a utilizá-los para "satisfazer a natureza humana" num sentido muito mais importante.</p>	p. 222 §31

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

Nota 3.1 - Necessidades	Dizemos que um organismo necessita de alimento, que uma planta necessita de água, que uma chama de vela necessita de oxigênio, que um flash necessita de pilha. Há um elemento comum nessas quatro expressões: por estar faltando algo, um processo não se realiza, ou um efeito não se produz. Mas no caso dos animais e das plantas, a necessidade leva à ação. Um animal faminto explora o seu ambiente de forma a aumentar as suas probabilidades de encontrar alimento, ou segundo uma maneira que tenha sido anteriormente reforçada por alimento. Sua necessidade não consiste apenas numa carência, mas numa condição em que certo comportamento é provável de ocorrer.	p. 222 §32
	Haverá outro tipo de necessidade de agressão? Podemos afirmar que a capacidade do homem de ser reforçado por danos causados a outrem esteja fora de propósito com sua condição no mundo contemporâneo, quando temos violência em nossas ruas, e inimigos fora do país? Essas são de fato as condições que evocam o comportamento agressivo, e qualquer mudança em nossa cultura que tornar tal comportamento menos efetivo pode parecer ameaçadora. Mas os problemas que parecem precisar de solução por vias agressivas têm freqüentemente origens agressivas, e moderar a agressão talvez seja o passo necessário para a descoberta de outras soluções. Uma redução nas práticas aversivas na educação, por exemplo, provou ser o primeiro passo em direção à descoberta de alternativas efetivas. Pode ser que o homem faça a guerra como uma maneira de buscar emoções fortes. Velejar na tempestade ou escalar a vertente mais perigosa de uma montanha equivale a criar estímulos aversivos a fim de ser reforçado escapando deles. O comportamento não significa que a estimulação aversiva seja necessária, mas tão-somente que escapar dela é reforçador. Mestres-cucas e confeitores trabalharam durante séculos para criar estímulos gustativos particularmente eficazes, mas isso não quer dizer que esses estímulos sejam necessários, mas apenas que são reforçadores.	p. 223 §36
	O homem não é "escravo" de suas necessidades; ele não é "movido pela gula ou pela luxúria". Se é que tal afirmação pode ser parafraseada, ele seria escravo das coisas que gratificam suas necessidades. Mas o termo "escravo" é forte demais; o problema está nas contingências. O homem guloso ou libidinoso não sofre de privação (não taxamos de guloso um homem faminto); ele sofre de um esquema de reforço particularmente efetivo. Don Juan constitui um exemplo clássico. Apesar do fato de condições herdadas ou patológicas poderem fazer uma pessoa "supersexuada", um Don Juan é mais provavelmente o produto de um esquema de reforço particularmente efetivo. Uma suscetibilidade moderada ao reforço sexual seria o bastante para fazer de cada moça bonita a ocasião para uma tentativa de sedução, se os sucessos primeiros tivessem sido favoravelmente programados. Um esquema efetivo de razão variável manteria em nível alto o comportamento mesmo em uma pessoa sexualmente abaixo do normal, caso em que pode ser tentador argumentar que o comportamento acima do normal seria uma "compensação".	p. 223-4 §37

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	A solução ambiental contrasta menos agudamente com a puritana. É característico da solução puritana levar a uma perda de tempo e a uma luta desgastante, contra a qual uma solução biológica parece extraordinariamente eficiente. Uma solução ambiental evita o problema como um todo; não deixa lugar para a luta, porque o conflito nunca surge. No presente momento, a solução ambiental parece tão fora de alcance quanto a química, mas o ambiente não necessitaria de mudanças drásticas. Parte importante dessa solução consiste em ensinar técnicas de autocontrole , nas quais se poderia dizer que o diabo foi antes frustrado que vencido.	p. 224	§39
Nota 3.2 - O problema do lazer	Pode ter sido sugerido no Capítulo II que, graças ao progresso e à tecnologia, os homens precisam fazer cada vez menos para obter as coisas que precisam, e que, assim, as contingências de reforço são cada vez menos importantes no planejamento cultural. Houve um tempo em que a alimentação, o abrigo e a proteção contra os predadores e inimigos eram assegurados apenas à custa de longas horas de trabalho exaustivo e freqüentemente perigoso; mas a invenção da vestimenta, da habitação, da agricultura e das armas mudou tudo isso (os atos de invenção tendo sido reforçados pela mudança). Talvez, finalmente, não se precise mais do que pressionar um botão (e, ainda assim, um botão eletrônico, que necessita de um esforço praticamente nulo), sendo isso pouco mais do que apenas desejar, as contingências poderão, então, de fato, ser desprezadas. Mas nem esse dia chegou ainda nem podemos tão facilmente desfazer-nos de todas as contingências. Os reforçadores sociais, por exemplo, são particularmente difíceis de analisar e classificar (em parte, justamente por se ter abusado deles na resolução do problema mais simples; os homens têm evitado o trabalho duro ou perigoso fazendo com que outros trabalhem por eles, da mesma forma que conseguiram algumas das boas coisas da vida roubando-as). De qualquer modo, ainda teremos que enfrentar o problema do que fazem e gostam de fazer os homens, quando não é necessário fazer nada.	p. 224	§40
	O que fazem eles de fato? Possivelmente pouca coisa ou nada. Uma vez saciado e livre de estimulação aversiva, o homem, como muitas outras espécies, torna-se inativo e vai dormir. Mas só por pouco tempo. O sono e a inação, com ou sem o suporte de drogas, não absorverão toda a estagnação.	p. 224-5	§41
	As contingências que não envolvem consumação também podem ser efetivas. O jogo dos animais parece-se com o comportamento sério e freqüentemente diz-se que tem valor de sobrevivência como uma espécie de prática. Algumas formas de jogo humano têm significado comparável. Os homens caçam e pescam alimentos que não comem, mas tomam-se assim presumivelmente mais habilidosos para quando tiverem fome. A capacidade de ser reforçado pela manipulação bem-sucedida de um meio, tal como nas artes e ofícios, pode ter valor de sobrevivência, pois leva a um comportamento mais efetivo quando surgirem contingências mais específicas. O comportamento não-consumatório	p. 225	§43

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>também é visto nos ouvintes, leitores e espectadores. Há provavelmente tanto razões filogenéticas quanto ontogenéticas que reforçam os homens enquanto eles assistem a outros se engajando num comportamento sério - por exemplo, nas exibições agressivas e sexuais do circo romano e do teatro e cinema modernos.</p>	
	<p>O comportamento não-consumatório também pode ser relacionado a reforços generalizados que não são seguidos pelos reforços primários nos quais estão baseados. O dinheiro é o arquétipo do reforço generalizado, e os homens são reforçados por ele mesmo quando não o trocam por outras coisas. Deve-se considerar também a possibilidade de um reforçamento negativo generalizado; muito do assim chamado comportamento irracional ou compulsivo tem a forma de esquiva ou fuga na ausência do estímulo aversivo.</p>	<p>p. 225 §44</p>
	<p>Não ajuda em nada chamar essas formas de comportamento em tempo de lazer de substitutos ou sublimações de comportamentos de significado biológico mais claro. Simplesmente ocorre que, quando o ambiente é alterado de forma que os mais importantes reforços não têm mais poder, os menos importantes passam a controlar. Um princípio adicional entra então em cena: reforços fracos tornam-se poderosos quando atuam intermitentemente. Esse princípio explica muitos aspectos intrigantes do comportamento dos homens em lazer. Pode parecer forçado dizer que um homem é reforçado, quando joga paciência, pelo fato de estar controlando com sucesso o seu ambiente. O controle mostrado quando um jogo "dá certo" ou quando a jogada de uma única carta toma esse resultado mais provável está longe de abalar o mundo. Entretanto, tais conseqüências mantêm o comportamento, freqüentemente por horas, e isso acontece fundamentalmente porque elas ocorrem num esquema de razão variável determinado pelas regras do jogo. Todos os sistemas de jogo de azar lançam mão de esquemas de razão variável, e não é surpreendente que os jogos de azar compitam com o álcool como característica destacada de culturas que chegaram a dispor de um bom tempo de lazer. O reforço intermitente também explica a extensão na qual os reforços acima mencionados passam a controlar quando os homens não "precisam fazer nada".</p>	<p>p. 225-6 §46</p>
	<p>Mas uma cultura que proscree atividades dessa espécie corre o risco de rebeldia. Por definição, a supressão de qualquer comportamento positivamente reforçado torna uma maneira de viver menos reforçadora. Interferir na busca do prazer é particularmente ressentido. Por que não se deveria permitir a um homem beber ou tomar drogas, se não faz mal a ninguém senão a si mesmo? Por que não deveria ele jogar a sua fortuna fora apostando, se lhe agrada? Quanto mais trivial o reforço, maior o ressentimento; atividades inocentes, como jogar cartas ou dançar, ou simplesmente não fazer nada certamente deveriam ser deixadas à opção individual.</p>	<p>p. 226-7 §50</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>Mas a questão é: <i>podemos</i> deixar essas coisas ao indivíduo? Não estaremos ao invés disso entregando-as a contingências que ou são acidentais ou arquitetadas por pessoas empreendedoras que se aprestam para obter lucro de tais coisas? Quando as contingências produtivas se tornam tão eficientes que grande quantidade de tempo é destinada a atividades não-essenciais, o vigor da cultura depende do que acontece nesse tempo. As atividades do tempo de lazer, por definição não dão à cultura muito suporte contemporaneamente, mas têm relação com seu desenvolvimento posterior e com sua capacidade de enfrentar emergências. Uma cultura não é fortalecida quando seus membros nada fazem, consomem demais, usam drogas estultificantes, entregam-se a comportamentos repetitivos de apostar, ou simplesmente assistem aos outros se empenharem em comportamento sério. A cultura sofre particularmente quando essas contingências provam ser inadequadas e os homens voltam-se então para os reforços fortes da agressão. A cultura fica evidentemente fortalecida, entretanto, quando seus membros voltam-se para outras formas de comportamento no lazer. Artes, ofícios e esportes desenvolvem importantes habilidades. A exploração e a pesquisa científica (encorajadas quando os governos, fundações e universidades eliminam a necessidade de envolverem-se os homens em outras atividades para sobreviver) dão uma contribuição óbvia. O estudo não-científico do comportamento humano, como na história e na literatura, promove uma compreensão útil. (Todos esses hábitos de lazer são incorporados no conceito de uma educação liberal.) A educação pode contribuir muito mais para isso do que faz agora. Poderá ensinar as habilidades exibidas pelos artistas, músicos e artesãos. Poderá criar um constante interesse em literatura, assim como em artes e música. Poderá ensinar técnicas de autocontrole</p> <p>(agora amplamente abandonadas pelas organizações religiosas e éticas), que auxiliem o indivíduo a evitar as drogas e a consumação excessiva, e a resistir às contingências especiais dispostas pelos sistemas de aposta. Poderá também ensinar as habilidades e desenvolver os interesses que tomarão reforçador o trabalho produtivo. As instituições econômicas podem reduzir ao mínimo o trabalho aversivo ou reduzir os efeitos colaterais aversivos do trabalho, substituindo o controle coercitivo pela indução positiva, ou possibilitando aos homens ganharem a vida fazendo o que de qualquer modo fariam, se seu sustento viesse de alhures.</p>	p. 227 §51

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>O problema do lazer aparece de uma forma particularmente aguda ao se planejar a vida dos encarcerados, incluindo os que forçosamente têm de ser encarcerados, porque do contrário fariam mal a si mesmos ou a outrem (psicóticos, retardados e criminosos), os doentes crônicos, e os que trabalham em locais isolados, tais como estações meteorológicas distantes ou em espaçonaves interplanetárias. Para todas essas pessoas, o ambiente físico é necessariamente limitado, e o ambiente social, quando o há, é susceptível de sofrer das mesmas limitações. Que contingências podem ser planejadas que dêem "algo para se fazer" durante a maior parte das horas de vigília? Todos esses são problemas desafiadores para o especialista em administração de contingências.</p>	p. 227	§52
<p>Cap. VI - Uma análise operante da resolução de problemas</p>	<p>O comportamento observado quando um homem resolve um problema caracteriza-se pelo fato de mudar uma outra parte de seu comportamento e ser reforçado quando isto ocorre. Identificamos facilmente dois estágios num problema típico. Um homem faminto enfrenta um problema se não puder emitir qualquer resposta anteriormente reforçada com comida; para resolvê-lo, ele precisará mudar a si mesmo ou a situação até que ocorra uma resposta. O comportamento responsável pela mudança é adequadamente denominado resolução de problema, e a resposta que ele promove solução. Uma questão para a qual não há resposta até o momento constitui um problema. Pode ser resolvida, por exemplo, efetuando-se um cálculo, consultando-se um trabalho de referência, ou de qualquer maneira que ajude a lembrar uma resposta aprendida anteriormente.</p>	p. 273	§1
<p><i>Contingências de reforço</i></p>	<p>Quando uma resposta ocorre e é reforçada, aumenta a probabilidade de sua nova ocorrência na presença de estímulos semelhantes. O processo não mais apresenta grandes problemas, quer para o organismo, quer para o pesquisador, mas os problemas se colocam quando as contingências são complexas. Por exemplo, pode não haver resposta disponível que satisfaça a um dado conjunto de contingências; ou podem ser evocadas respostas concorrentes - entre elas, alterações emocionais que enfraquecem a própria resposta à qual o reforço é contingente, ou que destroem o poder de um reforço; ou as contingências podem ser satisfeitas apenas por uma seqüência ou cadeia de respostas, cujos primeiros elos estão demasiado remotos para serem fortemente afetados por reforço terminal até que os reforçadores condicionados tenham se firmado.</p>	p. 273	§3

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

<p><i>Construindo estímulos discriminativos</i></p>	<p>É muito mais fácil construir estímulos discriminativos úteis na forma verbal. Facilmente lembrada e passível de ser executada em qualquer lugar, uma resposta verbal é um tipo especialmente útil de marca de giz. Muitos "enunciados de fato" simples exprimem relações entre os estímulos e as conseqüências reforçadoras das respostas a eles. Na expressão <i>as maçãs vermelhas são doces</i>, por exemplo, a palavra <i>vermelhas</i> identifica uma propriedade de um estímulo discriminativo, e <i>doces</i>, uma propriedade de reforço correlato; as maçãs vermelhas são "denotadas" como doces. A resposta verbal facilita a discriminação entre maçãs doces e azedas, a retenção da discriminação durante um período de tempo e, especialmente, quando registrado, o responder adequadamente quando a discriminação inicial tiver sido esquecida. (O descrever ou identificar de qualquer outro modo as propriedades contingentes, de modo a formar uma discriminação, não é a solução. Organismos inferiores discriminam sem responder verbalmente a propriedades essenciais, e é improvável que o homem tenha desistido da capacidade de fazer o mesmo. Ele simplesmente descobriu o valor adicional da construção de estímulos descritivos que melhoram suas probabilidades de sucesso.)</p>	<p>p. 276</p>	<p>§12</p>
<p><i>Transmissão de estímulos construídos</i></p>	<p>Os estímulos que um homem constrói ao resolver problemas podem ser úteis a outras pessoas precisamente porque as variáveis manipuladas no autocontrole são as que controlam o comportamento dos homens em geral. Ao construir estímulos <i>externos</i> para suplementar ou substituir mudanças <i>privadas</i> em seu comportamento, o homem automaticamente prepara a transmissão do que ele aprende. Suas construções verbais tornam-se de propriedade pública e suas discriminações privadas não o poderiam. O que ele diz ao descrever o seu próprio comportamento bem sucedido (<i>segurei a base firmemente em minha mão esquerda e girei o topo para a direita</i>) pode ser transformada numa instrução útil (<i>segure a base firmemente com a mão esquerda e gire o topo para a direita</i>). As mesmas variáveis estarão sendo manipuladas e com alguns dos mesmos efeitos sobre o comportamento.</p>	<p>p. 277</p>	<p>§14</p>
	<p>Muito da sabedoria popular das diversas culturas tem função similar. Máximas e provérbios descrevem ou sugerem um comportamento e suas conseqüências reforçadoras. O reforço é positivo em <i>Tostão poupado, tostão ganho</i>, que pode ser parafraseado por <i>Não gastar como ganhar</i>, é reforçado por "tostões". É negativo em <i>Adiar é roubar tempo</i>, onde se descreve uma conexão entre o adiar as coisas no momento e ficar desagradavelmente atarefado mais tarde. Muitas máximas descrevem contingências sociais. As práticas reforçadoras de uma comunidade são freqüentemente inconsistentes ou episódicas, mas as contingências, que permanecem relativamente inalteradas durante algum tempo, podem ser descritas de maneira útil. <i>É melhor dar do que receber</i> especifica duas formas de comportamento e estabelece que o reforço advindo de um é maior do que o do outro. (A Regra de ouro é um exemplo curioso. Não se explicita nenhuma resposta específica, mas descreve-se um tipo</p>	<p>p. 277-8</p>	<p>§17</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>de conseqüência em termos de seus efeitos sobre os que usam a regra. Na forma negativa, somos instruídos a não nos comportar de determinada maneira, caso as conseqüências nos forem adversas. Na forma positiva, somos instados a nos comportar de uma determinada maneira caso as conseqüências nos forem reforçadoras. A regra pode ter sido descoberta por alguém particularmente sensível a seus efeitos sobre os outros, mas uma vez estabelecida, deve ter provado ser geralmente útil.) As máximas geralmente descrevem contingências de reforço mais sutis, que devem ter sido descobertas muito lentamente. As máximas devem ter sido tanto mais valiosas pelo fato de tornarem tais contingências eficazes em relação aos outros.</p>		
<p><i>O comportamento solucionador de problemas</i></p>	<p>A pergunta "Quem é que está atrás de você?" coloca um problema que, se o nome da pessoa for conhecido, é simplesmente resolvido ao se virar e olhar para trás. Virar-se e olhar são respostas precorrentes que geram um estímulo discriminativo requerido para a emissão de um nome particular. Podemos também gerar estímulos auxiliares ao olhar mais acuradamente para um estímulo que não esteja ainda efetivamente evocando uma resposta, mesmo que já esteja no campo visual: e, por trás do "olhar mais acuradamente" há uma certa atividade na resolução de problema, na qual um estímulo vago ou complexo é descrito ou caracterizado tentativamente. Um estímulo será mais provavelmente visto de uma determinada maneira quando tiver sido descrito, podendo mesmo ser "visto em sua ausência". Uma descrição grosseira pode contribuir para outra mais refinada; e uma caracterização final, que fortalece uma resposta pouco ambígua, leva à resolução do problema. O resultado será útil para os outros, se, em forma pública, os levar a ver a mesma coisa da mesma maneira. A reação dos outros que estão reforçando para os que descrevem situações vagas, pode modelar as descrições destes, exercendo freqüentem ente um controle não menos poderoso do que a própria situação.</p>	p. 279	§22
	<p>Um comportamento deste tipo é freqüentemente considerado como uma espécie de comentário corrente sobre as contingências de reforço a que estamos expostos. Uma criança aprende a descrever tanto o mundo ao qual está reagindo, como as conseqüências de suas reações. As situações nas quais ela não pode fazê-lo tornam-se tão desagradáveis que delas escapa pedindo aos adultos que ensinem as palavras que lhe faltam. Descrições de seu próprio comportamento são especialmente importantes. A comunidade pergunta-lhe: <i>O que você fez? O que vai fazer? E por quê?</i> e suas respostas descrevem o seu comportamento e o relacionam a variáveis eficazes. As respostas finalmente provam ter valor para a própria criança. A expressão <i>Eu o agarrei porque ele ia cair</i> refere-se a uma resposta (agarrar) e uma propriedade da ocasião (ele ia cair) implica num reforço (sua queda teria sido adversa para o orador ou outros). É particularmente útil descrever o comportamento que falha em satisfazer as contingências, como em <i>Eu desisto muito rápido</i> ou <i>eu batiforte demais</i>. Mesmo descrições fragmentárias das contingências aceleram a aquisição de um comportamento terminal eficaz, ajudam a manter o comportamento por um período de tempo, e reinstalam-no quando esquecido. Além disso, geram</p>	p. 279-80	§23

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	<p>comportamento similares em outrem, não sujeito às contingências que elas especificam. À medida que uma cultura evolui, ela encoraja os comentários correntes deste tipo e assim prepara seus membros para resolverem os problemas mais eficientemente. As culturas que deslocam a atenção dos eventos comportamentais para os mentais ditos responsáveis pelo comportamento dão notavelmente menos ajuda a seus membros.</p>	
	<p>É possível construir estímulos discriminativos similares sem desempenhar o comportamento de discriminar. Uma peça de equipamento usado no estudo do comportamento operante é um bom exemplo de um sistema reforçador. Podemos chegar ao comportamento apropriado às contingências e mantido pelo sistema através de um responder continuado sob estas contingências e, ao fazê-lo, podemos formular máximas ou regras. Mas o próprio equipamento também pode ser examinado. Podemos olhar além da interface entre o organismo e o equipamento, e estabelecer direções para alguém se comportar apropriadamente em relação ao sistema ali descoberto. O ambiente é um destes sistemas reforçadores, e parte deles são freqüentemente examinadas com tal finalidade. Ao analisar as amostras de espaço e as regras de jogo, por exemplo, compomos instruções que evocam comportamentos grosseiramente semelhantes ao que seria gerado com o responder continuado sob as contingências mantidas por eles. A ciência é, em grande parte, uma análise direta dos sistemas de reforço encontrados na natureza; preocupa-se com o facilitar o comportamento reforçado por tais sistemas.</p>	<p>p. 280 §24</p>
	<p>(Quando as prescrições para a ação, derivadas da análise de um sistema de reforço, diferem das prescrições derivadas da exposição às contingências mantidas pelo sistema, geralmente prevalece a primeira. Há muitas razões para isto. Um sistema é geralmente mais fácil de se observar que uma história de reforçamento. O comportamento sumariado num comentário concomitante pode ser o comportamento terminal que mais adequadamente satisfaz um dado conjunto de contingências. Um desempenho terminal pode ser marcado por características permanentes, se bem que desnecessárias, resultantes de coincidência de contingências encontradas <i>en route</i>. E assim por diante.)</p>	<p>p. 280 §25</p>
	<p>As contingências são, às vezes, estudadas construindo-se um modelo de ambiente reforçador. Pode-se reagir ao modelo de uma maneira mais simples (por exemplo, verbalmente) e adquirir o comportamento apropriado mais rapidamente. Caso regras derivadas da exposição ao modelo provem ser úteis no ambiente, as contingências, entretanto, devem ser as mesmas, e um modelo será útil apenas se o sistema reforçador já tiver sido descrito. Ele é útil simplesmente ao facilitar a exposição às contingências e ao estudar as mudanças resultantes no comportamento.</p>	<p>p. 280 §26</p>

Anexo 2

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas nos Capítulos I, III e VI do livro de B. F. Skinner Contingências do reforço: uma análise teórica, 1984*.

	Muitos exemplos do comportamento na resolução de problemas seriam chamados <i>indução</i> . O termo se aplica, quer os estímulos que evocaram o comportamento apropriado a um conjunto de contingências sejam derivados de uma exposição às contingências, quer derivados da inspeção direta do sistema reforçador. Neste sentido, a indução não é derivada de uma regra geral de casos específicos, mas é a construção de uma regra que gera o comportamento apropriado a um conjunto de contingências. Regra e contingência são duas coisas distintas; não são afirmações gerais e específicas de uma mesma coisa.	p. 280-1 §27
	Resolver um problema é um evento comportamental. Os vários tipos de atividades que promovem o aparecer de uma solução são formas de comportamento. O curso seguido no movimento para a solução entretanto não reflete necessariamente um processo comportamental importante. Da mesma forma que há quase tantas "curvas de aprendizagem" quantas coisas a serem aprendidas, há quase tantas "curvas de resolução de problemas" quanto problemas. A lógica, a matemática e a ciência são disciplinas que se preocupam com as maneiras de solucionar problemas, e a história destas disciplinas narra maneiras pelas quais determinados problemas foram resolvidos. Por mais fascinante que isso possa ser, não é uma fonte primária de dados sobre o comportamento. Estratégias e exemplos nos quais estratégias tenham realmente sido usadas dão a mesma importância, quer um problema seja resolvido por um indivíduo, por um grupo, ou uma máquina. Assim como não focalizamos o modo pelo qual uma máquina resolve um problema para descobrir os princípios elétrico, mecânico, ótico ou químico sob os quais foi construída, assim também não focalizamos o modo pelo qual um homem ou um grupo resolve um problema para obtermos dados úteis no estudo do comportamento individual, comunicação, ou ação coordenada. Isto não quer dizer que não possamos estudar o comportamento do indivíduo, grupo, ou máquina para descobrirmos melhores formas de resolver problemas ou para revelar os limites das estratégias que tenham sido usadas ou os tipos de problemas que podem ser resolvidos.	p. 281-2 §30

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

Inter-títulos		Localização:
<i>O lado operante da terapia comportamental</i>	<p>Quanto mais variáveis das quais o comportamento é função são identificadas, e seu papel analisado, menos coisas restam para ser explicadas de maneiras mentalistas. Existem ganhos proporcionais na aplicação da análise. Sempre foi difícil realizar muitas coisas com os sentimentos e os estados da mente, por causa de sua inacessibilidade. As variáveis ambientais estão sempre ao alcance da mão.</p> <p>O contato entre a análise básica e sua aplicação é importante. Embora com frequência surjam novos fatos no curso da aplicação de uma ciência, a ciência em si mesma move-se mais rapidamente para um novo território. Segue-se uma revisão que eu realizei sobre práticas conhecidas na terapia comportamental decorrente do ponto de vista da análise do comportamento; nessa revisão eu discuto algumas questões teóricas correntes. Faço isso não para corrigir ou instruir os praticantes, mas para reenfatar alguns pontos. A análise experimental do comportamento está se desenvolvendo rapidamente, e a cada passo os princípios da terapia comportamental ganham autoridade. Comportamentos perturbados são causados por contingências de reforçamento perturbadoras, não por sentimentos ou estados da mente perturbadores, e nós podemos corrigir a perturbação corrigindo as contingências.</p>	<p>p. 102 §4</p> <p>p. 102 §5</p>
<i>Terapia comportamental respondente</i>	<p>A psicoterapia em geral se preocupa com sentimentos, ansiedade, medo, raiva e assemelhados. Um passo inicial em direção à terapia comportamental consistiu na noção de que o que foi sentido não foi um “sentimento” mas um estado do corpo. A questão foi levantada antes do advento do comportamentalismo por William James e Carl Lange. Lange procurou por estados possivelmente relevantes, mas James colocou o argumento na sua forma mais conhecida: nós não choramos porque estamos tristes, ficamos tristes porque choramos.</p> <p>Era necessário mais um passo. Nós não choramos <i>porque</i> estamos tristes ou sentimos tristeza <i>porque</i> aconteceu alguma coisa. Talvez tenha morrido um amigo. Precisamos saber algo sobre o evento precedente para podermos explicar tanto o choro como o estado sentido. Eis a posição comportamentalista: volta aos eventos ambientais antecedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. Para cada estado sentido e designado pelo nome de um sentimento, presumivelmente existe um evento ambiental anterior do qual esse estado é produto. A terapia comportamental se dirige mais pelo evento antecedente do que pelo sentimento.</p>	<p>p. 102-3 §6</p> <p>p. 103 §7</p>
<i>Terapia comportamental</i>	Os terapeutas preocupam-se tanto com o que as pessoas fazem quanto com o que elas sentem. Os	p. 103-4 §9

* Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

<p><i>operante</i></p>	<p>terapeutas comportamentais atribuem o que é feito a dois tipos de conseqüências seletivas: comportamento inato para a seleção natural, e comportamento aprendido para reforçamento operante. Uma dada instância é usualmente um produto de ambos em conjunto. Existe, por exemplo, um lado operante na emoção. O medo não é só uma resposta das glândulas e dos músculos lisos, mas também uma possibilidade reduzida de movimento em direção ao objeto temido e uma alta probabilidade de afastamento dele. O lado operante da raiva é uma grande probabilidade de causar dano a alguém e uma menor probabilidade de ser agradável.</p> <p>Entretanto, importantes questões são obscurecidas quando o comportamento é atribuído a estados da mente. Por exemplo, um operante é fortalecido quando uma resposta tem conseqüências reforçadoras, mas respostas subseqüentes ocorrem por causa do que aconteceu, e não do que vai acontecer. Quando dizemos que fazemos alguma coisa “com a intenção de produzir um dado efeito”, estamos atribuindo nosso comportamento, e o estado introspectivamente observado na ocasião, ao que aconteceu no passado.</p> <p><i>Expectativa</i> confunde os fatos da mesma maneira. Dando um exemplo operante, quando uma conseqüência reforçadora seguiu-se a algo que fizemos, dizemos que esperamos que ela aconteça novamente, depois que fizemos essa coisa outra vez. O que é introspectivamente observado é o estado corporal resultante da ocorrência passada. Quando um estímulo se seguiu freqüentemente a um outro, independentemente de qualquer coisa que tenhamos feito, dizemos que <i>esperamos</i> que o segundo estímulo apareça sempre que ocorrer o primeiro. Essa <i>expectativa</i> é um estado corporal resultante do condicionamento respondente.</p> <p>Termos para designar estados da mente nunca foram consistentemente utilizados. O sistema nervoso, que coloca nosso comportamento em contato com várias partes do nosso próprio corpo, não é muito eficiente, tanto porque evoluiu por outras razões, como porque não podemos observar vários estados corporais das outras pessoas, pelo menos enquanto estão vivas. Em qualquer caso, explicações dessa natureza devem, elas próprias, ser esclarecidas. Não progredimos explicando um estado da mente como o efeito de outro; precisamos nos voltar para algo que possa ser diretamente observado e, se possível, posto para funcionar. Certamente isso significa que as histórias genética e pessoal são responsáveis pelo comportamento e, conseqüentemente, pelos estados do corpo introspectivamente observados.</p>	<p>p. 104 §10</p> <p>p. 104 §11</p> <p>p. 104-5 §12</p>
<p><i>Alguns exemplos</i></p>	<p>O lado operante da terapia comportamental pode ser ilustrado considerando-se alguns problemas característicos em que O comportamento é atribuído a uma contingência de seleção natural ou ao reforçamento operante, e não a um estado de mente.</p>	<p>p. 105 §13</p>

* Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>O comportamento positivamente reforçado é em geral acompanhado por um estado que relatamos dizendo que estamos fazendo “o que queremos fazer”, “gostamos de fazer” ou “amamos fazer”. Existe uma razão especial pela qual tal comportamento é freqüentemente perturbador. O efeito reforçador de uma consequência particular pode ter se desenvolvido sob condições que já não vigoram. Por exemplo, a maioria de nós é fortemente reforçada por alimentos salgados ou doces, não porque grandes quantidades são atualmente boas para nós, mas porque alimentos salgados e doces foram escassos na história da espécie. Aqueles para quem, graças a variações genéticas, essas comidas foram especialmente reforçadoras, ficaram mais predispostos a comê-las e sobreviver. Assim, a suscetibilidade aumentada para o reforçamento conduziu à descoberta e ao processamento de vastas quantidades de comidas salgadas e doces; e hoje muitos de nós comemos demais dessas comidas e vamos procurar ajuda na terapia.</p>	<p>p. 105 §14</p>
	<p>Muitos problemas que exigem terapia têm origem numa falha de condicionamento operante em si mesmo. O processo possivelmente se desenvolve porque o comportamento foi fortalecido quando tinha importantes consequências para o indivíduo e para a espécie. Entretanto, o processo não poderia levar em conta a <i>maneira</i> como o comportamento produziu suas consequências. Era suficiente que as consequências se seguissem, mesmo apesar de ser produzidas por várias e diferentes coisas realizadas. O condicionamento ocorre quando as consequências reforçadoras se seguem por alguma razão, qualquer que seja ela.</p>	<p>p. 107 §19</p>
	<p>Consequências acidentais conduzem ao comportamento que chamamos superstição. Quando adoecemos, tomamos uma pílula ou realizamos um ritual e nos sentimos bem; dessa forma, tornamo-nos mais predispostos a tomar uma pílula ou a realizar um ritual quando ficamos doentes novamente, independentemente de esses eventos terem qualquer efeito real. As superstições podem se manter devido a outras razões. A terapia é frequentemente um modo de destruir os efeitos reforçadores de consequências acidentais.</p>	<p>p. 107 §20</p>
	<p>Os estados corporais resultantes da ameaça de punição são nomeados de acordo com sua fonte. Quando a punição advém de um igual fala-se de <i>vergonha</i> ; quando advém do governo, em <i>culpa</i>; e quando provém de uma instituição religiosa fala-se em <i>senso de pecado</i>. Um modo de esquivar-se é confessar e assumir a punição, mas, quando o comportamento sobre o qual uma punição atrasada foi contingente não é bem claro, a esquiva pode ser difícil. Contingências aversivas meramente acidentais geram inexplicáveis sentimentos de vergonha, culpa ou pecado; e então as pessoas tendem a procurar um terapeuta em busca de ajuda para livrarem-se deles.</p>	<p>p. 108 §22</p>
	<p>Aqui estão, portanto, alguns exemplos de contingências perturbadoras do reforçamento operante, juntamente com alguns “estados da</p>	<p>p. 108-9 §23</p>

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 – “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>mente” aos quais o comportamento é freqüentemente atribuído. Outros exemplos podem ser dados (a lista parece infundável), mas esses talvez sejam suficientes para mostrar a maior precisão e o maior potencial da análise operante. Isso não significa, porém, que os terapeutas comportamentais nunca devam perguntar a seus clientes o que eles estão sentindo ou pensando. A partir das respostas dos clientes é possível inferir alguma coisa sobre suas histórias, genética e pessoal. De fato, fazer tais perguntas é freqüentemente a única forma de que os terapeutas dispõem para aprender sobre uma dada história pessoal. Faltam-lhes as facilidades necessárias para investigações diretas, e investigar sem permissão é anti-ético. No entanto, perguntar sobre sentimentos e pensamentos é apenas uma conveniência – a verdadeira conveniência, de fato, que explica por que as pessoas têm perguntado sobre e por tantos séculos - e devemo-nos voltar para variáveis mais acessíveis se quisermos promover uma análise científica ou então usá-la para fazer alguma coisa em relação a problemas pessoais.</p> <p>O argumento para a terapia comportamental é essencialmente este: o que é sentido como sentimento ou introspectivamente observado como estado da mente são estados do corpo que são produtos de certas contingências de reforçamento. As contingências podem ser muito mais facilmente identificadas e analisadas do que sentimentos e estados da mente e, ao voltar-se para elas como coisas a ser mudadas, a terapia comportamental auferir uma vantagem especial. Entretanto, uma importante questão permanece para ser respondida. Como as contingências são mudadas?</p>		p. 109 §24
<i>Mudando as contingências</i>	<p>As condições das quais o comportamento é função são às vezes controladas nos lares, por exemplo, nas escolas, nos locais de trabalho, hospitais e prisões. Os terapeutas podem alterar essas condições para atender a seus objetivos, quando fazem parte da família, ou quando ensinam, empregam trabalhadores ou administram hospitais ou prisões. Profissionalmente, eles aconselham os que fazem essas coisas. Ajudam pais a lidar com seus filhos ou cônjuges a lidar com o parceiro; aconselham professores; recomendam novas práticas em hospitais e prisões. Eles podem fazê-lo porque algumas das condições sob as quais as pessoas vivem podem ser controladas.</p> <p>A palavra <i>controle</i> suscita uma questão familiar. Que direito tem o terapeuta de manipular as condições das quais o comportamento é função? A questão é mais freqüente quando se trata de conseqüências punitivas utilizadas pelos governos ou de reforçadores positivos utilizados pelo comércio e pela indústria. Se a questão não é endereçada com tanta freqüência aos psicoterapeutas, é porque estes não demonstram nenhum poder ameaçador ou porque, como Carl Rogers, insistem em que não estão exercendo</p>	p. 109 §25	p. 109-10 §26

* Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 – “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	absolutamente nenhum controle. A questão é mais dirigida aos terapeutas comportamentais porque eles são mais efetivos. Por exemplo, questiona-se a economia de vales em hospitais ou prisões, precisamente porque funciona. Comida mesmo institucional, é um reforçador e em geral pode ser tornada contingente ao comportamento. Ela pode ser manipulada para vantagem dos que são reforçados, mas talvez seja comum fazê-lo para resolver problemas de administração. A questão ética seria <i>cui bono</i> , ou seja, a quem esse sistema beneficia? O controle é ético se exercido para o bem do controlado.		
A Clínica	Lares, escolas, locais de trabalho, hospitais e prisões são ambientes nos quais as pessoas passam longos períodos de tempo. A terapia face a face, na clínica, é diferente. Apenas uma pequena parte da vida do cliente se passa na presença do terapeuta. Apenas alguns poucos reforçadores podem ser usados, e na maioria das vezes para reforçar o comportamento social, principalmente verbal. Ocorre uma grande quantidade de modelagem mútua em confrontos face a face.	p. 110	§29
	Entretanto, aquilo que o cliente faz na clínica não é a preocupação básica. O que lá acontece é uma preparação para um mundo que não está sob o controle do terapeuta. Em vez de arranjar contingências correntes de reforçamento, como acontece no lar, na escola, no local de trabalho ou no hospital, os terapeutas dão conselhos. O comportamento- modelo a ser copiado é uma espécie de conselho, mas o conselho verbal tem um escopo mais amplo. Ele pode assumir a forma de uma ordem (“Faça isto, pare de fazer aquilo”) ou pode descrever contingências de reforçamento (“Fazer isto provavelmente acarreta um efeito reforçador”, “Se fizer aquilo as conseqüências podem ser punitivas”).	p. 111	§30
	Tradicionalmente o conselho tem sido considerado como comunicação. Diz-se que algo chamado conhecimento do mundo é passado do falante para o ouvinte. Porém existe uma distinção útil entre conhecer por compreensão e conhecer por descrição. Conhecer porque alguma coisa que você fez teve conseqüências reforçadoras é muito diferente de conhecer porque você foi ensinado a fazer; é a diferença entre comportamento modelado por contingências e	p. 111	§31

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>comportamento governado por regras.</p> <p>Mas porque o conselho é seguido? As crianças freqüentemente fazem o que lhes é dito para fazer porque foram punidas quando não o fizeram; e algo desse tipo é sugerido na terapia, quando se diz que o terapeuta pode tornar-se uma figura de autoridade, talvez como o pai ou a mãe. Mas as crianças fazem o que é dito para fazer porque, quando o fizeram no passado, seguiram-se conseqüências reforçadoras. Pais que planejam conseqüências positivas dizem “recompensar” seus filhos por fazerem o que mandam. Professores planejam conseqüências similares, tais como elogios ou boas notas, para induzir seus alunos a estudar. Não existe conexão natural entre o comportamento e suas conseqüências, mas a prática é justificada com base nas conseqüências genuínas que vigorarão no mundo em geral. Nenhuma contingência dessa natureza é apropriada para a terapia. As conseqüências reforçadoras disponíveis para induzir os clientes a seguir conselhos devem ser descobertas fora da clínica.</p>	p. 111	§32
	<p>O conselho face a face pode, outrossim, assumir o formato de regra orientadora de ação efetiva. Os provérbios e máximas das culturas são regras desse tipo. Eles são especialmente úteis porque os terapeutas podem não estar disponíveis para ajudar quando aparecem novos problemas. Entretanto, todo problema pode ser resolvido mediante a aplicação de uma regra, e os terapeutas precisam ir um passo à frente e ensinar seus clientes a construir suas próprias regras. Isso significa ensinar-lhes algo sobre a análise do comportamento – uma tarefa usualmente mais fácil do que ensiná-los a alterar seus sentimentos ou estados da mente.</p>	p. 112	§34
<i>Saúde</i>	<p>Algo desse tipo é sugerido quando se diz que um certo tipo de personalidade ou neurose está associado a um tipo de doença física. Se os psicoterapeutas mudam personalidades ou neuroses, eles devem ser capazes de alterar a saúde. Mas a personalidade não explica nada, a menos que tenhamos explicado a personalidade, e na qualidade de um correlato interno do comportamento, a neurose não é mais útil aqui do que em outro lugar qualquer. A partícula <i>persona</i>, em personalidade, antigamente significava a máscara usada por um autor numa peça grega. Ela o definia como uma <i>persona dramatis</i>. A palavra <i>neurologia</i> foi inventada no início do século XIX, mais ou menos na mesma época em que surgiu <i>frenologia</i>. Os frenologistas apregoavam localizar traços de caráter no conjunto da estrutura do crânio. A neurologia penetrou ainda mais no âmago da estrutura do sistema nervoso. Os terapeutas comportamentais voltaram-se para as contingências de reforçamento responsáveis pelo comportamento que se diz explicar a personalidade, as neuroses, e assim por diante.</p> <p>Dizer, por exemplo, que a doença física é devida ao estresse não explica a doença nem explica como tratá-la, até que o estresse seja ele próprio explicado. Se as pessoas estão sob estresse porque estão sobrecarregadas, por exemplo, é a quantidade de coisas que fazem que deve ser alterada. Fazer algo em</p>	p. 112-3	§37
		p. 113	§38

* Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - "O lado operante da terapia comportamental" do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>relação à doença, que é consequência da <i>ansiedade</i>, exige que mudemos as circunstâncias aversivas responsáveis pelo que estamos sentindo. Algumas das doenças atribuídas ao <i>desencorajamento</i> ou ao <i>desespero</i> podem ser aliviadas através do restabelecimento de reforçadores perdidos, e doenças que são consequência da <i>hostilidade</i> ou do <i>medo</i> podem ser controladas através da eliminação de consequências aversivas, especialmente as que estão em mãos de outras pessoas. Afirmarões dessa natureza não ignoram os fatores genéticos. A terapia comportamental é limitada a mudanças que podem ser provocadas durante a vida da pessoa.</p> <p>O modo como as contingências de reforçamento operante afetam os processos fisiológicos é sem dúvida uma importante questão. As reações imunológicas podem, por exemplo, ser condicionadas nos moldes pavlovianos? O terapeuta comportamental deveria tentar fazê-lo? A fisiologia exerce uma especial atração sobre os que explicam o comportamento em termos mentalistas, porque esta parece mostrar o que realmente está acontecendo do lado de dentro, sobre o que realmente se está falando. Os psicólogos mentalistas voltaram-se para a ciência do cérebro por essa razão. Os terapeutas comportamentais podem também voltar-se para a fisiologia, se lhes falta confiança nos próprios métodos, mas esses métodos são absolutamente objetivos. Não se pode discutir a escolha da ciência médica como campo profissional nem o desejo dos filósofos de examinar suas mentes através da introspecção, mas todo terapeuta comportamental que, no afã de descobrir algum fato sobre o comportamento, recorrer a uma explicação fisiológica deverá ele próprio realizar estudos adicionais sobre o comportamento em si mesmo.</p>	<p>p. 113-4 §40</p>
<p><i>Sentir-se bem e estar bem consigo mesmo</i></p>	<p>As pessoas usualmente procuram a terapêutica médica ou comportamental em função daquilo que estão sentindo. O médico muda o que sentimos de maneiras médicas; os terapeutas comportamentais alteram as contingências das quais os sentimentos são função. A distância entre a terapêutica médica e a comportamental é parecida com a distinção entre sentir-se bem e estar bem. Uma pessoa sente-se bem quando sente seu corpo saudável, livre de dores ou doenças. Uma pessoa está bem consigo mesma quando sente um corpo positivamente reforçado. Os reforçadores positivos dão prazer. Dão prazer mesmo quando acidentais. (<i>Feliz</i> antigamente significava "sortudo".)</p>	<p>p. 114 §41</p>

* Edição consultada: Papyrus Editora, 1991, 3ª edição, tradutora: Anita Liberalesso Néri.

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - “O lado operante da terapia comportamental” do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>O estado referido com estar bem consigo mesmo é aparentemente uma forte probabilidade de ação e de estar livre de estímulos aversivos. Ficamos “impacientes” para fazer coisas que tiveram conseqüências reforçadoras e “nos sentimos melhor” num mundo em que não “temos” de fazer coisas desagradáveis. Dizemos que estamos aproveitando a vida ou que a vida é boa. Não temos queixas, porque queixa é uma espécie de comportamento negativamente reforçado, e não há reforçadores negativos. A terapia bem sucedida constrói comportamentos fortes, removendo reforçadores desnecessariamente negativos e multiplicando os positivos. Independentemente de as pessoas que tiveram comportamentos fortalecidos dessa maneira viverem ou não mais do que os outros, ao menos pode-se dizer que vivem bem.</p>	<p>p. 114 §42</p>
	<p>Algo desse tipo pode ser feito para todo mundo? Minha novela utopista, <i>Walden Two</i> (1948) [<i>Walden Two: Uma sociedade do futuro</i>, trad. De Raquel Moreno e Nelson Raul Saraiva, São Paulo, Herder, 1972], publicada há quarenta anos, foi uma antecipação ficcional daquilo que veio a ser chamado análise comportamental aplicada. Ela descreve uma comunidade em que instituições governamentais, religiosas e capitalistas são substituídas por controle pessoal face a face. Os novos membros começam seguindo regras simples, com o auxílio de instruções e aconselhamento, e seu comportamento é logo posto sob o controle de contingências sociais cuidadosamente planejadas. São utilizados os condicionamentos operante e respondente. As crianças aprendem a manejar suas emoções, por exemplo, através da dessensibilização. Há pouco ou nenhum reforçamento negativo ou punição. (Assaz curioso, vários críticos reclamam que os cidadãos de <i>Walden Two</i> eram excessivamente felizes.). Como todas as utopias, <i>Walden Two</i> tenta resolver os problemas da cultura, todos de uma vez, e não um a um. É provável que não consigamos nos direcionar para esse tipo de mundo melhor [<i>Walden Two</i>], mas, penso eu, é valioso tê-lo como um modelo. Todo o avanço em terapia comportamental vai nessa direção, porque ela começa mudando o mundo em que as pessoas vivem e assim, apenas indiretamente, o que elas fazem e sentem.</p>	<p>p. 115 §44</p>
	<p>Por milhares de anos os filósofos têm falado sobre o comportamento de pessoas com as quais não têm contato e sobre sentimentos e estados da mente sobre os quais não podem perguntar. Em lugar disso, eles têm descorporificado os eventos mentais e os têm discutido totalmente à parte das pessoas em que ocorrem. Disseram que a frustração engendra a agressão, que a avidez sobrepuja a cautela, que os ciúmes destroem o afeto. Afirmações desse tipo são extremamente comuns em discussões usuais do governo, da religião, da economia e das outras assim chamadas (se bem que neste caso mal- chamadas) ciências comportamentais. Ao rejeitar os sentimentos e estados da mente como causas iniciadoras do comportamento e ao se voltarem alternativamente para as condições ambientais responsáveis pelo que as pessoas sentem enquanto fazem algo, os analistas do comportamento, e junto com eles, os terapeutas comportamentais, puderam focalizar os problemas mais amplos do comportamento humano, de uma forma muito mais efetiva.</p>	<p>p. 115-6 §45</p>

Anexo 3

Prescrições sobre atuação em terapia comportamental encontradas no Capítulo 7 - "O lado operante da terapia comportamental" do livro de B. F. Skinner *Questões recentes em análise do comportamento*, 1991*.

	<p>Um problema de muito maior importância permanece sem solução. Antes de construir um mundo em que todos possamos viver bem, precisamos parar de construir um no qual será totalmente impossível viver. Essa questão é integralmente um problema de comportamento humano. Como induzir as pessoas a não consumir mais do que necessitam, como impedi-las de poluir desnecessariamente o ambiente, como fazer com que tenham apenas filhos suficientes para substituí-las e como resolver problemas internacionais sem o risco de uma guerra nuclear? As contingências sob as quais as pessoas vivem são mantidas pelos governos, religiões e empreendimentos econômicos, mas tais instituições, por sua vez, são controladas por conseqüências excessivamente imediatas, as quais são cada vez mais incompatíveis com o futuro do mundo. Necessitamos construir conseqüências relativamente imediatas para o comportamento humano, as quais devem atuar como atuariam conseqüências mais remotas se estivessem disponíveis aqui, hoje. Isso não será fácil, mas ao menos poderemos dizer que dispomos de uma ciência e de uma tecnologia que atendem aos nossos problemas básicos.</p>	p. 116 §46
--	--	------------

	AMBIENTE/ HISTÓRIA AMBIENTAL/ VARIÁVEIS AMBIENTAIS/ AMBIENTE NORMAL/ AMBIENTE PLANEJADO/ AMBIENTE ALTERADO/ AMBIENTE REFORÇADOR/ SOLUÇÃO AMBIENTAL HISTÓRIA ANTERIOR/ MUNDO QUE O PACIENTE SE ENCONTRA/ EVENTO AMBIENTAL ANTECEDENTE/ CONDIÇÕES AMBIENTAIS/ MEIO AMBIENTE	CONTROLE/ CONTROLADOR/ TÉCNICAS DE CONTROLE/ CONTROLE AVERSIVO/ AUTO- CONTROLE / CONTROLE DAS CONTINGENCIAS DE REFORÇO / SUBPRODUTO DE CONTROLE/ AGENTE CONTROLADOR/ CONTRA CONTROLE/ AGENCIA CONTROLADORA/ CONDIÇÕES CONTROLADAS	TERAPIA/ TERAPIA COMPORTAMENTAL/ TERAPEUTA/ TERAPEUTA COMPORTAMENTAL/ PSICOTERAPEUTA/ FIGURA CONTROLADORA/ PSICOTERAPIA/ PROCESSO TERAPEUTICO	CONTINGENCIA/ CONTINGENCIA REFORÇADORA/ CONTINGENCIA DE REFORÇO/ CONTINGENCIAS VERBAIS/ CONTINGENCIA DE REFORÇO SOCIAL/ CONTINGENCIA NORMAL DE REFORÇO/ CONTINGENCIA ENTRE RESPOSTA E CONSEQUENCIA/ PROPRIEDADES CONTINGENTES/ DESCRIÇÃO DE CONTINGENCIAS/ CONTINGENCIA DE SELEÇÃO NATURAL/ CONTINGENCIA AVERSIVAS/ CONTINGENCIA CORRENTE DE REFORÇAMENTO	REFORÇO/ REFORÇO CONDICIONADO/ REFORÇO CONTINGENTE/ REFORÇO BIOLÓGICO/ HISTÓRIA DE REFORÇO/ FREQUENCIA DO REFORÇO/ EFEITO REFORÇADOR/ ESTÍMULO REFORÇADOR/ REFORÇO INTERMITENTE/ REFORÇO NÃO CONTINGENTE/ REFORÇO DA AGRESSÃO/ REFORÇO TERMINAL/ SISTEMA REFORÇADOR/ REFORÇAMENTO OPERANTE/ REFORÇO PERSONALIZADO/ FONTE DE REFORÇO
C C H 1 9 5 3	p.401 §29	p.393 §6	p.393 §6		p.402-3 §31
	p.412 §61	p.401 §28	p.400 §26		p.417 §69
	p.412-3 §62	p.401 §29	p.401 §27		
	p.414 §65	p.401 §30	p.401 §29		
	p.415-6 §68	p.403 §32	p.402 §30		
		p.405 §37	p.402-3 §31		
		p.405 §38	p.403 §32		
		p.414 §66	p.404 §35		
		p.417 §70	p.404-5 §36		
			p.405 §38		
			p.406 §39		
			p.406-7 §40		
			p.412-3 §62		
			p.413 §63		
C R 1 9 8 4	p.180-1 §6	p.182 §10	p.188 §31	p.182 §11	p.181-2 §9..
	p.182 §11	p.187 §27	p.189 §36	p.182-3 §12	p.182 §10
	p.184 §16	p.188 §32	p.191 §43	p.184 §16	p.184 §16
	p.184-5 §19	p.217-8 §16		p.185 §21	p.188 §32
	p.188 §33	p.277 §14		p.186 §24	p.196 §53
	p.191 §43			p.187 §27	p.213 §4..
	p.215-6 §11			p.187-8 §30	p.214 §5..
	p.216 §13			p.188 §33	p.215-6 §11
	p.216-7 §14			p.188-9 §35	p.216 §12
	p.218 §18			p.189 §36	p.217 §15
	p.222 §31			p.191 §43	p.218 §18
	p.224 §39			p.196-7 §55	p.218 §19
	p.225-6 §46			p.215-6 §11	p.218-9 §20
	p.280 §24			p.221-2 §29	p.219 §21
	p.280 §26			p.222 §30	p.219-20 §23
				p.225 §43	p.220-1 §25
			p.227 §51	p.221 §27	
			p.227 §52	p.222 §31	
			p.276 §12	p.225-6 §46	
			p.277-8 §17	p.227 §51	
			p.279-80 §23	p.273 §3	
			p.280 §24	p.280 §24	
			p.280 §26	p.280 §25	
Q R 1 9 9 1	p.102 §4..	p.109 §25	p.102-3 §6	p.102 §5..	p.103-4 §9
	p.103 §7..	p.109-10 §26	p.103-4 §9	p.105 §13	p.105 §13
	p.104 §10	p.111 §30	p.107 §19	p.108 §22	p.105 §14
	p.104 §11		p.107 §20	p.109 §24	p.107 §20
	p.115-6 §45		p.108-9 §23	p.111 §30	p.110 §29
			p.109 §24	p.111 §31	p.113 §38
			p.109-10 §26	p.112-13 §37	p.114 §42
			p.110 §29	p.113-14 §40	
			p.111 §30	p.114 §41	
			p.112 §34		
			p.112-13 §37		
			p.113 §38		
		p.114 §41			
		p.114 §42			
		p.115 §44			
		p.115-6 §45			